

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



Dissertação

O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo: um estudo sociológico

Amanda Albuquerque Peres

Pelotas, 2024

Amanda Albuquerque Peres

O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo: um estudo sociológico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Rodrigo Cantu

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

P437c Peres, Amanda Albuquerque

O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo [recurso eletrônico] :
um estudo sociológico / Amanda Albuquerque Peres ; Rodrigo Cantu,
orientador. — Pelotas, 2024.

136 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em
Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade
Federal de Pelotas, 2024.

1. Psicanálise brasileira. 2. Campo social. 3. Campo psicanalítico. 4.
Sociologia. I. Cantu, Rodrigo, orient. II. Título.

CDD 150.195

Amanda Albuquerque Peres

O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo: um estudo sociológico

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 21 de fevereiro de 2024.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Rodrigo Cantu (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Documento assinado digitalmente

GABRIEL MOURA PETERS

Data: 11/03/2024 20:25:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gabriel Moura Peters. Doutor em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Prof^ª. Dr^ª. Simone da Silva Ribeiro Gomes. Doutora em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Às mulheres que me criaram
e à Vavá

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa, com o qual pude me dedicar exclusivamente à vida acadêmica. Agradeço pela oportunidade e espero que cada vez mais pessoas tenham acesso à educação pública e de qualidade, com o suporte econômico necessário.

Ao meu orientador, que acolheu com entusiasmo e respeito minhas ideias, além de ter me apresentado as ferramentas necessárias para a construção da pesquisa. Quando fiquei insegura e tive minhas “crises existenciais acadêmicas” (foram muitas), ele soube ouvir e apontar caminhos. Sem dúvida uma inspiração no meu percurso acadêmico.

Aos meus colegas, que se tornaram amigos e que deixaram esse percurso mais leve e divertido. Foi muito bom poder trocar com todos vocês e pertencer à nossa turma. Em especial, agradeço à Erlene Barbosa, companheira acadêmica de piadas, reclamações, alegrias e ódios compartilhados. Além disso, agradeço à Pierri Araújo, por ter ouvido todas as minhas ansiedades e inseguranças e por ter me ajudado a não desistir. Sem vocês não seria possível.

Aos amigos e familiares, que sempre acreditaram em mim e me deram forças para seguir em frente. Obrigada, Cátia, por ter dedicado tanto de sua vida a mim. Você é um grande exemplo. E obrigada, Julio Augusto, por acompanhar o desenvolvimento da dissertação desde o início e ajudar na parte complicada de matemática.

À Natália Rosa, minha analista, com quem pude compartilhar minhas conquistas e angústias ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Você sabe como esses dois anos de mestrado foram muito importantes para a minha constituição enquanto cientista, psicanalista e também enquanto sujeito e, sem dúvida, sua presença e apoio foram (estão sendo) cruciais nestes percursos.

Obrigada!

“Se todo passado passasse, nós não nos seríamos. Somos feitos de passados-ficados, que nos embrulham e, assim, nos fazem presentes” (Ana Suy)

Resumo

ALBUQUERQUE, Amanda Peres. **O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo: um estudo sociológico**. Orientador: Rodrigo Cantu. 2024. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o campo psicanalítico brasileiro e as disposições dos psicanalistas a ele pertencentes. A partir de uma revisão bibliográfica sobre a Psicanálise no Brasil, nota-se que as primeiras ideias psicanalíticas chegam ao Brasil no início do século XX, momento em que a Psicanálise é articulada às ambições, de partes das elites, de modernização do país. Ao longo do século, porém, ela se institucionaliza e realiza um movimento de fechamento em torno da clínica privada e de restritos grupos psicanalíticos. Este cenário passa a mudar na década de 1970, com a chegada de psicanalistas lacanianos argentinos e com o fortalecimento de outros grupos psicanalíticos situados fora da psicanálise dominante. A Psicanálise passa a ser mais plural e engajada politicamente, em especial nos últimos anos. Assim, a proposta deste estudo foi compreender a configuração do campo psicanalítico brasileiro atual, bem como as disposições dos psicanalistas. Para tal, recorreu-se a Pierre Bourdieu e sua teoria dos campos sociais para investigar a Psicanálise enquanto um espaço de posições relacionais, no qual os agentes disputam bens e recursos. Além disso, utilizou-se o conceito de disposições de Bourdieu para a investigação das disposições dos psicanalistas. A metodologia utilizada combinou a abordagem quantitativa e qualitativa. Primeiro, utilizou-se a Análise de Correspondências Múltiplas, intimamente relacionada ao pensamento relacional de Bourdieu, ela permite a visualização da estrutura do campo social e a identificação das oposições no campo. Em um segundo momento, baseado no resultado da primeira etapa, utilizou-se entrevistas semiestruturadas e fontes públicas para a apreensão da trajetória e das disposições dos psicanalistas. Em relação aos resultados, a Análise de Correspondências Múltiplas delineou as oposições centrais no campo psicanalítico brasileiro, revelando duas dimensões principais: a primeira dimensão concentrou-se nas propriedades acadêmicas e midiáticas, enquanto a segunda dimensão discerniu as oposições relacionadas à trajetória e filiação psicanalítica, distinguindo entre instituições ortodoxas e heterodoxas. As oposições identificadas propiciaram a caracterização de quatro perfis de psicanalistas: o ortodoxo com recursos limitados, o heterodoxo estabelecido com amplos recursos acadêmicos e midiáticos, o heterodoxo estabelecido com recursos acadêmicos intermediários e poucos recursos midiáticos, e o heterodoxo não estabelecido, com poucos recursos acadêmicos e midiáticos. Esses perfis refletem o panorama de disputas no espaço social, ecoando a história do campo. A partir dos perfis delineados, sete psicanalistas foram selecionados para a realização de entrevistas e aprofundamento de suas disposições. Os dados resultantes auxiliaram na maior compreensão do objeto estudado. Reconhecendo as limitações e apontando a importância de futuras investigações, a pesquisa contribui para o entendimento da Psicanálise no Brasil, bem como busca contribuir para o desenvolvimento da pesquisa sociológica.

Palavras-chave: Psicanálise brasileira; campo social; campo psicanalítico; Sociologia.

Abstract

ALBUQUERQUE, Amanda Peres. **The contemporary Brazilian psychoanalytic field: a sociological study**. Advisor: Rodrigo Cantu. 2024. 136 f. Dissertation (Masters in Sociology) – Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

The object of this study is the Brazilian psychoanalytic field and the dispositions of the psychoanalysts who belong to it. Based on a bibliographical review of psychoanalysis in Brazil, it can be seen that the first psychoanalytic ideas arrived in Brazil at the beginning of the 20th century, when psychoanalysis was linked to the ambitions of parts of the elite to modernize the country. Over the course of the century, however, psychoanalysis became institutionalized and was closed off to private clinics and restricted psychoanalytic groups. This scenario began to change in the 1970s, with the arrival of Argentinian Lacanian psychoanalysts and the strengthening of other psychoanalytic groups outside the dominant psychoanalysis. Psychoanalysis became more plural and politically engaged, especially in recent years. The purpose of this study was therefore to understand the configuration of the current Brazilian psychoanalytic field, as well as the dispositions of psychoanalysts. To this end, Pierre Bourdieu and his theory of social fields were used to investigate psychoanalysis as a space of relational positions, in which agents compete for goods and resources. Bourdieu's concept of dispositions was also used to investigate the dispositions of psychoanalysts. The methodology used combined a quantitative and qualitative approach. Firstly, we used Multiple Correspondence Analysis, which is closely related to Bourdieu's relational thinking and allows us to visualize the structure of the social field and identify oppositions in the field. Secondly, based on the results of the first stage, semi-structured interviews and public sources were used to understand the trajectory and dispositions of psychoanalysts. With regard to the results, the Multiple Correspondence Analysis outlined the central oppositions in the Brazilian psychoanalytic field, revealing two main dimensions: the first dimension focused on academic and media properties, while the second dimension discerned the oppositions related to psychoanalytic trajectory and affiliation, distinguishing between orthodox and heterodox institutions. The oppositions identified led to the characterization of four profiles of psychoanalysts: the orthodox with limited resources, the established heterodox with ample academic and media resources, the established heterodox with intermediate academic resources and few media resources, and the non-established heterodox with few academic and media resources. These profiles reflect the panorama of disputes in the social space, echoing the history of the field. Based on the profiles outlined, seven psychoanalysts were selected for interviews and in-depth analysis of their dispositions. The results helped us to gain a better understanding of the object studied. Recognizing the limitations and pointing out the importance of future research, the study contributes to the understanding of psychoanalysis in Brazil, as well as seeking to contribute to the development of sociological research.

Keywords: Brazilian psychoanalysis; social field; psychoanalytic field; Sociology.

Sumário

1 Introdução	11
2 A constituição do campo psicanalítico brasileiro	20
3 O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo	33
3.1 Sobre a amostra.....	33
3.2 Sobre os dados	35
3.3 Sobre o método.....	39
3.4 Resultados	41
3.5 Um olhar sociológico para o espaço social	54
3.5.1 O Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras: heterodoxia estabelecida e ortodoxia unidas.....	56
3.5.2 A questão Israel-Palestina e as diferenças entre ortodoxia e heterodoxia estabelecida.....	59
4 O campo psicanalítico brasileiro a partir das disposições dos psicanalistas	64
4.1 A psicanálise ortodoxa	67
4.1.2 A psicanalista ortodoxa com experiência acadêmica	68
4.1.2.1 Análise	73
4.1.3 A psicanalista ortodoxa com formação internacional	75
4.1.3.1 Análise	82
4.2 A psicanálise heterodoxa estabelecida com capital acadêmico intermediário e pouco capital midiático.....	84
4.2.1 O psicanalista lacaniano de esquerda	85
4.2.1.1 Análise	91
4.2.2 A psicanalista socialista ou a “ovelha arco-íris” da família	93
4.2.2.1 Análise	97
4.3 A psicanálise heterodoxa não estabelecida	99
4.3.1 O psicanalista ex-pastor ou o “erro na matrix”	100
4.3.1.1 Análise	108

4.3.2 A psicanalista humilde do interior.....	110
4.3.2.1 Análise	114
4.4 A psicanálise heterodoxa estabelecida com elevado capital acadêmico e midiático.....	116
4.4.1 O psicanalista da USP	117
4.5 Semelhanças e diferenças: uma breve comparação	120
5 Considerações finais	125
Referências	129
Apêndices	133
Apêndice A – Roteiro utilizado nas entrevistas	134
Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido	136

1 Introdução

Escolher a Psicanálise brasileira como objeto de pesquisa coloca alguns desafios à pesquisadora. Como veremos mais detalhadamente nas próximas páginas, a Psicanálise no Brasil não é regulamentada, pelo menos não enquanto uma profissão pelo Ministério do Trabalho e Emprego. De fato, ela está inscrita como uma ocupação livre na Classificação Brasileira de Ocupação (CBO), sob o código 2515-50¹. E o que isso significa? Em primeiro lugar, significa que a Psicanálise pode ser exercida livremente, não havendo nenhum diploma ou reconhecimento legal de quem pode ser ou não um psicanalista. Conseqüentemente, em segundo lugar, a diversidade de práticas que utilizam o rótulo de Psicanálise é quase infinita - desde a Psicanálise mais clássica até a recente Psicanálise cristã², por exemplo. Tudo isso significa que os limites do campo psicanalítico não são nada precisos. Assim, construir e apreender os contornos e a estrutura da Psicanálise no Brasil se torna uma tarefa um tanto trabalhosa.

Encarar esta tarefa e seguir em frente significou, assim como em toda pesquisa, fazer algumas escolhas teóricas e metodológicas que enfatizam certos aspectos e deixam de lado outros. Sendo assim, para tornar a pesquisa possível, seguimos caminhos que parecem possibilitar uma compreensão da Psicanálise no Brasil levando em conta sua constituição, trajetória e pluralidade. Partimos do pressuposto de que a Psicanálise se constitui enquanto um campo bourdieusiano e utilizamos alguns dos principais conceitos de Pierre Bourdieu para caracterizá-la desta forma. Logo, nos debruçamos sobre as diversas posições, disputas e bens materiais e simbólicos que fazem parte do jogo psicanalítico. E enfatizamos como os limites do campo são constituídos justamente nestas disputas.

Sendo assim, a questão que motiva esta pesquisa é a seguinte: a partir da concepção de campo de Pierre Bourdieu, quais são as propriedades do campo psicanalítico brasileiro e como este se estrutura? Com isso, pretendemos apreender

¹ A classificação e seus detalhes podem ser acessados em: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/251550-psicanalista>. Acesso em 19 set. 2022.

² Estamos cientes de que muitos psicanalistas diriam que isto “não é psicanálise”, mas é certo que grupos religiosos disputam pela existência da Psicanálise cristã. A disputa pela legitimidade e pelo poder nas diferentes esferas da vida social é, justamente, uma das características do que constitui um campo na concepção de Pierre Bourdieu. No caso da Psicanálise, também encontramos essas disputas.

e construir analiticamente o campo psicanalítico brasileiro e identificar como ocorre a estruturação das posições no campo.

Mas, não paramos por aí. Entendendo a complexidade do social e, por conseguinte, dos agentes e de seus *habitus*, também nos debruçamos sobre as disposições dos psicanalistas. Nesse sentido, analisamos as disposições dos agentes que compõem o campo e, assim, buscamos identificar a relação das disposições e a posição ocupada pelo psicanalista no campo, identificando as disposições anteriores ao campo psicanalítico e aquelas adquiridas a partir do campo.

A presença de psicanalistas em veículos de comunicação e em plataformas digitais, onde alcançam relevantes números de visualizações e seguidores, mais a criação de instituições, grupos e coletivos que visam levar a Psicanálise para as populações mais vulneráveis e democratizar o acesso à Psicanálise, são fenômenos que se revestem de importância e justificam o interesse sociológico pela pesquisa deste campo. O conhecimento psicanalítico portado por alguns agentes é visto de forma legítima e é requisitado para tratar de assuntos ligados à cultura, à política, à saúde e à sociedade em geral. Além de ocupar posições em meios de comunicação mais tradicionais, como os jornais que possuem grande circulação no país, os psicanalistas também possuem perfis e canais próprios, em importantes plataformas digitais. Dessa forma, a partir do conhecimento e da experiência adquirida no campo psicanalítico, estes agentes estão em posição de analisar e dizer sobre a coisa pública.

Além disso, não só nos meios de comunicação temos a presença de psicanalistas em contato com a dimensão pública. Se em meados do século XX a psicanálise dominante no Brasil se voltou para a clínica privada e adotou uma postura dita apolítica e neutra (Oliveira, 2017), a partir das décadas finais do mesmo século, outros grupos psicanalíticos – e depois a própria psicanálise dominante até então – começaram um movimento de maior engajamento político e social, com ações voltadas para os grupos mais vulneráveis e com atendimentos abertos à população (Vale, 2003). Sendo assim, além de projetos como os *podcasts* e os canais no YouTube que visam democratizar a Psicanálise retirando-a da posse de grupos restritos e disponibilizando-a a quem tem acesso à *internet*, também existem outras iniciativas que objetivam realizar intervenções sociais e levar o atendimento psicanalítico a pessoas mais pobres. Esse é o caso do movimento de psicanalistas que, a partir de 2014, criou coletivos com a intenção de tomar os espaços públicos e,

a partir de “clínicas abertas”, ofertar atendimento psicanalítico à população³. Estas clínicas surgiram nos últimos anos em algumas cidades do Brasil e vislumbram atendimentos gratuitos em espaços públicos, na tentativa de demonstrar que a Psicanálise não está apenas encerrada nos consultórios privados dos psicanalistas, mas também está no espaço público.

Com efeito, é inegável a relevância desta presença psicanalítica nos jogos de poder travados no espaço social. Com isso, a posse de uma certa forma de competência, reservada ao grupo de pessoas que se dispõe a adentrar o campo psicanalítico, e as implicações sociais dela derivadas, chamam a atenção da investigação sociológica. A investigação do tipo de recurso portado pelos psicanalistas, a forma como ele se distribui e as regras que regem os jogos internos ao campo psicanalítico, é relevante para a compreensão do fenômeno. Além disso, não só o campo e as propriedades deste devem estar sob a luz da investigação sociológica, também ressaltamos o valor da investigação e compreensão dos agentes que ocupam as posições no campo. As formas como eles se aproximam do campo e se apropriam dos recursos também devem ser levadas em conta. O conjunto de disposições dos indivíduos inseridos no campo psicanalítico merece ser estudado em sua complexidade.

Não obstante, notamos uma lacuna nos estudos sobre o campo psicanalítico na Sociologia brasileira. Em nossa empreitada, identificamos inúmeros trabalhos que têm como objeto a psicanálise, principalmente em sua historiografia, na área de psicologia, medicina e história. Para citar alguns, além dos já citados, temos: Alarcão e Mota (2019), tratando sobre a psicanálise em São Paulo entre 1926-1979; Castro (2017), tratando sobre a recepção da psicanálise no Rio de Janeiro entre 1908-1919; Figueira (1991), tratando sobre a psicanálise no século XX. Enfim, estes são apenas alguns dos vários estudos realizados por pesquisadores de outras disciplinas científicas. Já em relação às Ciências Sociais, não podemos deixar de mencionar, existe inúmeros trabalhos que buscam realizar um diálogo entre a sociologia e a psicanálise. Mesmo entre autores clássicos da Sociologia podemos observar esta interface entre as duas áreas, como é o caso dos trabalhos de Norbert Elias, fortemente influenciado pelas ideias freudianas.

³ Mais sobre este movimento e as clínicas abertas disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/clinica-aberta-e-o-analista-grupo-suas-transferencias-e-o-comum/>. Acesso em: 25 set. 2022.

Outros trabalhos sociológicos mais atuais podem ser encontrados em Lima (2009), no qual a autora estabelece um diálogo interdisciplinar entre as ciências sociais e a psicanálise, articulando conceitos da sociologia e da psicanálise freudiana para apreender o “objeto complexo indivíduo/sujeito”. A autora também faz uso de Bourdieu para tratar e delimitar a psicanálise e a sociologia como campos e então fazer suas articulações, porém não aprofunda este aspecto da pesquisa. Em trabalho mais recente, Lima e Andrade (2019) buscaram entrelaçar os conceitos de *habitus* de Bourdieu com o de identificação de Freud. Além deste trabalho, também temos Pontes (2011) que revisita, através da psicanálise, os trabalhos finais de Bourdieu e analisa os conceitos de *habitus* e de libido social. Por fim, como exemplo, temos Peters (2022), neste trabalho o autor trata, a partir de Foucault, sobre a violência da (in)compreensão da loucura e, entre outros pontos, faz críticas à forma como a psicanálise encarou e interpretou a loucura. Enfim, também temos trabalhos que tomam a psicanálise como objeto de estudo, como a pesquisa etnográfica realizada por Carvalho (1998), que trata sobre a trajetória da psicanálise no Brasil e sobre um caso específico em Espírito Santo.

Portanto, quando apontamos a lacuna nas pesquisas sociológicas sobre a Psicanálise contemporânea brasileira, nos referimos a trabalhos que tomam a Psicanálise e os psicanalistas como o objeto central de estudo. Apesar disso, não ignoramos a produção sociológica que busca realizar um diálogo entre conceitos sociológicos e psicanalíticos, a aproximação teórica entre os campos, ou mesmo de trabalhos sociológicos que abordam criticamente o conhecimento psicanalítico. Além disso, se os trabalhos feitos até então, dentro ou fora das ciências sociais, tomam a psicanálise como objeto, eles em sua maioria reconstróem o campo psicanalítico em seu início, durante o século XX e nos anos iniciais do século XXI. Nesse sentido, acreditamos que muitas transformações ocorreram nos últimos vinte anos, tornando necessário o estudo da psicanálise hoje, com suas novas configurações, disputas e agentes. Logo, conscientes de que o campo psicanalítico abrange inúmeras relações e posições, acreditamos na necessidade da realização de diversas pesquisas para dar conta deste amplo e complexo espaço social. Em vista disso, o que propomos aqui é um recorte específico e, deliberadamente, fruto de escolhas que se impõem sobre o processo de pesquisa, porém, que podem trazer contribuições para esta área do conhecimento.

Dessa forma, levando em conta o exposto, o objetivo geral foi identificar as propriedades e a estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo, bem como as disposições dos psicanalistas brasileiros. Para isto, tivemos como objetivos específicos identificar as propriedades do campo, apreender como o campo se estrutura, compreender a trajetória e as disposições dos psicanalistas e identificar a relação entre eles.

Para a realização da pesquisa, levantamos as seguintes hipóteses: conjecturamos que o campo psicanalítico brasileiro contemporâneo tem suas oposições estruturadas, em parte, em torno das instituições psicanalíticas de formação. Assim, parece existir uma divisão tripolar no campo, girando em torno das instituições mais antigas e tradicionais, das instituições mais ligadas à Universidade e às escolas lacanianas, e das instituições religiosas e integrativas, que nos permite conjecturar acerca do posicionamento político dos psicanalistas. Isto é, o posicionamento pode ir de mais conservador para mais progressista a depender da posição do agente em alguma das três regiões conjecturadas.

Como mencionado brevemente no título do trabalho e ao longo desta introdução, nossa pesquisa se baseou na teoria dos campos e de *Habitus* de Pierre Bourdieu. Nesse sentido, cabe detalharmos os seus pressupostos e conceitos. Portanto, Bourdieu busca superar perspectivas que reificam o social e o colocam como estruturas exteriores que se impõem sobre indivíduos passivos, mas também busca não cair em um subjetivismo, que vê o indivíduo como um ser racional e livre, capaz de tomar as próprias decisões sem nenhuma influência do social. Para tal, a proposta de Bourdieu é uma abordagem praxiológica do social, justamente por não ter como objeto de conhecimento apenas as estruturas ou as ações, mas as relações dialéticas entre as estruturas e as disposições estruturadas, estas como produto e causa das estruturas (Bourdieu, 1994). Ou seja, para Bourdieu as estruturas não são apenas estruturantes e exteriores aos agentes, elas operam através deles e são por eles estruturadas.

Logo, a forma de conhecimento praxiológico vê nas práticas sociais o produto dessa dialética, já que elas reúnem as condições objetivas da existência e as disposições subjetivas. Portanto, “o conhecimento praxiológico não anula as aquisições do conhecimento objetivista, mas conserva-as e as ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve que excluir para obtê-las” (Bourdieu, 1994, p. 2), isto é, a apreensão e teorização acerca do conhecimento prático do mundo social.

Assim, o desdobramento teórico que Bourdieu propõe para dar conta da articulação existente entre as estruturas objetivas e as disposições subjetivas resultam no conceito de *Habitus* que, em suma, expressa a internalização das condições sócio-históricas na subjetividade dos agentes, através da socialização, sob a forma de um conjunto de disposições mentais e corporais duráveis, isto é, como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações relacionadas às condições históricas de socialização. Assim, o *habitus* pode ser visto como a forma de articular estruturas estruturantes e estruturas estruturadas, pois, ele é a introjeção de propensões socialmente construídas e estruturantes, mas também é a exteriorização dessas disposições, exteriorização esta que é modificada pelo agente e que pode estruturar as estruturas. Carregamos as estruturas, mas também construímos as estruturas.

Outro ponto central que se relaciona intimamente aos esforços de superar a oposição - considerada artificial pelo autor - entre estrutura e ação, é a necessidade de efetuar-se um rompimento com o modo de pensamento substancialista, o qual reconhece a realidade como apenas o que se oferece diretamente aos sentidos e à experiência cotidiana.

Nessa perspectiva, não só devemos levar em conta a dialética entre as estruturas sociais objetivas e o *habitus* ou as disposições internalizadas, mas também como os agentes ou grupos e as posições na estrutura são definidos de maneira relacional. Ante o exposto, chegamos ao importante conceito bourdiesiano de campo. Este conceito corresponde ao momento mais objetivista da pesquisa e busca representar o espaço social como um espaço estruturado em torno de relações entre posições. Assim, as relações objetivas, que não se reduzem às interações, “são as relações entre as posições ocupadas nas distribuições dos recursos que são ou podem se tornar operantes, eficientes [...] na concorrência pela apropriação dos bens raros” (Bourdieu, 2004, p. 154) ao universo social estudado.

Em síntese, o campo é uma esfera da vida social que, progressivamente ao longo da história, se diferenciou e se autonomizou em torno de conteúdos, de relações sociais e de recursos próprios, e no qual os bens e recursos a ele particulares são distribuídos de maneira desigual, acarretando em diferentes posições no campo, a depender do volume e da estrutura do capital possuído. Ainda, o conceito de campo está intrinsecamente ligado ao conceito de *habitus*, que varia em função da posição ocupada no espaço social. Ao mesmo tempo em que o *habitus* produz práticas que

estruturam as estruturas, ele também é produzido pelas estruturas do campo social no qual está inserido e, assim, a maioria dos campos produzem seu *habitus* próprio⁴.

Além do *habitus*, algumas outras propriedades invariáveis podem ser encontradas em todos os campos, apesar das particularidades de cada um. Diante disso, e devido à visão agonística que Bourdieu tem da vida social, o campo literário, econômico, filosófico, religioso, por exemplo, podem possuir diferentes bens em disputa e diferentes grupos dominantes e dominados, entretanto, todos possuem disputas pelos recursos materiais e simbólicos, bem como a crença de que existe algo pelo o que disputar. Nas palavras de Bourdieu: “em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência [...]” (Bourdieu, 1983, p. 89).

Decorrente disso, cada campo possui capitais específicos, que são fundamentos do poder ou da autoridade, valiosos dentro de seus limites e convertíveis para outra espécie de capital sob certas condições. De acordo com Bourdieu (2004), dois importantes capitais podem ser identificados: o capital econômico e o capital cultural, “além do capital simbólico, forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas” (ibidem, p. 154). Aqueles que possuem o monopólio do capital específico de um campo tendem a estratégias de conservação, ligadas à defesa da ortodoxia, enquanto os agentes com menor capital tendem a estratégias de subversão, à heterodoxia (Bourdieu, 1983).

Em síntese, podemos pensar que os agentes em disputa no campo possuem um volume e uma estrutura de capital que determinam a posição que eles ocupam uns em relação aos outros, e aqueles que possuem o monopólio sobre o capital específico tendem a manter o jogo como está, enquanto os dominados do campo tendem à heresia e a tentativas de subverter a lógica e as posições do campo.

Além disso, como mencionado, outra propriedade dos campos é a crença no valor do que está em disputa, pressupondo um consenso entre os antagonistas acerca do que merece ou não ser disputado (Bourdieu, 1983). Bourdieu chama este interesse no jogo de *illusio*. A *illusio* é justamente estar interessado, estar tomado pela lógica do jogo. Dessa forma, “estar interesado es aceptar que lo que ocurre en un juego social dado importa, que la cuestión que se disputa en él es importante [...] y que vale la

4 Também vale mencionar que “um campo pode se contentar em acolher e em consagrar um certo tipo de *habitus* já mais ou menos integralmente construído” (Bourdieu, 2004, p. 90).

pena lutar por ella” (ibidem, p. 118). Assim como cada campo possui seu *habitus* próprio, seus bens e disputas, também possui uma forma específica de *illusio*, a partir de um reconhecimento tácito do valor do jogo e de um domínio prático de suas regras. E, ainda, o interesse específico é diferente para os diferentes agentes, a depender da posição que eles ocupam e da trajetória percorrida até a posição (ibidem).

Destarte, a estrutura do campo deve ser vista como um “estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores” (Bourdieu, 1983, p. 90). Ou seja, podemos imaginar o campo como um momento da dinâmica de disputas e acumulação de capitais. As posições dos agentes, seus bens e capitais e a relação de força entre estes agentes formam uma estrutura de relações objetivas com todas as propriedades já mencionadas. Ainda, outro aspecto relevante e que esperamos ter ficado claro ao longo do texto, é o caráter processual dessa dinâmica. A própria estrutura do campo está constantemente em jogo, as disputas giram em torno dos bens específicos do campo, por seu monopólio e, portanto, pela conservação ou pela subversão da estrutura da distribuição do capital específico (ibidem, p. 90). Ou também, complementando, pela mudança do próprio capital eficiente no campo.

Enfim, ao utilizarmos Bourdieu e suas noções de campo e de *Habitus*, buscamos apreender as condições e relações objetivas do campo psicanalítico, ao mesmo tempo em que levamos em conta as complexidades de cada ator em particular. Acreditamos na importância de analisar o objeto de estudo a partir de mais de uma perspectiva. Sendo assim, para a realização da pesquisa utilizamos uma metodologia quali-quantitativa e produzimos diferentes tipos de dados sobre a psicanálise brasileira e seus psicanalistas.

Primeiramente, através da abordagem quantitativa, empregamos a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) como ferramenta principal para entender a estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo. A ACM específica foi empregada para lidar com categorias de variáveis com frequência abaixo de 5%, tratando-as como passivas. A ACM permite explorar as relações entre variáveis e oferece uma representação espacial dos dados, o que está intimamente conectado ao pensamento relacional e topográfico de Bourdieu. Assim, compomos uma amostra com 110 psicanalistas, de maneira intencional e não probabilística, visando capturar a heterogeneidade do campo. A coleta de dados ocorreu por meio de diversas fontes,

como currículos Lattes, redes sociais, e eventos psicanalíticos, abrangendo o período de 2015 a meados de 2023. A partir dos resultados, fomos capazes de analisar a representação geométrica dos indivíduos e modalidades, os autovalores associados a cada eixo, e as contribuições individuais das categorias para a formação dos eixos.

Em uma segunda etapa, baseada nos resultados obtidos na ACM, empregamos uma metodologia qualitativa a fim de aprofundar nosso conhecimento acerca das disposições dos psicanalistas brasileiros. Assim, a partir da técnica da entrevista em profundidade e semiestruturada, realizamos 6 entrevistas. Ademais, devido a algumas limitações da pesquisa, fizemos o uso de fontes públicas para reconstruir com mais detalhes a trajetória de um psicanalista.

Apresentados os elementos principais da pesquisa, passamos agora à estrutura da dissertação. No segundo capítulo, que segue esta introdução, é feita uma reconstrução da constituição do campo psicanalítico brasileiro, para que, além de situar o leitor, possamos delimitar nosso objeto de pesquisa e torna-lo mais palpável. No terceiro capítulo, é feita uma investigação acerca da configuração do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo, no qual apreendemos as propriedades do campo e analisamos as oposições encontradas. Por fim, no quarto capítulo, de certo modo aprofundamos os resultados obtidos na etapa anterior, pois baseamos neles nossa análise. Assim, apresentamos as trajetórias dos psicanalistas pesquisados e analisamos suas disposições em relação às suas posições no campo psicanalítico. Dessa forma, esperamos contribuir para o entendimento da Psicanálise no Brasil e para o acúmulo do conhecimento sociológico.

2 A constituição do campo psicanalítico brasileiro

Pensar a Psicanálise brasileira enquanto um campo bourdieusiano requer que olhemos para a história de constituição do campo para que possamos entender seu desenvolvimento e suas dinâmicas. Além disso, para que a Psicanálise no Brasil possa ser vista como um campo, precisamos pensar em sua autonomia relativa, em sua estrutura hierárquica interna, isto é, em como estão estruturadas as posições no campo. Ainda, devemos identificar as disputas internas pelos recursos em jogo e a crença comum que mantém todos, mesmo aqueles que querem subverter a lógica do campo, imbuídos nas lutas pelos capitais. Nesse sentido, procuramos nesse primeiro capítulo apresentar a constituição do campo psicanalítico brasileiro, apontando algumas características que permitem reconhecê-lo enquanto um campo, para que no segundo capítulo possamos explorar a estrutura interna do campo e as suas disputas.

A Psicanálise surgiu no final do século XIX a partir dos esforços de Sigmund Freud e tem como um dos seus marcos, em 1900, a publicação do livro "A Interpretação dos Sonhos" (Freud, 2011a). Criada com a intenção de ser um procedimento de investigação do inconsciente, uma forma de construção de um corpo teórico metapsicológico e um método de tratamento das neuroses (Freud, 2011b), a Psicanálise passou por diversas mudanças e se expandiu enormemente. Hoje a Internacional Psychoanalytical Association (IPA), associação criada em 1910 com participação de Freud, reúne 11.877 membros e 5.462 analistas em formação ao redor do mundo, distribuídos em 51 países⁵. Além disso, mais de um século depois de sua criação, a Psicanálise possui um conjunto de escolas e de vertentes que refletem o desenvolvimento, a pluralidade e as disputas existentes dentro do campo psicanalítico.

Apesar de não ser a única associação internacional de psicanálise e não representar todos os psicanalistas do mundo, citamos a IPA pois ela teve uma significativa importância nos primórdios da Psicanálise e exerceu sua hegemonia e influência nas primeiras formações psicanalíticas ao redor do globo. Inclusive, a Psicanálise brasileira foi, por um tempo, monopólio de sociedades filiadas à IPA.

No Brasil, a institucionalização da Psicanálise e sua autonomização relativa em torno de práticas e crenças próprias ocorreu depois de várias décadas da chegada de

⁵ Os dados apresentados foram retirados do site oficial da *Internacional Psychoanalytical Association*. Disponível em: <https://pt.ipa.world/en/About/Societies.aspx>. Acesso em 19 set. 2022.

ideias psicanalíticas em terras brasileiras nas décadas iniciais do século XX. Inicialmente, no Brasil, a Psicanálise surgiu apenas como um conjunto de ideias difusas importadas a partir de importantes nomes da psiquiatria nacional (Russo, 1998). De acordo com a autora citada, nesse momento podemos pensar em uma “pré-história” da psicanálise brasileira, em que não existia uma preocupação com a formação de um corpo profissional de psicanalistas ou com a institucionalização desta área do saber. Além disso, os psiquiatras que se apropriaram do conhecimento psicanalítico naquele momento, fizeram uma combinação entre Psicanálise e preceitos higiênicos e eugenistas, ligando-a estreitamente a um projeto educativo-civilizatório para o desenvolvimento da nação brasileira (ibidem). Dessa forma, a entrada da Psicanálise no Brasil é marcada fortemente pelo contexto nacional e pelas ambições de elites em “civilizar” e modernizar o país, fazendo com que, mais do que uma terapêutica, ou uma área específica de práticas e conhecimento, a Psicanálise fosse utilizada a serviço da medicina higienista e das intervenções públicas no meio social.

Para entendermos melhor os preceitos higiênicos e eugenistas adotados pelo corpo médico da época, necessitamos retomar o contexto do final do século XIX e início do século XX no Brasil. Neste momento duas importantes transformações marcaram a sociedade brasileira: a abolição da escravidão e a proclamação da República, as quais implicaram em um movimento de mudança das ideias e concepções sobre o Brasil e o povo brasileiro (Torquato, p. 2015). Ao mesmo tempo em que, segundo a autora citada, a adoção formal do modelo republicano não foi capaz de alterar substancialmente as condições do país, a abolição da escravidão e o aumento da população em geral se tornou a questão mais aguda e preocupante no momento, devido à dificuldade em integrar o contingente de pessoas no projeto de nação ambicionado. Assim, nesse momento o Brasil enfrentava uma série de problemas relacionados ao processo de modernização, como o crescimento desordenado das cidades, a ausência de infraestrutura primária, a migração de diversos grupos para centros urbanos - estes sem condições de abrigar um grande número de pessoas - e um aumento das tensões sociais entre esses grupos, etc. Todas essas condições agravaram ainda mais as condições sanitárias dos centros urbanos e geraram respostas dos intelectuais e das elites governantes. A psicanálise, nesse contexto, ressoa no pensamento dos intelectuais da época e no desejo “de

contribuir para o debate das questões em torno da construção do Estado nacional” (Torquato, 2015, p. 56).

A medicina e as teorias higienistas da época entendiam que as doenças e epidemias eram frutos dessa desorganização social e do mau funcionamento da sociedade, sendo necessário a atuação dos profissionais sobre esses componentes urbanísticos e institucionais a fim de mitigar todo perigo possível (Mansanera; Silva, 2000). De acordo com as autoras, em 1923 foi realizado o I Congresso Brasileiro de Higiene, no qual o movimento higienista se colocou como um dos responsáveis pela proteção higiênica da coletividade, com uma série de medidas que visavam a “robustez do indivíduo e a virtude da raça”, pois “segundo a concepção higienista, não era possível fazer uma grande nação com uma raça inferior, eivada pela mestiçagem, como eram os brasileiros” (ibidem, p. 119).

Julio Porto-Carrero, um dos psiquiatras responsáveis pela importação das ideias psicanalistas, era um especialista na língua alemã, e não apenas possuía profundo conhecimento das ideias freudianas, como também as difundia ativamente (Torquato, 2015), segundo ele, o povo brasileiro teria dificuldade na sublimação das pulsões sexuais e, por consequência, na construção de uma civilização avançada, devido a mistura de raças:

Basta considerar que as civilizações são tanto mais adiantadas quanto maior é a capacidade de sublimação do homem, isto é, a sua faculdade de derivar para expressões mais elevadas de cultura os impulsos da sua libido [...]. Mas ao povo que ainda guarda no acervo arcaico do seu inconsciente os tabus ameríndios e africanos, transmitidos pelo germe, ou diretamente, ou indiretamente, através do contacto dos seus maiores com os escravos selvagens negros ou amarelos – a esse povo tem de ser difícil a complexa sublimação que lhe é mister fazer de um salto, quando as velhas civilizações a fizeram por evolução gradual e paulatina. Por isso é mais grave o problema entre nós (Porto-Carrero *apud* Russo, 1998, p. 97).

Outro exemplo, é o caso de Antônio Austregésilo, neurologista brasileiro e um precursor da psicanálise no Brasil, em seu livro “A Neurastemia sexual e seu tratamento”, ele diz:

Por toda parte do mundo civilizado, os higienistas e, ainda mais, os eugenistas, estão pregando doutrinas úteis ao equilíbrio de tão importante faculdade animal. Os Estados Unidos, a Inglaterra, a Suíça, esforçam-se com propagandas enérgicas e convenientes para melhorar a vida genital dos rapazes, das moças e da população em geral. O fito está no aperfeiçoamento das raças (Austregésilo *apud* Nunes, 1988, p. 83).

Portanto, o higienismo via na eugenia uma forma de lidar com o “problema” da composição racial brasileira. Torquato (2015) também enfatiza este viés racista do higienismo que atribuía à raça as mazelas da população e via como solução o aprimoramento racial dos brasileiros. Como muito bem colocado pela autora, ignorava-se os aspectos históricos e políticos dos problemas sociais enfrentados e imputava-se a causa dos problemas ao clima e a uma suposta inferioridade racial.

Assim, as tensões sociais e reveses econômicos não se davam por questões históricas ou políticas, mas se fundamentavam na formação étnica da população e no clima tropical: se nada poderia ser feito com relação ao clima, quanto ao problema racial poderia ser pensada uma solução [...]. Nesse sentido, a comunidade médica e científica empenhava-se na construção de um projeto civilizatório-educativo na primeira república. Tratava-se de educar a população a partir de uma concepção mais ampla de pedagogia moral e cívica: educar o povo indisciplinado, inculto, de maus hábitos (Torquato, 2015, pp. 51-52).

Em suma, foi nesse contexto que a Psicanálise foi sendo gradativamente apropriada por médicos e psiquiatras higienistas e eugenistas. Como a educação era vista em um sentido mais amplo, também como educação cívica e moral, tratava-se justamente de utilizar as ideias psicanalíticas para educar e disciplinar o povo visto como indisciplinado e inculto.

Ao mesmo tempo, por outro lado, as ideias psicanalíticas também circularam e se difundiram em outro contexto intelectual: a vanguarda modernista. De acordo com Facchinetti (2003), houve um embate pela hegemonia entre duas leituras que se configuraram como antagônicas e inconciliáveis, levando a dois modos distintos de uso instrumental da psicanálise. De um lado, encontramos o discurso psiquiátrico-higienista, com sua leitura reformista e universalizante da psicanálise; do outro, deparamo-nos com o discurso da vanguarda modernista, que interpretava a psicanálise como subversão dos códigos estabelecidos e busca do singular. Assim, os dois lados se desenvolveram a partir da tentativa de forjar o brasileiro desejado.

Embora grande parte dos intelectuais, nas primeiras décadas do século XX, reafirmassem a ideia de transformar o Brasil para civiliza-lo, existia uma parcela dos “homens de letras” que se posicionava de forma contrária à uma modernização acrítica, simplesmente importada da Europa (Facchinetti, 2003). E é justamente a partir disso que o modernismo se desenvolve e se estabelece, e se aproxima de algumas ideias freudianas.

Nessa inversão de eixos do biológico para o cultural, deve-se sublinhar a associação dos modernistas a Freud (que também havia se afastado do biológico ao inventar a psicanálise) para articular um pensamento novo sobre a realidade brasileira [...]. Com Freud, apesar de reconhecerem os avanços técnicos que facilitam a vida do homem moderno, tomaram consciência do ônus das exigências civilizatórias ocidentais na vida libidinal e no campo das subjetividades singulares, ao mesmo tempo em que denunciaram a fragilidade dos códigos fundamentados na ciência e na razão (Facchinetti, 2003, p.120).

Dessa forma, além da entrada da Psicanálise pela medicina, ela também circulou pela literatura e pela cultura no geral, no início do século passado. Este início parece ter marcado sua trajetória e desenvolvimento futuro, levando em conta que sua institucionalização e seu estado atual refletem não apenas os aspectos clínicos e terapêuticos da Psicanálise, mas também sua inserção no social e na política. Assim, nesse primeiro momento da Psicanálise no Brasil, podemos atestar uma forte heteronomia do campo, levando em conta que não existia um corpo de especialistas próprios ao campo, mas que a Psicanálise era uma extensão das discussões que ocorriam no corpo médico e intelectual da época.

A delimitação de um campo psicanalítico ocorreu após algumas décadas da circulação e difusão das ideias psicanalíticas pelo meio médico, intelectual e cultural. Segundo Oliveira (2002), o momento da institucionalização da Psicanálise ocorre de 1951 a 1969, período em que temos a fase de institucionalização nos moldes da IPA e, com isso, a criação de sociedades e grupos de formação e prática em psicanálise em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Assim, nessa primeira fase de institucionalização e autonomização do campo psicanalítico no Brasil existiu uma preponderância das sociedades psicanalíticas filiadas à IPA, que era caracterizada como a psicanálise “oficial” ou “verdadeira”. Apesar das disputas no meio psicanalítico, advindos de outras formas de ver e fazer a Psicanálise, os filiados à IPA adquiriram forte legitimidade no campo psicanalítico e construíram práticas clínicas muito rentáveis, passando de uma escuta analítica enraizada em uma tradição de clínica social para uma escuta analítica voltada para clientes com alto poder aquisitivo (Oliveira, 2017). Isto é, em um contexto de ditadura civil-militar e de um projeto econômico ambicioso, o Brasil viveu o “milagre econômico” que beneficiou apenas uma pequena parcela da população e aumentou as desigualdades sociais no país, assim, o extrato social beneficiário deste “milagre”, elitizado e intelectualizado, e também politizado, virou a principal clientela dos psicanalistas, afastando a psicanálise das intervenções sociais antes realizadas.

Nesse sentido, a partir desse contexto, conseguimos pensar no aumento de consumidores das produções simbólicas do campo, que faziam análise pessoal e também formações psicanalíticas nas instituições.

Nesse sentido, a carreira de psicanalista se tornava muito promissora e também fortemente elitizada. Segundo pesquisa de Candiota (*apud* Oliveira, 2017), em meados de 1970, os candidatos filiados à sociedade ipeísta de São Paulo representavam o extrato social mais elevado do estado, que correspondia a apenas 0,2% da população ativa do estado. Estes foram alguns fatores relevantes para a consolidação da imagem da psicanálise no imaginário social como uma “clínica para ricos” (*ibidem*).

Junto às instituições de formação e às práticas especializadas dos psicanalistas, que refletem a maior autonomização do campo, nesse período também foram criadas diversas esferas de consagração e legitimação internas ao campo, como premiações, revistas, congressos e eventos ligados à IPA. Citamos aqui a criação da Revista Brasileira de Psicanálise, que lançou seu primeiro número em 1967, momento em que também ocorreu a I Jornada Brasileira de Psicanálise (Galvão, 2016).

Outra característica marcante do campo nesse período, além de sua maior autonomização e elitização, é o posicionamento conservador e “apolítico” dos psicanalistas. Analisando a posição dos psicanalistas e das sociedades psicanalíticas filiadas à IPA durante a ditadura militar na década de 1970, Oliveira (2017) defende a tese de que, neste momento, houve um forte investimento na clínica privada e um afastamento do universo social e político, a partir de discursos que enfatizavam a “neutralidade” da psicanálise e a primazia do psíquico, da realidade interna, em detrimento da realidade externa. Logo, além de discursos defensores de uma postura neutra e apolítica no *setting* analítico, a pesquisadora também demonstra que a recusa da realidade política estava presente fora do *setting*, quando, por exemplo, no próprio estatuto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo era permitido a recusa, por parte da diretoria, a qualquer demanda de solidariedade.

A partir da década de 1970, já estabelecido um corpo de especialistas e de instituições próprias de formação e prestígio, ocorreu a expansão da Psicanálise para outras regiões do país e o aparecimento de outras vertentes psicanalíticas, situadas fora da IPA, junto com a emergência de outras formas de psicoterapias que não analíticas (Oliveira, 2002). Dessa forma, com a chegada de psicanalistas argentinos

que fugiam da ditadura militar e que tinham uma leitura psicanalítica lacaniana, a ambição de expansão e de monopólio sobre a transmissão da psicanálise das sociedades ipeístas foi mais fortemente contida (ibidem). De acordo com Oliveira, os psicanalistas argentinos vieram somar e dividir espaço com os psicanalistas lacaniano brasileiros, que desde o início dos anos 1970 tentavam se constituir no país. Portanto, a partir da década de 1970 podemos pensar em uma intensificação das disputas internas ao campo e em uma transformação na lógica que vinha sendo dominante até então, de uma Psicanálise conservadora baseada nos moldes da IPA, para uma Psicanálise mais plural e aberta ao diálogo com outros campos, além de progressista.

Em suma, outros atores passaram a ganhar força, gradativamente, ao longo dos anos 1970, em consonância com a redemocratização do país, momento em que houve diversos questionamentos quanto às sociedades ipeístas brasileiras e denúncias contra alguns de seus membros. Oliveira (2017) traz alguns desses acontecimentos e enfatiza que este período abriu processos internos e externos que repercutiram por anos (e ainda repercutem) nas instituições psicanalíticas.

Ao tratar sobre esse período da psicanálise no Brasil, Santos (2019) destaca como manter uma formação, seguindo as regras da IPA, acabava se tornando muito caro em termos financeiros, redundando em uma elitização da Psicanálise. Assim, alternativas começaram a surgir, como cursos que tinham como objetivo formar “psicoterapeutas de orientação psicanalítica” e que, no entanto, indo na contramão da formação dita “oficial”, eram vistos como não sendo Psicanálise. Além dessas iniciativas, para o autor outros fatores tiveram um papel na mudança da Psicanálise na década de 1970, como o incremento da demanda por tratamento psicológico ou psicanalítico e, com isso, a necessidade de mais profissionais, e a ditadura militar, que embora não tenha obtido o apoio explícito dos psicanalistas dominantes, obteve uma postura de suposta neutralidade. Portanto, a partir de denúncias de psicanalistas que se opunham ao regime militar e às polêmicas envolvendo alguns membros das sociedades psicanalíticas oficiais, a situação dominante de alguns grupos psicanalíticos brasileiros foi abalada, gerando instabilidade e permitindo o advento de novas práticas e regras no cenário psicanalítico (Santos, 2019).

Um dos acontecimentos marcantes que intensificou a “crise” das instituições filiadas à IPA foi a reportagem publicada pelo Jornal do Brasil em 1980, intitulada “Os Barões da Psicanálise” (Campos; Santana, 2015). Psicanalistas membros da

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro fizeram denúncias ao Jornal que tiveram ampla repercussão no campo psicanalítico e na imprensa como um todo.

Na matéria, os psicanalistas Eduardo Mascarenhas, Wilson Chebabi e Hélio Pellegrino denunciavam, por meio de entrevista, aspectos internos das instituições psicanalíticas, como: a “gerontocracia” nas Sociedades, o “falso apoliticismo”, o elitismo, o alto custo da análise e o pouco conhecimento, entre os psicanalistas, das obras de Freud (Campos; Santana, 2015, p. 2).

Além disso, outro acontecimento colaborou para dar continuidade e intensificar ainda mais a crise nas instituições ipeístas: o caso Amílcar Lobo. Denunciado como torturador em 1973 nas instâncias da IPA pela analista Helena Besserman, Amílcar Lobo trabalhava no Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) e fazia formação psicanalítica na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (Oliveira, 2017).

[...] ele foi defendido com veemência pelo seu analista assim como por representantes das instituições envolvidas no processo. Para Zimmerman, por exemplo, essas acusações eram “falsas e destituídas de qualquer fundamento”, ou ainda “fruto de boatos infundados”, o “caso” não passando de “calúnias”, “rumores destinados a destruir uma instituição que cresce e se desenvolve” (citado em Sérió, 1998, p.470). Por consequência, instaurou-se o silêncio sobre o caso, ao mesmo tempo em que sua denunciante, a analista Helena Besserman Vianna (1994), passou a ser perseguida internamente e pela repressão (Oliveira, 2017, p. 84).

A denúncia só chegou ao público geral a partir de 1981, quando O Globo veiculou outra denúncia, dessa vez da presa política e sobrevivente Inês Etienne Romeu, na qual ela denunciava a presença de Amílcar Lobo no DOI-Codi sob o codinome de “Dr. Carneiro” (Campos; Santana, 2015). Estes e outros acontecimentos foram minando a hegemonia no campo psicanalítico das sociedades filiadas à IPA e abrindo espaço para outros grupos que disputavam pela transformação do campo e pelo reconhecimento e prestígio. Assim, os lacanianos foram muito importantes nesse momento.

De forma breve, cabe lembrarmos que Jacques Lacan foi um psicanalista francês que rompeu com a IPA em 1967, devido suas críticas ao *modus operandi* da Associação e de suas extensões pelo mundo (Santos, 2019). O psicanalista francês gerou um importante abalo na Psicanálise francesa e quebrou a hegemonia ipeísta na França, possibilitando a emergência de novas instituições e de novos modelos de formação. No Brasil, a adesão à Lacan foi favorecida pela valorização, já existente

aqui, do pensamento francês – lembrar da fundação da Universidade de São Paulo (USP) e a influência francesa nesta; e pela oposição de Lacan ao autoritarismo da IPA, associado aqui ao autoritarismo da ditadura militar (Vale, 2003). Logo, aqueles psicanalistas contrários ao Regime militar e críticos às sociedades filiadas à IPA poderiam ver na Psicanálise lacaniana uma forma de contestação política.

De acordo com Santos (2019), a entrada da teoria lacaniana no país trouxe, em especial, a desmedicalização da psicanálise, novas formas de compreender a extensão da clínica psicanalítica e a ressignificação do que se entendia por psicanálise de forma geral. Outrossim, sem a exclusividade reservada aos médicos, critério da formação pela IPA, ocorreu uma visível abertura da Psicanálise a um maior número de pessoas, tanto como analistas quanto como analisandos. Nesse processo, além de inovarem na divulgação do pensamento lacaniano, estes psicanalistas também mantinham relações com a mídia, diferentemente das sociedades filiadas à IPA, e participavam de atividades nas universidades, algo até o momento atípico (ibidem). Ademais, apesar da proliferação dos grupos lacanianos de maneira intensa na década de 1980, Vale (2003) sublinha que, a despeito de toda a mobilização institucional do movimento lacaniano brasileiro, uma forte característica dele era a instabilidade de seus agrupamentos, feitos e desfeitos e recombinações de forma relativamente rápida.

De todo modo, a entrada do pensamento lacaniano no Brasil foi importante para uma maior democratização da psicanálise, criando a possibilidade de não ser mais necessário o diploma de médico para realizar a formação, junto com uma maior inserção dos psicanalistas lacanianos na sociedade, através de atividades abertas ao público, da presença de psicanalistas nas universidades e do diálogo travado com a mídia brasileira.

Para Santos (2019), a proposta lacaniana se coloca como uma forma de horizontalizar a psicanálise, mas, citando Russo, ele não deixa de lembrar que, se depois da entrada da teoria lacaniana em território brasileiro o diploma de médico não era mais o que permitia alguém acessar ou não à formação psicanalítica, a complexidade do pensamento lacaniano e a necessidade de uma ampla bagagem cultural para a compreensão da teoria de Lacan, também acabaram gerando dificuldade no acesso devido às desigualdades brasileiras.

Em suma, destacamos que nesse período de pluralização da Psicanálise e de mudança na lógica interna do campo, ocorreu uma maior abertura da Psicanálise à

sociedade brasileira e outros capitais passaram a ser relevantes no campo, para além daqueles ligados às sociedades ipeístas. As formações fora do Brasil, inclusive com o próprio Lacan, passaram a representar uma moeda importante para o prestígio no campo, assim como as relações estabelecidas com as universidades, estrangeiras e nacionais. Além do maior engajamento de psicanalistas em pautas políticas e culturais, que passou a ser um indicativo de reconhecimento ao psicanalista.

Em decorrência de toda essa movimentação dentro do campo psicanalítico, as antes hegemônicas sociedades psicanalíticas passaram por processos de abertura e de transformação. A mais antiga sociedade reconhecida pela IPA no Brasil, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, organizou em 1995 seu II Encontro Bienal, no qual permitiu a participação de pessoas externas à Sociedade e respeitou a manifestação de diversas abordagens psicanalíticas, inclusive aquelas com conexões com outros campos de conhecimento (Vale, 2003). Além do mais, devido ao avanço da Psicologia no país, a partir da regulamentação da profissão em 1962, antes a formação psicanalítica permitida, de modo geral, apenas aos médicos, também se estendeu aos psicólogos. Assim, para Vale (2003), existiu um interesse dos psicólogos em se juntar aos médicos pelo monopólio do exercício da psicanálise nas sociedades brasileiras filiadas à IPA. O que, cabe notar, se mantém até os dias atuais na maior parte das sociedades ipeístas brasileiras.

Assim, a partir dos anos 2000, segundo Vale (2003), passaram a existir diversas tendências institucionais no Brasil, entre elas: as sociedades filiadas à IPA, os grupos lacanianos, o Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo - recorte regional feito pela autora, que representa as instituições independentes que oferecem Psicanálise para psicólogos - e a livre formação. Cada uma delas possuindo particularidades quanto à forma de ensino, ao valor de acesso, à organização, etc. Atualmente, as sociedades ligadas à IPA, as escolas lacanianas, os institutos no estilo do Sedes Sapientiae e a formação livre continuam opções aos futuros analistas. Entretanto, com a consolidação da pluralização do campo e com mudanças mais recentes na lógica do campo, devido a transformações políticas e de saúde externas ao campo, acrescentamos outras possibilidades para além das citadas.

Primeiramente, fora dos grupos hegemônicos da Psicanálise brasileira, instituições religiosas ofertam, desde os anos 1990, formações psicanalíticas (Lopes, 2019). Segundo o autor citado, em dezembro de 2000 foi encaminhado ao Congresso Nacional um projeto de lei que tratava sobre a regulamentação da psicanálise no

Brasil, bem como em 2003, quando novo projeto, com o mesmo teor, foi encaminhado ao Congresso, também com apoio das mesmas instituições religiosas.

Foi o pastor evangélico e deputado federal Eber Silva (PDT-RJ) quem, em 13/12/2000, apresenta na Câmara o projeto de lei nº 3.944, que trata da regulamentação da profissão de psicanalista. Nesse projeto, o exercício profissional da psicanálise deveria ser pautado por um estatuto único, cabendo ao MEC definir um currículo mínimo, estágios, a questão da análise didática, etc., ficando os Conselhos Federal e Estaduais de Medicina responsáveis por fiscalizar essas entidades de ensino. Havia a prerrogativa de que as sociedades psicanalíticas pré-existentes a essa legislação ficariam de antemão reconhecidas. O que mudaria seriam os critérios para a criação de novas entidades de formação. O projeto sofreu grande rejeição por diferentes grupos de psicanalistas e acabou arquivado. Ademais, era sabido que o grande sustento do projeto vinha da SPOB, a Sociedade Brasileira de Psicanálise Ortodoxa (Binkowski, 2019, n.p).

Sabemos que nenhum projeto teve êxito e até hoje não existe nenhuma regulamentação da profissão de psicanalista. De qualquer forma, desde o final do século XX até os dias atuais, grupos religiosos entram nas disputas do campo psicanalítico. Para Binkowski (2019), o neopentecostalismo que surgiu depois dos anos 1970, conforme se aproximava o milênio, parte de uma orientação de “disciplinar a sociedade” através dos preceitos evangélicos. Assim, pregando a ideia de um engajamento para a transformação política e moral do mundo, o neopentecostalismo se aproximou da Psicanálise. A Psicanálise, unida aos princípios evangélicos, passou a ser vista como uma arma teológica, moral e espiritual (ibidem).

Foi assim que tivemos, especialmente no Brasil, uma entrada massiva de evangélicos na política, na mídia, na indústria musical, numa verdadeira Guerra Santa em que a violência é autorizada em nome de Deus [...]. No entanto, os articuladores desse movimento evangélico pertencem, normalmente, às camadas sociais mais favorecidas e que acabam, em seu proselitismo-militante, nessa Guerra Santa, amealhando os lucros e louros para si, num projeto de poder desenfreado. Parece-nos, e aí entramos na zona das hipóteses ainda iniciais, que a psicanálise entra como fundamento de discurso e arcabouço técnico, como um discurso disciplinar, moralizante e bastante efetivo para lidar com o sofrimento subjetivo dessa população mais sofrida. A “psicanálise” vira um nome da máquina de guerra da conquista de território, das almas, da população (Binkowski, 2019, n.p).

Toda essa movimentação evangélica gerou como resposta a criação do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (MAEP). O MAEP foi criado em 2000, a partir da reunião de diversas entidades psicanalíticas, com o objetivo comum de fazer frente às tentativas de regulamentação da psicanálise por tais grupos religiosos.

Recentemente, o MAEP também se posicionou contra a criação da graduação em psicanálise, promovida pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER)⁶. No segundo semestre do ano de 2021, a UNINTER lançou a primeira graduação em Psicanálise do Brasil, significando mais um ponto de disputas dentro do campo. De acordo com a universidade privada em questão, o curso de bacharelado em Psicanálise foi aprovado pelo Ministério da Educação, com duração de quatro anos, na modalidade de Educação à Distância e com uma carga horária de 3.200 horas. Assim, o curso visa formar profissionais bacharéis em psicanálise, capazes de atuar de diversas formas, tanto em empresas que atuam na prevenção e tratamento da saúde mental, bem como profissionais autônomos, na clínica privada⁷. Assim, a graduação em Psicanálise criada se constitui como outra possibilidade dentro do campo, para além das citadas por Vale (2003).

Para além da formação, outras formas de atendimento e prática da Psicanálise surgiram nos últimos anos, este é o caso da Psicanálise que é exercida em locais públicos. Este tipo de iniciativa, de caráter eminentemente interventivo e político, surgiu em 2016, a partir do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e, conseqüentemente, da transição para um projeto de Estado cada vez mais liberal e conservador (Queiroz, 2020). Assim, em 2016 foi criada a Clínica Pública de Psicanálise de São Paulo, onde os idealizadores do projeto, impulsionados pelo contexto político do país, buscaram explorar o papel da Psicanálise como um instrumento de emancipação e também de ocupação do espaço público, oferecendo atendimento gratuito em ambientes outros daqueles inicialmente pensados para o tratamento e escuta psicanalítica (ibidem). Com o passar do tempo, a iniciativa foi ganhando mais adeptos e outros grupos surgiram em outras partes do Brasil, como em Brasília e Porto Alegre, por exemplo. Enquanto a Clínica Pública de São Paulo possui um espaço próprio para a realização dos atendimentos, o Psicanálise na Rua de Brasília realiza os atendimentos na rodoviária da cidade, e o Psicanálise na Praça de Porto Alegre, realiza os atendimentos na Praça da Alfândega. Isto é, não existe um

⁶ Para o posicionamento completo do Movimento Articulação, conferir o comunicado acerca da formação em psicanálise. Disponível em: <https://appoa.org.br/movimento/nota-tecnica-sobre-cursos-de-graduacao-em-psicanalise/2018>. Acesso em: 1 ago. 2022.

⁷ Informações retiradas do site oficial da UNINTER. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/uninter-lanca-primeira-graduacao-em-psicanalise-do-brasil>. Acesso em: 1 ago. 2022.

modelo de como essas iniciativas devem ocorrer, apenas o objetivo em comum de oferecer atendimento psicanalítico gratuito.

Em suma, embora a Psicanálise se institucionalize e se autonomize no país a partir das sociedades ligadas à IPA, hoje existem psicanalistas ligados a diferentes correntes teóricas e instituições, bem como aqueles que não passam por formação institucional e fazem a formação de forma independente. O que costuma se manter, apesar da variação das maneiras de formação, é o consenso no campo em torno do chamado “tripé de formação”, composto pela própria experiência de análise pessoal, do estudo da teoria psicanalítica e do atendimento de casos sob supervisão de um outro analista⁸. Esta questão se reveste de importância a partir de uma perspectiva bourdieusiana, na qual não apenas as disputas e oposições são relevantes, como também a crença comum que mantém os interesses dos agentes minimamente alinhados. Assim, além das disputas e oposições, parte importante deste trabalho será também apreender e aprofundar esse aspecto do campo.

Tendo em mente a configuração da Psicanálise brasileira traçada até aqui, nos chama a atenção as disputas entre os agentes em torno de questões como a formação dos psicanalistas e a forma mais legítima de Psicanálise, bem como em torno do lugar que deve ser ocupado pela psicanálise no espaço político e social. Ora como instrumento de moralização e disciplina no projeto de nação moderna, ora como competência exclusiva de grupos restritos e voltada à clínica privada, ora como politicamente engajada e praticante de intervenções sociais, ora como prática realizada por grupos religiosos, a Psicanálise no Brasil se constitui como um campo com constantes disputas que, pela sua relevante posição na cena pública, merece a atenção dos sociólogos.

Enfim, todos os desdobramentos que ocorreram ao longo dessas décadas, desde a entrada da Psicanálise no Brasil, parecem colaborar para a delimitação da Psicanálise enquanto um campo relativamente autônomo. A partir da exposição feita esperamos conseguir demonstrar isto. Assim, passamos para a discussão do estado do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo.

⁸ Mais sobre a formação psicanalítica e sobre este consenso pode ser encontrado no dossiê feito pela revista Cult acerca da formação psicanalítica no Brasil (REVISTA CULT, 2022).

3 O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo

Este capítulo aborda o campo psicanalítico brasileiro contemporâneo por meio de uma pesquisa quantitativa. O propósito principal é delinear a estrutura multifacetada desse campo, levando em consideração a diversidade de princípios que definem o objeto de estudo e as controvérsias sobre sua delimitação. Nesse sentido, a escolha da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) como método facilita a exploração das relações entre variáveis, proporcionando uma representação espacial dos dados. Essa abordagem quantitativa visa identificar padrões e oposições no campo, oferecendo uma compreensão aprofundada da estrutura e dinâmica do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo. A constituição da amostra, dos dados e a interpretação da estrutura do espaço social serão detalhados a seguir.

3.1 Sobre a amostra

A fim de elaborar um quadro da estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo foi construída uma amostra intencional, não probabilística, para explorar diferentes perfis de agentes, levando em conta a multiplicidade dos princípios de definição do objeto estudado e a contestada delimitação do campo. Nesse sentido, a amostra foi constituída de forma a reunir agentes que contemplassem as diversas regiões do espaço psicanalítico brasileiro. Ou seja, para os objetivos em questão, mais do que uma amostra representativa estaticamente, optamos por captar a heterogeneidade do campo. Dadas as particularidades do objeto de pesquisa, foram utilizadas diversas fontes para a construção da amostra: trabalhos acadêmicos, participações em palestras, em cursos e em eventos psicanalíticos, redes sociais etc. Dessa forma, como a estrutura de um campo está intrinsecamente ligada à sua trajetória, foi necessária uma primeira construção e análise do campo estudado a partir da bibliografia disponível. Através do material encontrado foi possível traçar algumas características do campo e identificar agentes pertinentes para a pesquisa. Junto a isso, a participação direta em atividades do campo psicanalítico serviu como outra importante fonte para contribuir nesta tarefa.

Logo, foram selecionados indivíduos com características variadas que tiveram seus nomes frequentemente citados na bibliografia consultada, que foram utilizados ou citados como referências na área, que obtiveram destaque nas mídias, bem como

aqueles mais às margens, menos conhecidos ou reconhecidos. Isto justifica nossa escolha pela inclusão de indivíduos que reivindicam a denominação de psicanalistas cristãos ou de psicanalistas integrativos. Como identificado na análise preliminar do campo psicanalítico brasileiro, a junção de psicanálise e cristianismo ou de algum tipo de espiritualidade é veementemente negado e criticado pelos grupos dominantes. De fato, parece existir um consenso fortemente estabelecido em relação a determinadas regras, que coloca a união da psicanálise a práticas religiosas/espirituais do lado “de fora” do campo psicanalítico.

Longe de defendermos a psicanálise cristã ou integrativa e a consagração dela no campo, apenas levamos em conta uma característica fundamental do campo enquanto uma disputa por posições, recursos e prestígio. Com isso, não podemos deixar de reconhecer a existência de agentes que disputam pela significação do que é a psicanálise e pelas regras e contornos do próprio campo. Identificar e elaborar a estrutura do campo psicanalítico brasileiro em sua heterogeneidade passa justamente por este ponto.

Sendo assim, a par destas particularidades, a amostra constituída possui 110 indivíduos que compreendem diferentes perfis e formas de fazer e pensar a psicanálise. O recorte temporal escolhido para a pesquisa abarcou o período de 2015 a meados de 2023, então quando falamos em campo psicanalítico contemporâneo, estamos nos referindo a este período de tempo. O recorte foi utilizado para delimitar os sujeitos que poderiam participar da amostra, assim, consideramos todos aqueles que estiveram ativos enquanto psicanalistas nesses últimos quase 9 anos. Acreditamos que nesse período aspectos centrais do funcionamento do campo se modificaram, levando em conta os acontecimentos no Brasil a partir de 2013 e a pandemia a partir de 2020. Isto é, em 2013 ocorreu uma série de protestos pelo Brasil contra a então presidente Dilma Rousseff, junto à abertura do processo de impeachment que, em 2016, resultou no afastamento definitivo da presidente do cargo. O Brasil enfrentou uma séria crise política, social e econômica que culminou em fortes conflitos e na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. O período de 2015 a 2023 abarca esse processo de crise, o governo Bolsonaro e as últimas eleições de 2022, o que possibilita a apreensão do posicionamento dos psicanalistas frente a essas questões. Acreditamos que neste período se tornou mais relevante o posicionamento político dos agentes, visto as mudanças que ocorreram no país. Uma prova disto é o “Ato: psicanalistas pela democracia” que ocorreu em abril de 2016 no Instituto de

Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), no qual reuniram-se mais de 300 psicanalistas, alunos e simpatizantes pela defesa da democracia no país e de outros direitos sociais e políticos (Psicanalistas pela democracia, 2016).

Além disso, outro acontecimento importante desse período foi a pandemia de COVID-19, que teve início em 2020 e impactou a forma como a psicanálise ocorria até então. Discussões acerca de outras modalidades de atendimento e tratamento já ocorriam na psicanálise, porém, foi o advento da pandemia e, com isso, a suspensão de muitas atividades presenciais e do cotidiano vivido até o momento, o evento marcante que exigiu novas respostas e adaptações dos psicanalistas (Fontoura; Albino; Silveira; Santos, 2022). Portanto, o atendimento remoto acabou sendo a alternativa possível para o momento, assim como o uso das redes sociais passou a ser um relevante meio de contato e transmissão da psicanálise. Como já mencionado anteriormente, o surgimento de podcasts, perfis e canais de destaque de psicanalistas nas redes sociais se tornou um aspecto importante do campo psicanalítico.

Por fim, uma última nota acerca da amostra: a despeito do número de indivíduos constituintes da amostra poder parece limitado e a escolha intencional dos indivíduos enviesada, acreditamos que as escolhas feitas respeitaram a multiplicidade do campo e possibilitaram a construção de uma amostra razoável e representativa do funcionamento do campo e da diversidade dos psicanalistas. Nesse sentido, a amostra conseguiu abarcar indivíduos de todas as regiões do país, de variadas gerações, titulações e tomadas de posições psicanalíticas e políticas.

3.2 Sobre os dados

Dado o recorte temporal, para cada um dos 110 indivíduos da amostra foram levantadas um conjunto de informações prosopográficas em diferentes fontes públicas, como o currículo Lattes, as redes sociais, os sites de notícias, as biografias, os sites de instituições psicanalíticas, entre outras. Com estas informações construímos um banco de dados composto por 36 variáveis que foram reunidas sob diferentes rubricas: propriedades sociais, trajetória e títulos acadêmicos, trajetória e formação psicanalítica, tomadas de posição psicanalítica, tomadas de posição política e, por fim, reconhecimento social ou notoriedade.

A seguir, tecemos algumas observações acerca das variáveis:

Propriedades sociais. Esta rubrica reúne quatro variáveis: sexo (masculino; feminino), a qual não parece exigir maiores explicações no momento. *Cor/raça* (branco; não branco), na qual a classificação foi realizada a partir da heteroidentificação, ou seja, não através da autoidentificação do indivíduo. Foram analisadas diversas imagens e, em alguns casos vídeos, como forma de realizar a heteroidentificação. Além disso, primeiramente, utilizamos a classificação criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que conta com cinco modalidades: Branco, Pardo, Preto, Amarelo e Indígena. Porém, no decorrer do trabalho com os dados, notamos a necessidade de agrupar os indivíduos em “branco” e “não-branco”, pelo elevado número de indivíduos brancos e o baixo número de indivíduos pertencentes as outras categorias. Estamos cientes de que as formas de classificação do IBGE não se tratam de um consenso e de que existem outras formas de classificação, como trabalhado por Ferreira (2012). Com isso, nossa intenção é fazer apenas uma primeira aproximação do tema. Acreditamos que este ponto pode e deve ser aprofundado em pesquisas futuras. *Geração* (<1980; 1980; 1990; 2000; >2010), construída levando em consideração o período de conclusão dos estudos de graduação dos indivíduos, já que não conseguimos informações suficientes acerca do ano de nascimento. Ademais, para aqueles que não conseguimos identificar o ano da graduação e que possuíam formação em Psicologia, utilizamos o ano de registro no Conselho Regional de Psicologia como data aproximada do ano de graduação, visto a necessidade do registro para o exercício da profissão de psicólogo. *Localidade/Região* (Capital, SP; Interior, SP; Capital, RJ; Restante, Sudeste; Capital, RS; Restante, Sul; Norte; Nordeste; Centro-Oeste). Primeiramente, foram coletadas as informações acerca da cidade e região do Brasil do psicanalista, porém, como os dados resultados mostraram uma grande diversidade, o que praticamente tornaria impossível a análise, optamos por agrupá-los. Nesse sentido, após analisar a frequência dos dados e levar em consideração a história da constituição do campo psicanalítico brasileiro, foi construída a variável e suas 9 modalidades. Com elas, acreditamos conseguir capturar as propriedades mais marcantes do campo.

Trajatória e títulos acadêmicos. Esta rubrica reúne cinco variáveis: *Graduação* (Psicologia; Medicina; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas/Outras) que, assim como a variável Localidade/Região, precisou ser

agrupada em torno das grandes áreas do conhecimento⁹. No entanto, devido à história do campo e a frequência elevada dos cursos de Psicologia e Medicina, optamos por mantê-las discriminadas. *Instituição de Graduação* (USP; Universidade Federal Pública/Estrangeira; Universidade Estadual Pública; PUCs; Particular), assim como nas demais, os dados foram agrupados para possibilitar a análise. Nesse caso, buscamos reunir as instituições a partir do seu caráter público, privado, estadual ou federal, e a similaridade de prestígio entre cada uma delas. Assim, as universidades federais públicas e as universidades estrangeiras foram agrupadas. *Docente* (sim; não), a variável em questão, assim como as seguintes desta rubrica, foi criada para auxiliar na apreensão da relação do psicanalista com o campo acadêmico. Como visto na história do campo psicanalítico brasileiro, parte dos psicanalistas mantém relação com as universidades, inclusive enquanto docentes. *Titulação* (Técnico; Graduação; Especialização; Mestrado; Doutorado; Pós-doutorado; Livre-docência); devido à relação dos psicanalistas com o campo acadêmico e a variedade de titulações possíveis, esta variável e suas modalidades tem o objetivo de apreender as posições e o capital dos psicanalistas em relação à academia. *Lattes* (Atualizado; Desatualizado; Sem Lattes), esta variável foi construída com a finalidade de indicar se a relação com o campo acadêmico é atual ou não.

Trajetória e formação psicanalítica. Esta rubrica reúne um conjunto de variáveis binárias, dispostas em dois grupos: 1) *Formação Psicanalítica - IPA* (Sim ou Não); *Lacanian* (Sim ou Não); *Cristã/Espiritual* (Sim ou Não); *Outras* (Sim ou Não); *Universidade* (Sim ou Não); *Internacional* (Sim ou Não); 2) *Associação Psicanalítica - IPA* (Sim ou Não); *Lacanian* (Sim ou Não); *Cristã/Espiritual* (Sim ou Não); *Outras* (Sim ou Não); *Universidade* (Sim ou Não); *Internacional* (Sim ou Não); *Coletivo* (Sim ou Não). Optamos por este formato a fim de apreender a diversidade de instituições que podem fazer parte de cada percurso individual, ou seja, a ligação a uma instituição não se dá de forma exclusiva. Por isso, precisávamos manter a possibilidade de formação e de associação a várias instituições para respeitar a diversidade das trajetórias.

Tomadas de posição psicanalítica. Já em relação ao posicionamento psicanalítico no campo, mantivemos apenas a variável *tomadas de posição*

⁹ Disponível em:

<https://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>. Acesso em: 20 dez. 2023.

psicanalítica com onze modalidades: Matricial; Lacaniana; Institucional; Freudiana; Clínica Aberta; Neuropsicanálise; Cristã; Esquerda Freudiana; Perinatal; Decolonial; Integrativa; Outras. Com esta variável, buscamos captar a linha teórico-clínica seguida pelos psicanalistas, no entanto, esta informação não é facilmente encontrada. Muitos psicanalistas não expõem explicitamente suas preferências e acreditamos que as informações disponíveis não são confiáveis o bastante. Nesse sentido, a variável passou a ter um caráter mais exploratório e não entrou como variável ativa na análise do campo¹⁰.

Tomadas de posição política. Esta rubrica também reúne um conjunto de variáveis binárias, justamente por elas não serem mutuamente excludentes. *Posicionamento Político* (Sim ou Não); *Pautas Progressistas* (Sim ou Não); *Pautas Conservadoras* (Sim ou Não); *Apoio a Lula*: (Sim ou Não); *Apoio a Bolsonaro* (Sim ou Não); *Contrário a Lula* (Sim ou Não); *Contrário a Bolsonaro* (Sim ou Não). Em relação a estas variáveis, cabe destacarmos que a princípio não as havíamos construído desta maneira. Foi ao longo da coleta dos dados sobre o posicionamento político dos psicanalistas, pensado de maneira ampla, que as variáveis foram ganhando forma e optamos por codificá-las como estão. Primeiro, porque a coleta ocorreu durante o ano em que foram realizadas as eleições para a Presidência, então as manifestações públicas de apoio ou rechaço aos candidatos estavam ocorrendo com maior frequência. Por fim, porque não focamos apenas na dimensão político-partidária institucional, portanto, posicionamentos a favor do aborto ou da “família tradicional conservadora”, por exemplo, também foram levados em conta e transformados nas variáveis ligadas às pautas progressistas e conservadoras.

Reconhecimento social ou notoriedade. Por último, esta rubrica reúne seis variáveis que versam sobre propriedades que podem conferir prestígio para os psicanalistas no campo. Temos as seguintes variáveis: *Livros publicados* (1 a 6; 7 a 11; 12 a 23; 24 a 53; Nenhum). *Prêmios* (1 a 3; 4 a 5; Nenhum). *Seguidores Instagram* (Baixo; Médio; Alto; Muito Alto; Privado; Não tem). *Seguidores Facebook* (Baixo; Médio; Alto; Privado; Não tem). *Seguidores Twitter* (Baixo; Médio; Alto; Não tem). *Seguidores YouTube* (Baixo; Médio; Alto; Não tem).

¹⁰ Na próxima seção, sobre o método, explicamos o significado de variáveis ativas e passivas.

3.3 Sobre o método

Para explorar a relação entre as variáveis estudadas, utilizamos a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM). A ACM, método para variáveis categóricas, vem sendo classificada entre os métodos de Análise Geométrica de Dados, dos quais também fazem parte a análise de correspondências, para tabelas de contingência, e a análise de componentes principais, para variáveis numéricas (Cantu, 2009). A Análise Geométrica dos Dados permite uma representação espacial dos dados, possuindo uma ligação privilegiada com a construção do espaço social de Bourdieu (Rouanet; Ackerman; Roux, 2017). Dessa forma,

a representação geométrica criada pela ACM é adequada à ideia de campo visto situar os agentes precisamente em um espaço objetiva e relacionalmente estruturado, no qual a distância entre uns e outros decorre de diferenças em suas propriedades sociais, inclusive dotações desiguais de capitais. Ao fazê-lo, a análise geométrica oferece elementos para a visualização dos fundamentos das polarizações e lutas travadas no espaço social e para detecção de padrões de correlação entre as posições sociais dos agentes e suas práticas e tomadas de posição nos mais variados domínios da vida social (Kluger, 2018, p. 69).

Logo, diferentemente dos modelos de regressão dominantes desde a década de 1960 nas ciências sociais anglo-saxônicas, a Análise Geométrica de Dados (AGD), em especial a ACM, não busca os efeitos líquidos de variáveis independentes em variáveis dependentes, mas sim os efeitos de estrutura, ou seja, os efeitos globais de determinada estrutura complexa de inter-relações (Belem, 2022).

Para a representação espacial dos dados, cruzam-se tabelas de indivíduos estatísticos e variáveis, baseando-se em três princípios básicos: o primeiro é a modelagem geométrica, assim, a AGD utiliza métodos geométricos para criar uma representação visual dos dados. Por meio de tabelas que relacionam indivíduos e variáveis, é possível atribuir uma posição espacial a cada categoria. Portanto, um conjunto de variáveis pode ser representado por uma "nuvem" de pontos em um espaço multidimensional.

O segundo princípio diz respeito ao emprego de conceitos da álgebra linear abstrata, ou seja, uma "nuvem" de pontos é tratada como um conjunto de pontos ponderados em um espaço euclidiano. Já o terceiro princípio trata sobre o procedimento indutivo, onde a descrição detalhada dos dados precede a generalização. Ao contrário de modelos estocásticos ou abordagens orientadas por

amostragem e probabilidades, a análise geométrica busca identificar padrões e relações a partir dos dados observados. Portanto, a indução estatística é considerada como uma extensão das conclusões descritivas, e a análise estatística não se limita à análise de probabilidades (Belem, 2022; Cantu, 2009; Kluger, 2018).

Em outras palavras, pensando especificamente na ACM, o método cruza indivíduos e variáveis categorizadas gerando uma representação espacial, uma “nuvem” de pontos, para o conjunto de variáveis. Como o objetivo da ACM é tornar realidades multidimensionais complexas mais compreensíveis, os indivíduos e as modalidades são representados em eixos de inércia ou fatoriais, que buscam maximizar a variância dos dados, proporcionando uma compreensão mais clara de realidades complexas através da redução das dimensões. Assim, as relações estatísticas presentes no conjunto de dados são resumidas em alguns eixos (Neto, 2015).

Dois tipos de variáveis podem aparecer nos resultados de uma ACM: as ativas, isto é, “aquelas que contribuem para criar as distâncias entre os indivíduos estatísticos; e as suplementares, que não contribuem para criar as distâncias, mas são projetadas sobre o espaço criado pelas primeiras e, assim, ajudam nas explicações” (Neto, 2015, p. 141). Com isso, a partir das categorias ou modalidades das variáveis ativas são construídas as distâncias entre os indivíduos, considerando a interação de todas elas, e não apenas de uma variável sobre outra, evitando o foco sobre características isoladas e levando em conta o conjunto das propriedades (Duval, 2020).

Além disso, é possível tornar passivas algumas categorias de variáveis. Nesse caso, estamos falando da técnica da ACM Específica, utilizada nesta pesquisa. Como as categorias com frequência abaixo de 5% podem influenciar sobremaneira sua contribuição e gerar distorções nos resultados, elas são tratadas como passivas, ou seja, que não contribuem para a formação das distâncias, em oposição às variáveis ativas (LeRoux; Rouanet, 2010). Segundo os autores, a ACM específica tem permitido uma análise mais refinada dos dados do que a ACM normal.

Já em relação aos resultados básicos da ACM, Cantu (2009) cita 3: primeiro, a representação geométrica dos indivíduos e das modalidades; segundo, o autovalor associado a cada um dos eixos, indicando a variância da “nuvem” de pontos no eixo; e, terceiro, as contribuições individuais de cada categoria ou modalidade para a formação dos eixos. Dados os resultados, as interpretações se concentram em

poucos eixos, geralmente em um ou dois (Neto, 2015). Dessa forma, uma das primeiras tarefas é a observação da variância dos eixos e a escolha de quais serão utilizados para a interpretação, cabendo “ao pesquisador decidir quantos e quais eixos pretende retratar, dadas as questões formuladas e tendo em mente contemplar a maior soma de variâncias pertinente” (Kluger, 2018, p. 88).

Em seguida, passa-se para a interpretação da tabela de contribuições das variáveis para a formação de cada eixo. Isto é, cada variável possui um índice de discriminação que indica o quanto ela contribui para a formação de determinado eixo, assim, a tabela de contribuições auxilia na observação de quais variáveis são mais relevantes para a determinação dos eixos (ibidem). Observar as oposições em cada eixo é uma tarefa central nesta etapa, pois são justamente as variáveis que mais discriminam as responsáveis pela criação das maiores oposições nos eixos em questão. Portanto, explorar a estrutura de um campo utilizando a ACM significa analisar os sentidos dos eixos a partir das categorias que mais contribuem para a sua formação. Assim, cada eixo fatorial é visto como uma dimensão, organizada em torno de determinadas oposições entre categorias, que estrutura como o campo se organiza (Cantu, 2009).

Em suma, a ACM passa pela observação e descrição das oposições no espaço social analiticamente construído, pela análise da tabela de contribuições a fim de detectar quais variáveis mais contribuem para a estruturação do espaço e, quando pertinente, pela análise da posição das variáveis e modalidades suplementares (Kluger, 2018). Logo, pensando na psicanálise brasileira contemporânea, a fim de explorar a estrutura do campo foram escolhidos os eixos que contemplavam a maior variância dos dados e, logo em seguida, foram interpretadas as contribuições das categoriais mais relevantes para a formação de cada eixo, a fim de compreender as oposições ali presentes.

3.4 Resultados

Após o tratamento dos dados e das variáveis no software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), eles foram importados no software R, onde foram trabalhados e a ACM específica foi realizada. Como resultado da ACM, obtivemos o autovalor dos eixos, indicando a variância de cada eixo; a tabela de contribuições das variáveis para a construção dos eixos; e a nuvem de modalidades e indivíduos.

Primeiramente, selecionamos os dois primeiros eixos para a interpretação, já que os dois somados explicam 60,99% da variância (taxa modificada), dos quais 41,85% correspondem ao primeiro eixo e 19,14% ao segundo eixo. Na tabela 3.1, apresentamos as variáveis ativas utilizadas na ACM, suas modalidades, bem como suas coordenadas e contribuições para a formação dos eixos.

Tabela 3.1 – Variáveis ativas

Variáveis Ativas					Eixo 1		Eixo 2	
Rubrica	Variável	Modalidade	Frequência	%	Coordenada	Contribuição	Coordenada	43 Contribuição
Propriedades sociais	Sexo	Masculino	36	32,70	-0,58	1,73	0,18	0,23
		Feminino	74	67,00	0,28	0,84	-0,09	0,11
	Geração	>1980	24	21,82	-0,20	0,14	-0,52	1,27
		1980	22	20,00	-0,06	0,01	-0,28	0,34
		1990	15	13,64	-0,03	0,00	-0,60	1,04
		2000	26	23,64	0,01	0,00	0,08	0,03
		<2010	15	13,64	0,08	0,02	0,55	0,89
	Cidade/Região	Capital, SP (Cap, SP)	24	21,82	-0,89	2,71	0,45	0,94
		Interior, SP (Int, SP)	14	12,73	0,69	0,93	0,33	0,29
		Capital, RJ (Cap, RJ)	10	9,09	-0,60	0,51	-0,52	0,53
		Restante, Sudeste (Rest, Sud)	11	10,00	0,28	0,13	0,76	1,24
		Capital, RS (Cap, RS)	8	7,27	0,13	0,02	-0,38	0,22
		Restante, Sul (Rest, Sul)	15	13,64	0,24	0,12	-0,19	0,10
		Norte (Nort)	5	4,55	-0,07	0,00	0,77	0,58
		Nordeste (Nordest)	13	11,82	0,43	0,35	-0,68	1,18
	Centro-Oeste (Cen-Oes)	10	9,09	0,48	0,33	-0,77	1,15	
	Raça/Cor	Branco (Bran_)	94	85,45	-0,04	0,03	-0,10	0,19
		Não-Branco (N_Bran)	10	9,09	0,34	0,16	1,34	3,52
	Trajetória e títulos acadêmicos	Graduação	Psicologia (Psico)	61	55,45	-0,04	0,02	-0,41
Medicina (Med)			13	11,82	-0,36	0,24	-0,24	0,14
Ciências Humanas (C_H)			6	5,45	0,03	0,00	0,70	0,58
Ciências Sociais Aplicadas e Outras (S_Apli_out)			25	22,73	0,17	0,10	0,43	0,91
USP Universidade Federal Pública e Estrangeiras (Uni_F_P_estrang)			9	8,18	-1,00	1,29	0,52	0,47
Instituição da Graduação		Universidade Estadual Pública (Uni_E_P)	29	26,36	-0,04	0,01	-0,48	1,32
		PUC Particulares (Parti_)	11	10,00	0,21	0,07	-0,12	0,03
			20	18,18	-0,10	0,03	-0,71	1,96
			30	27,27	0,07	0,02	0,45	1,19
Docente		Sim	41	37,27	-0,81	3,83	-0,23	0,43
	Não	69	62,73	0,48	2,27	0,14	0,25	
Titulação	Técnico (Tec_)	1	0,91	0,75	0,08	1,75	0,60	
	Graduação (Grad_)	20	18,18	0,97	2,65	0,12	0,06	
	Especialização (Esp_)	23	20,91	0,38	0,48	0,27	0,33	
	Mestrado (Mestr_)	28	25,45	0,29	0,33	-0,54	1,62	
	Doutorado (Doc_)	22	20,00	-1,18	4,37	-0,07	0,02	
	Pós-doutorado (Pos_doc)	9	8,18	-0,71	0,65	-0,51	0,46	

	Livre-docência (Liv_docen_)	3	2,73	-2,21	2,07	-0,07	0,00
	Nenhuma	4	3,64	0,51	0,15	2,78	6,03
Lattes	Atual	57	51,82	-0,47	1,80	-0,06	0,04
	Desatualizado (Des_atual)	28	25,45	0,31	0,39	-0,51	1,44
	Sem Lattes (S_Lattes)	25	22,73	0,73	1,87	0,71	2,43
Formação IPA	Sim	34	30,91	0,84	3,37	-0,89	5,28
	Não	76	69,09	-0,37	1,51	0,40	2,36
Formação Lacaniana	Sim	27	24,5	-0,77	2,27	-0,18	0,17
	Não	83	75,5	0,25	0,74	0,06	0,06
Formação Cristã/Integrativa	Sim	5	4,5	0,83	0,48	2,46	5,89
	Não	105	95,5	-0,04	0,02	-0,12	0,28
Formação Universidade	Sim	29	26,4	-0,42	0,73	-0,10	0,06
	Não	80	72,7	0,16	0,29	0,03	0,02
Formação Internacional	Sim	16	14,5	-0,92	1,94	-0,18	0,10
	Não	94	85,5	0,16	0,33	0,03	0,02
Formação Outras	Sim	28	25,5	-8,43	0,00	0,29	0,46
	Não	82	74,5	2,88	0,00	-0,10	0,16
Associação IPA	Sim	34	30,9	0,92	4,06	-0,84	4,73
	Não	76	69,1	-0,41	1,82	0,38	2,11
Associação Lacaniana	Sim	24	21,8	-0,78	2,06	-0,18	0,16
	Não	86	78,2	0,22	0,57	0,05	0,04
Associação Cristã/Integrativa	Sim	4	3,6	0,51	0,15	2,36	4,34
	Não	106	96,4	-0,02	0,01	-0,09	0,16
Associação Universidade	Sim	6	5,5	-0,76	0,49	-0,29	0,10
	Não	104	94,5	0,04	0,03	0,02	0,01
Associação Internacional	Sim	43	39,1	0,49	1,47	-0,74	4,56
	Não	67	60,9	-0,32	0,94	0,47	2,92
Associação Outras	Sim	22	20	-0,22	0,15	0,86	3,14
	Não	88	80	0,05	0,04	-0,21	0,79
Associação Coletivos	Sim	6	5,5	-0,51	0,22	-0,07	0,01
	Não	104	94,5	0,03	0,01	0,00	0,00
Pautas Progressistas	Sim	46	41,8	-0,51	1,66	-0,36	1,15
	Não	64	58,2	0,36	1,20	0,26	0,83
Pautas Conservadoras	Sim	9	8,2	0,74	0,70	0,41	0,30
	Não	101	91,8	-0,07	0,06	-0,04	0,03
Favorável a Lula	Sim	22	20	-1,15	4,10	-0,30	0,38
	Não	88	80	0,29	1,03	0,07	0,10
Favorável a Bolsonaro	Sim	7	6,4	0,91	0,83	1,97	5,28
	Não	103	93,6	-0,06	0,06	-0,13	0,36
Contrário a Lula	Sim	4	3,6	0,63	0,23	1,16	1,05
	Não	106	96,4	-0,02	0,01	-0,04	0,04
Contrário a Bolsonaro	Sim	21	19,1	-0,75	1,69	-0,26	0,28
	Não	89	80,9	0,18	0,40	0,06	0,07
	Sim	72	65,5	-0,23	0,52	0,02	0,01

	Posicionamento Político	Não	38	34,5	0,43	0,98	-0,05	0,02
Reconhecimento social ou notoriedade	Livros Publicados	1 a 6	31	28,2	-0,13	0,07	-0,05	0,01
		7 a 11	7	6,4	-1,22	1,47	0,34	0,16
		12 a 23	4	3,6	-1,00	0,57	-0,72	0,40
		24 a 53	8	7,3	-1,87	3,95	-0,23	0,08
		Nenhum (Nenh_)	60	54,5	0,52	2,33	0,06	0,05
	Prêmios	1 a 3	19	17,3	-0,95	2,43	-0,30	0,33
		4 a 5	8	7,3	-1,07	1,30	0,15	0,04
		Nenhum	83	75,5	0,32	1,21	0,05	0,05
	Seguidores Instagram	Baixo	50	45,5	0,32	0,73	0,24	0,54
		Médio	7	6,4	-0,37	0,14	0,75	0,76
		Alto	9	8,2	-1,30	2,16	0,47	0,39
		Muito Alto (M_Alto)	7	6,4	-1,75	3,04	-0,13	0,02
		Privado	17	15,5	0,36	0,31	-0,35	0,40
		Não_tem	20	18,2	0,22	0,14	-0,72	2,02
	Seguidores Facebook	Baixo	37	33,6	0,25	0,34	-0,13	0,13
		Médio	7	6,4	-0,97	0,92	1,19	1,93
		Alto	7	6,4	-0,89	0,79	-0,36	0,18
		Perfil privado	18	16,4	0,61	0,95	0,43	0,65
		Não_tem	41	37,3	-0,18	0,19	-0,21	0,36
	Seguidores Youtube	Baixo	10	9,1	0,24	0,08	1,50	4,41
		Médio	6	5,5	-1,47	1,85	0,52	0,31
		Alto	3	2,7	-2,33	2,31	-0,30	0,05
		Não_tem	91	82,7	0,15	0,28	-0,19	0,64
	Seguidores Twitter	Baixo	8	7,3	-0,59	0,39	0,55	0,47
Médio		8	7,3	-0,18	0,04	0,94	1,39	
Alto		6	5,5	-2,06	3,59	-0,07	0,01	
Não_tem		88	80	0,21	0,55	-0,13	0,29	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Em negrito: 15% das categorias que mais contribuíram para a formação dos eixos.

Para a interpretação da ACM, fizemos o recorte de 15% das variáveis que mais contribuíram para a formação dos eixos, o que corresponde a 32 modalidades. Assim, inicialmente faremos a interpretação dos eixos observando as variáveis que possuem as maiores medidas de discriminação e suas oposições. Para a construção do eixo 1 temos o seguinte resultado:

Tabela 3.2 - Variáveis e contribuições do Eixo 1

Eixo 1			
Lado positivo		Lado negativo	
Variável e modalidade	Contribuição	Variável e modalidade	Contribuição

Associação à IPA: Sim	4,06	Titulação: Doutorado	4,36
Formação IPA: Sim	3,36	Favorável a Lula: Sim	4,1
Titulação: Graduação	2,65	Livro: 24-53	3,95
Livro: Nenhum	2,32	Docente: Sim	3,82
Docente: Não	2,27	Twitter: Alto	3,59
-	-	Instagram Muito: Alto	3,03
-	-	Localidade/Região: Capital, SP	2,71
-	-	Prêmio: 1-3	2,43
-	-	YouTube: Alto	2,3
-	-	Formação Lacaniana: Sim	2,27
-	-	Instagram: Alto	2,16

Fonte: Elaboração própria (2023).

Ao observarmos os dados, notamos que as variáveis que formam os dois polos do primeiro eixo estão majoritariamente relacionadas às propriedades de prestígio acadêmico e midiático. Do lado positivo do eixo, três das cinco variáveis dizem respeito a propriedades acadêmicas e midiáticas, isto é, a variável “Titulação” (modalidade “Graduação”), “Livros publicados” (modalidade: “Nenhum”) e “Docente” (modalidade: “Não”), enquanto as outras duas variáveis se relacionam à trajetória psicanalítica. Enquanto do lado negativo do eixo, sete das onze estão relacionadas às propriedades de prestígio acadêmico e midiático, a saber: também a variável “Titulação” (modalidade: “Doutorado”), “Livros publicados” (modalidade: “24-53”), “Docente” (modalidade: “Sim”), “Twitter” (modalidade: “número de seguidores alto”), “Instagram” (modalidade: “número de seguidores muito alto”), “YouTube” (modalidade: “número de inscritos alto”) e “Instagram” (modalidade: “número de seguidores alto”). Dessa maneira, reforçamos que a interpretação mais adequada para o eixo parece ser aquela que o descreve como uma dimensão em que se opõem aqueles com maior e menor capital acadêmico e midiático. Aqueles com maiores titulações e atuação docente nas universidades possuem reconhecimento midiático em oposição àqueles com apenas graduação, sem atividades acadêmicas e pouco reconhecimento midiático.

Dando seguimento, para a construção do eixo 2 temos o seguinte resultado:

Tabela 3.3 – Variáveis e contribuições do Eixo 2

Eixo 2			
Lado positivo		Lado negativo	
Variável e modalidade	Contribuição	Variável e modalidade	Contribuição

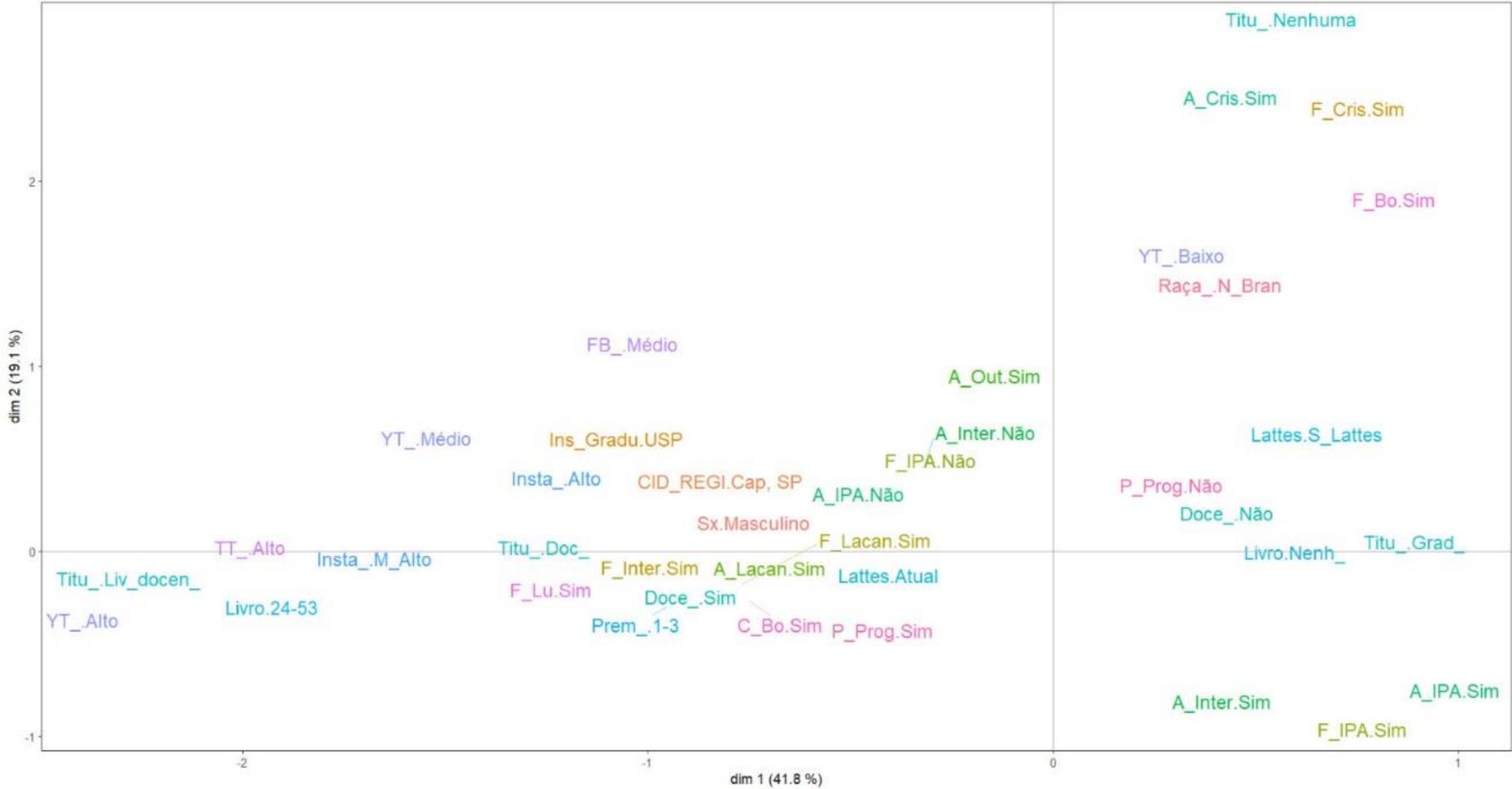
Titulação: Nenhuma	6,03	Formação IPA: Sim	5,27
Formação_Cristã/Integ: Sim	5,89	Associação IPA: Sim	4,72
Favorável a Bolsonaro: Sim	5,28	Associação Internacional: Sim	4,55
YouTube: Baixo	4,41	Instagram: Não_tem	2,02
Associação Cristã: Sim	4,34	Graduação: Psicologia	1,97
Raça: Não_Branco	3,52	-	-
Associação Outras:Sim	3,14	-	-
Associação Internacional: Não	2,92	-	-
Lattes: Sem_Lattes	2,42	-	-
Formação na IPA: Não	2,36	-	-
Associação à IPA: Não	2,11	-	-

Fonte: Elaboração própria (2023).

Observando os dados do eixo 2, a interpretação mais adequada parece ser aquela que descreve a dimensão enquanto marcada pela oposição entre o polo mais ortodoxo da psicanálise e o polo mais heterodoxo. Do lado positivo do eixo, seis das onze variáveis que mais contribuíram estão relacionadas a formação e trajetória psicanalíticas, ou seja, a variável “Formação cristã/integrativa” (modalidade: “Sim”), “Associação cristã” (modalidade: “Sim”), “Associação outras” (modalidade: “Sim”), “Associação internacional” (modalidade: “Não”), “Formação na IPA” (modalidade: “Não”) e “Associação à IPA” (modalidade: “Não”). Por outro lado, do lado negativo do eixo, encontramos três das cinco variáveis ligadas à formação e trajetória psicanalíticas: “Formação na IPA” (modalidade: “Sim”), “Associação à IPA” (modalidade: “Sim”) e “Associação internacional” (modalidade: “Sim”). Em suma, as instâncias mais tradicionais ligadas à IPA tiveram forte contribuição na formação do eixo, em contraposição às instituições cristãs e integrativas.

Após a análise da tabela de contribuições, passamos para a análise da nuvem de modalidades que obtiveram contribuição acima da média na formação dos eixos 1 e 2. A distribuição das variáveis e modalidades no plano fatorial pode ser observada na Figura 3.1.

Figura 3.1 - Distribuição das variáveis com contribuição acima da média nos eixos 1 e 2



Fonte: Elaboração própria (2023).

Na Figura 3.1 é possível visualizar a nuvem de pontos formada pela distribuição das variáveis e modalidades e, assim, as distâncias entre cada uma delas. Como já mencionado na interpretação das tabelas de contribuições, no eixo 1 temos a oposição entre propriedades ligadas ao capital acadêmico e midiático. Nele, podemos identificar dois grupos: aquele localizado no quadrante esquerdo do gráfico, possuidor de grande visibilidade midiática, trajetória e ligação acadêmica; e aquele no polo direito do gráfico, associado a menor visibilidade midiática, somente título de graduação ou ausência de qualquer título e relação com a universidade, em oposição ao primeiro grupo com doutorado e docentes.

Na segunda dimensão do gráfico, no eixo 2, conseguimos visualizar a oposição, como mencionado, entre o polo mais ortodoxo da psicanálise e o polo mais heterodoxo. Nesse eixo podemos pensar em uma divisão em três grupos: na parte inferior do gráfico, encontramos as instituições mais antigas de psicanálise, ligadas à IPA; na parte intermediária do gráfico estão situadas as instituições lacanianas e aquelas relacionadas à universidade; e na parte superior do gráfico, como polo oposto, estão as instituições de formação cristã/espirituais e integrativas.

Dessa forma, relacionando as duas dimensões, temos a seguinte configuração: as propriedades de maior capital acadêmico e midiático estão associadas às instituições e trajetórias psicanalíticas lacanianas, não-ipeístas e universitárias, interpostas as instituições psicanalíticas mais ortodoxas e heterodoxas. Ao mesmo tempo em que as propriedades de menor capital acadêmico e midiático se associam, por um lado, às instituições ipeístas, ortodoxas e, por outro, às instituições cristãs e integrativas. Nesse sentido, apesar da oposição entre às instituições ipeístas e as instituições cristãs/espirituais e integrativas, existe uma semelhança desses polos em termos de recursos acadêmicos e midiáticos.

Para além das principais polarizações que estruturam as duas dimensões, é relevante observarmos como outras variáveis e modalidades se distribuem ao longo do plano. As variáveis de posicionamento político, “Favorável a Lula” (modalidade “sim”) e “Favorável a Bolsonaro” (modalidade “sim”) são relevantes para a proposta da pesquisa. Observando a Figura 1, podemos chegar às seguintes interpretações: ser favorável ao Lula está relacionado às propriedades

de maior capital acadêmico e midiático, assim, os indivíduos que se localizam nesta região do gráfico são aqueles com título de doutor, docentes do nível superior, graduados na Universidade de São Paulo (USP) e residentes na capital, com formação lacaniana ou em outras instituições sem ligação com a IPA, muitos livros publicados, premiados (de 1 a 3 prêmios) e alto número de seguidores nas redes sociais. Ainda, são indivíduos relacionados ao apoio a pautas progressistas e contrários a Bolsonaro.

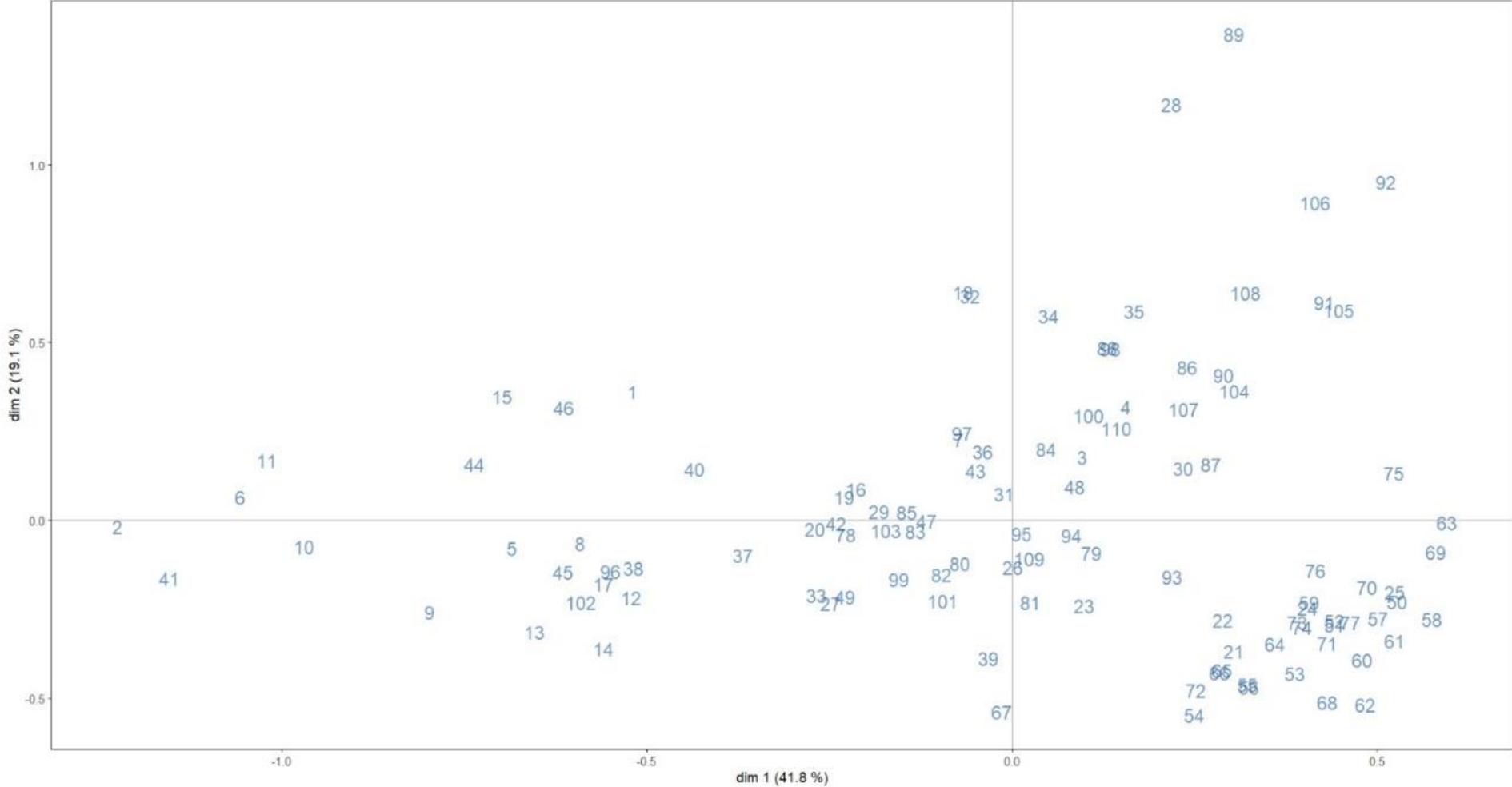
Enquanto isso, ser favorável a Bolsonaro está relacionado às propriedades de menor capital acadêmico e midiático e às instituições mais heterodoxas do campo. Nesse sentido, nesta região do gráfico encontramos aqueles sem titulação acadêmica, ligados a instituições cristãs e integrativas, com poucos seguidores nas redes sociais, identificados como não-brancos e contrários a pautas progressistas. Também, cabe olharmos para a região mais ortodoxa do campo e identificar outras propriedades encontradas ali. Sendo assim, estar associado à IPA está próximo ao título de graduação, à ausência de rede social, à ausência de posicionamento político, à ausência de livros publicados e ao não exercício de docência no nível superior. Ou seja, relativamente, menor capital acadêmico e midiático.

Quando observamos a nuvem de modalidades da primeira e segunda dimensões em sua totalidade, temos a seguinte representação gráfica:

Com a totalidade de variáveis e modalidades podemos observar como as outras modalidades das variáveis se comportam ao longo das duas dimensões do espaço social. Isto é, podemos observar se estão mais associadas ao maior capital acadêmico e midiático ou ao menor capital acadêmico e midiático, e se estão mais associadas à ortodoxia ou à heterodoxia. Nesse sentido, ao olharmos para as variáveis geracionais e para os cursos de graduação, percebemos que o polo mais ortodoxo do espaço social concentra as gerações mais antigas, isto é, as gerações anteriores a 1980, a geração de 1980 e de 1990. Ao mesmo tempo, a geração de 1980 também está próxima às formações lacanianas e universitárias. A geração de 2000 também está próxima dessas últimas, mas mais acima, do lado mais heterodoxo. Assim, por fim, a geração mais nova, a partir de 2010, está mais no polo heterodoxo, mais próxima às formações cristãs e integrativas. Já em relação aos cursos de graduação, conseguimos observar que ter graduação em Psicologia e em Medicina está relacionado às gerações mais antigas, enquanto as gerações mais recentes, 2000 e a partir de 2010, estão mais próximas de graduação em Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. Em outras palavras, podemos dizer que os psicanalistas do polo ortodoxo, ligados à IPA, são de gerações mais antigas e formados em Medicina e Psicologia. Enquanto os psicanalistas mais heterodoxos, ligados às formações cristãs e integrativas, são de gerações mais recentes, de 2000 e 2010, e estão associados à graduação em Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas.

A seguir, podemos ver a distribuição dos indivíduos ao longo dos eixos:

Figura 3.3 - Nuvem de indivíduos ao longo do 1º e 2º eixos fatoriais



Fonte: Elaboração própria (2023).

Levando em conta a oposição do primeiro eixo entre maior capital acadêmico e midiático e menor capital acadêmico e midiático, concentrados nos quadrantes da esquerda e nos quadrantes da direita respectivamente; e a oposição do segundo eixo, entre ortodoxia e heterodoxia, concentrados nos quadrantes inferiores e superiores respectivamente, podemos pensar em quatro grupos de psicanalistas: no quadrante inferior direito encontramos os psicanalistas ortodoxos pertencentes à IPA, com baixo capital acadêmico e midiático. No quadrante superior direito, encontramos os psicanalistas mais heterodoxos e também com escassos recursos acadêmicos e midiáticos. Entre os quadrantes superior e inferior, do lado esquerdo, encontramos os psicanalistas heterodoxos, que apesar da distância da IPA estão mais próximos destes do que dos psicanalistas do extremo mais heterodoxo. Eles são os possuidores de maior capital acadêmico e midiático do espaço social. E, por fim, mais próximo ao centro, temos os psicanalistas com capital acadêmico intermediário e com escassos recursos midiáticos, ao mesmo tempo em que ocupam posição intermediária entre os psicanalistas mais ortodoxos e os mais heterodoxos do eixo.

3.5 Um olhar sociológico para o espaço social

Seguindo o pensamento relacional de Bourdieu (2004), isto é, tomando a realidade social enquanto um conjunto de relações no qual cada posição é definida pelas demais, bem como sua abordagem topológica da realidade social, temos que o espaço social pode ser equiparado a um território geográfico, onde regiões distintas são delineadas. Nesse espaço, a proximidade entre grupos ou instituições está diretamente associada à semelhança de propriedades, ao passo que a distância espacial reflete uma menor semelhança de características. Em outras palavras, as distâncias no espaço social indicam a medida das similaridades e diferenças entre os diversos elementos dentro desse espaço construído (ibidem). Neste estudo, o espaço social é interpretado como a representação das oposições entre as propriedades dos psicanalistas, como geração à qual pertencem, raça/etnia, trajetória psicanalítica, trajetória acadêmica, reconhecimento social, etc.

O espaço social estruturado a partir dessas propriedades sociais reflete não apenas estruturas externas, mas também disposições introjetadas pelos agentes, isto é, seus *habitus*. Isso significa dizer que grupos que compartilham propriedades semelhantes são altamente susceptíveis de serem formados por indivíduos com disposições semelhantes, ou seja, com *habitus* parecidos. A partir disso, a construção do espaço social psicanalítico brasileiro a partir da ACM nos permite chegar a algumas conclusões e explicações acerca de disputas e tensões internas observadas empiricamente no campo e também a algumas conjecturas acerca das disposições dos psicanalistas, a depender da região do espaço social na qual estão situados.

Nesse sentido, vimos como resultado da ACM as seguintes oposições: na primeira dimensão, no eixo 1, as principais oposições se estruturaram em termos de propriedades acadêmicas e midiáticas; enquanto na segunda dimensão, no eixo 2, as oposições se deram em termos de propriedades de trajetória e filiação psicanalítica, entre as instituições mais ortodoxas e heterodoxas. A partir dessas oposições, pudemos chegar em diferentes perfis de psicanalistas: o ortodoxo com poucos recursos acadêmicos e midiáticos; o heterodoxo estabelecido com elevados recursos acadêmicos e midiáticos; o heterodoxo estabelecido com recursos acadêmicos intermediários e com poucos recursos midiáticos; e por fim, o heterodoxo extremo, não estabelecido que, assim como os ortodoxos, possuem poucos recursos acadêmicos e midiáticos. Estes diferentes perfis parecem representar importantes oposições, inclusive quando olhamos para a história do campo, que refletem as propriedades dos agentes no espaço social e as disputas que se dão em torno dos capitais ali eficientes.

Primeiramente, o peso de propriedades externas ao campo, como o capital acadêmico e midiático, revela como capitais externos têm grande importância no campo. Isso nos faz refletir acerca da autonomia relativa do campo psicanalítico. Apesar da oposição entre ortodoxia e heterodoxia na segunda dimensão, a primeira dimensão revela a heteronomia desse campo, no qual instâncias de prestígio externas também são reconhecidas e relevantes para gerar as oposições. Além disso, os psicanalistas mais prestigiados na primeira dimensão do campo são os heterodoxos estabelecidos, enquanto os ortodoxos possuem pouco reconhecimento nessa dimensão. Isto parece ter relação com o processo de diversificação e de perda de domínio da IPA a partir

segunda metade do século passado. Enquanto os psicanalistas heterodoxos se afastam da IPA, acabam buscando outras maneiras de legitimidade e consagração. As instituições acadêmicas e o diálogo com os meios de comunicação conferem o prestígio que não é encontrado nas instituições psicanalíticas ortodoxas. Por outro lado, os psicanalistas ortodoxos continuam concentrados nas instituições tradicionais e retiram dali a legitimidade necessária para fazer parte das disputas do campo.

Ao mesmo tempo, cabe diferenciarmos com cuidado alguns aspectos. Se a segunda dimensão é definida a partir de variáveis de trajetória e filiação internas ao campo, opondo ortodoxos e heterodoxos, não podemos esquecer a diversidade entre os heterodoxos. Talvez possamos pensar em uma heterodoxia estabelecida e uma heterodoxia não estabelecida. A heterodoxia estabelecida é a que, mais próxima do polo ortodoxo no espaço social construído, se apoia em recursos acadêmicos ou midiáticos e em instituições psicanalíticas como as lacanianas, por exemplo, para ter o reconhecimento necessário para participar das disputas do campo. Já a heterodoxia não estabelecida, assim como os ortodoxos, não possui recursos acadêmicos e midiáticos relevantes, além de não possuir reconhecimento interno do campo. Os psicanalistas posicionados nesta região do campo, subvertem importantes princípios psicanalíticos sustentados pela ortodoxia e pela heterodoxia estabelecida. Em outras palavras, apesar da diferença entre os ortodoxos e os heterodoxos estabelecidos, eles estão mais próximos no campo e tendem a concordar em alguns aspectos, em contraposição aos heterodoxos não estabelecidos, que não possuem o reconhecimento de ambos.

Para tornar as interpretações mais palpáveis, vamos olhar para alguns episódios de conflitos e tomadas de posição que exemplificam o que está sendo dito.

3.5.1 O Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras: heterodoxia estabelecida e ortodoxia unidas

Como primeiro exemplo empírico, temos a criação do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (MAEP). O MAEP surgiu da articulação entre diferentes instituições psicanalíticas - lacanianas, não

lacanianas, ipeístas – em 2000, a fim de fazer frente às tentativas evangélicas de regulamentação da Psicanálise e de defender uma formação psicanalítica singular e permanente (Amendoeira, 2018).

A criação do MAEP é muito significativa para a exemplificação das oposições encontradas no espaço social construído, pois o Movimento Articulação reúne justamente as instituições psicanalíticas enquadradas como ortodoxas e heterodoxas estabelecidas. Fazem parte da Articulação instituições como o Círculo Psicanalítico (lacaniana), o Corpo Freudiano (lacaniana), a Escola Brasileira de Psicanálise (lacaniana), o Instituto Sedes Sapientae (não lacaniana e não ipeísta), a Federação Brasileira de Psicanálise (associação que reúne as sociedades ligadas à IPA), entre várias outras, totalizando mais de 50 instituições¹¹. Além disso, o MAEP surge justamente para se opor ao polo heterodoxo não estabelecido do campo, no qual encontramos as instituições ligadas ao cristianismo e a práticas integrativas. Segundo Amendoeira (2018), um dos criadores do movimento que resultou na Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, três vertentes, amplamente reconhecidas, representam o núcleo das várias instituições em todo o Brasil dedicadas à prática e formação em psicanálise: 1) vertente ligada à IPA, constituída por instituições inicialmente à IPA, que historicamente ofereciam formação em psicanálise, principalmente para médicos; 2) vertente lacaniana, introduzida na década de 1970, liderada, segundo o autor, por M. D. Magno e Betty Milan; 3) vertente das instituições criadas em resposta à restrição de formação para psicólogos. Isto é, em algumas cidades, as instituições ipeístas reservavam a formação somente para médicos, gerando à criação de outras instituições, como a Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro e a Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, que serviram como alternativa a psicólogos interessados em fazer formação nos moldes estabelecidos pela IPA.

As três vertentes citadas por Amendoeira (2018) representativas das instituições integrantes do Movimento Articulação corroboram nossa leitura da união da heterodoxia estabelecida e da ortodoxia nas disputas contra a heterodoxia não estabelecida, não reconhecida por ambos os grupos. Assim, apesar da articulação entre as instituições, parece ficar claro entre elas as

¹¹ Informações retiradas e disponíveis em: <https://appoa.org.br/movimento/manifesto-com-assinaturas/2016>. Acesso em: 10 jan. 2024.

divergências que as separam. Isto é, a reunião inicial do Movimento se deu sob a concordância de que existiam diferenças de concepções sobre os requisitos para a formação de psicanalistas (ibidem). Em nota explicativa sobre o Movimento Articulação, a Associação Psicanalítica de Porto Alegre, integrante do movimento, enfatiza que há diferenças entre as instituições, mas que alguns consensos as unem: a impossibilidade de regulamentação da ética psicanalítica, a formação artesanal a partir do tripé psicanalítico e o caráter leigo e laico da psicanálise¹².

Ao longo da existência do Movimento, diversas ações foram feitas em defesa da psicanálise preconizada pelo grupo, além de participação ativa em audiências públicas na Câmara dos Deputados para confrontar projetos de regulamentação da psicanálise, especialmente aqueles de origem evangélica, foram lançados dois documentos, em 2001 e 2004, intitulados "Manifesto de Entidades Brasileiras de Psicanálise", assinados por 65 entidades psicanalíticas e apoiados por 10 instituições não psicanalíticas, como universidades, conselhos profissionais e associações afins. Também foi publicado o livro "Ofício do Psicanalista: Formação vs. Regulamentação" em 2009, proporcionando uma visão abrangente das atividades da Articulação e das questões relacionadas à formação e regulamentação da psicanálise (Amendoeira, 2018). Por fim, um dos últimos posicionamentos da Articulação ocorreu depois da criação de um curso de graduação em Psicanálise pela UNINTER em 2021, como já mencionado no primeiro capítulo. Foi lançado, a partir da Articulação, um manifesto contrário à graduação, por esta divergir dos princípios básicos que devem reger a formação do psicanalista¹³.

Enfim, a representação gráfica construída acerca do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo e as interpretações feitas sobre as oposições encontradas parecem explicar a criação do MAEP e as ações tomadas ao longo da sua existência. Em outras palavras, conseguimos ter uma melhor compreensão da posição relativa de cada grupo e do que está em jogo nessas disputas.

¹² Disponível em: [O que é o Movimento Articulação? - APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre](#). Acesso em: 10 jan. 2024.

¹³ Disponível em: <http://torodepsicanalise.com.br/manifesto-articulacao-contra-bacharelado-em-psicanalise/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

3.5.2 A questão Israel-Palestina e as diferenças entre ortodoxia e heterodoxia estabelecida

Se a criação de uma graduação em psicanálise e a junção de psicanálise com preceitos religiosos une os ortodoxos e os heterodoxos estabelecidos contra os heterodoxos não estabelecidos, a questão palestina parece ser um exemplo representativo das disputas entre os heterodoxos estabelecidos e ortodoxos. Recentemente, no dia 07 de outubro de 2023, o grupo palestino Hamas realizou um ataque a Israel, no qual diversos israelenses foram mortos e outros foram capturados como reféns, este episódio desencadeou uma campanha militar de Israel sobre o território palestino que, até dezembro de 2023, ainda está em curso¹⁴. Após os acontecimentos alguns atores se posicionaram sobre o episódio e podemos compreender melhor as tomadas de posição se levarmos em conta o quadro construído a partir da ACM.

A região heterodoxa estabelecida do espaço social está associada a variáveis de posicionamento político que se relacionam a pautas progressistas. Assim, encontramos psicanalistas ligados ao apoio de pautas de esquerda, antirracistas, anticoloniais, feministas, etc. Enquanto na região ortodoxa, apesar de não encontrarmos a defesa de pautas conservadoras, também notamos a ausência de variáveis de posicionamento político. Isto parece se relacionar com outras propriedades da região, na qual os recursos de capital midiático são escassos, fazendo com que o posicionamento dos psicanalistas não chegue ao conhecimento do público. Apesar disso, os episódios envolvendo Israel e Palestina parecem ter sido relevantes o suficiente para gerar um posicionamento de parte dos agentes, talvez pela presença de judeus nos quadros das sociedades psicanalíticas. A seguir, analisaremos alguns desses posicionamentos.

Começando pela ortodoxia, temos a nota de repúdio da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, umas das mais antigas no Brasil reconhecida pela IPA. Na nota, publicada no dia 09 de outubro no Instagram da Sociedade¹⁵

¹⁴ Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/mundo/2023/02/11/6355-acompanhe-as-principais-noticias-sobre-a-guerra-israel-hamas-siga.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyMYg_lp_O2/. Acesso em: 11 jan. 2024.

e intitulada “Nota de repúdio ao terrorismo e em defesa da paz”, os psicanalistas se solidarizam ao povo de Israel e chamam os ataques do grupo Hamas de bárbaros e terroristas, assim como o grupo é classificado como terrorista. Além disso, na nota, interpretam os atos como resultado da “pulsão de morte” e se posicionam contra “quaisquer atos que visam afastar o ser humano dos nobres valores civilizatórios da paz, da solidariedade, da compaixão”¹⁶. Assim, defendem a resolução de conflitos através do diálogo, enfatizam também a defesa dos direitos humanos e da democracia. Em seguida, no dia 18 de outubro compartilham também no Instagram nota de apoio à Sociedade Psicanalítica de Israel¹⁷. Nela, enfatizam colocações feitas pela nota da Sociedade Psicanalítica de Israel sobre a “crueldade sádica dos criminosos do Hamas” que configura “um crime contra a Humanidade”. A nota segue e os psicanalistas manifestam apoio incondicional aos psicanalistas israelenses e se solidarizam aos israelenses que sofreram com os ataques. Por fim, a nota da sociedade do Rio de Janeiro enfatiza que os atos cruéis e monstruosos revelam “o cultivo sádico do ódio em estado puro, cujo objetivo é a destruição dos vínculos de amor, por uma idealização perversa da tortura de inocentes e da Morte” e pede que outras entidades governamentais e não-governamentais se posicionem e condenem os atos do grupo Hamas.

Em relação a psicanalistas e instituições localizados na região da heterodoxia estabelecida, dois posicionamentos são representativos: 1) o posicionamento do grupo “Travessias – percursos em psicanálise”, formado por psicanalistas de Belo Horizonte oriundos da Universidade Federal de Minas Gerais. O grupo publicou em seu perfil no Instagram, no dia 25 de outubro, carta resposta de Freud a Chaim Koffler, datada de 1930, na qual Freud recusa dar seu apoio público a causa sionista¹⁸. Além da publicação da carta, enfatizam que “os riscos envolvidos na criação de um Estado nacional religioso com apelo territorial, como veio a ser Israel, estão ali [na carta] sinalizados”. E 2) o posicionamento de Vladimir Safatle, agente heterodoxo no campo, com relevante capital acadêmico e midiático. Safatle há vinte anos escreve sobre a

¹⁶ Cf. nota anterior.

¹⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyjVq2RJ98/?img_index=2. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cy0xo6ZOXtm/?img_index=1. Acesso em: 11 jan. 2024.

Palestina na mídia nacional e criou um documento reunindo seus principais escritos¹⁹. Em suma, em um de seus textos, Vladimir Safatle também faz críticas ao grupo Hamas, mas aponta a política colonial do Estado de Israel como outro problema enfrentado pelos palestinos²⁰. Em Manifesto contra o genocídio em Gaza, diversos intelectuais, incluindo Vladimir Safatle, artistas e movimentos assinam um documento pedindo uma série de ações em defesa dos palestinos. No manifesto pedem a paralisação do massacre perpetrado por Israel, o fim da ocupação militar dos territórios palestinos, o fim da limpeza étnica de Jerusalém Oriental e da anexação ilegal de terras palestinas, o fim do sistema de apartheid perpetrado por Israel sobre os palestinos, e ainda mencionam a transformação da Faixa de Gaza em uma prisão a céu aberto²¹.

Os posicionamentos acerca do conflito entre Israel e Palestina adquirem diferentes perspectivas e utilizam diferentes argumentos a depender da região do campo em que os psicanalistas se encontram. Enquanto alguns psicanalistas da heterodoxia estabelecida no seu posicionamento enfatizaram questões históricas ligadas ao conflito, trouxeram o posicionamento de Freud em relação ao sionismo e se posicionaram criticamente em relação a Israel, denunciando o genocídio da população palestina e o colonialismo de Israel; algumas instituições ortodoxas condenaram o ato do grupo Hamas e não localizaram o ocorrido no longo histórico que constitui o conflito entre Israel e Palestina, tratando-o como um ato de barbaridade e violência a partir de uma perspectiva psíquica e individualista, adotando, assim, uma posição conservadora e moralista em relação ao conflito e fazendo uma defesa abstrata da paz, da democracia e dos direitos humanos.

Observando a história do campo psicanalítico brasileiro, conseguimos notar posturas semelhantes em relação à ditadura civil-militar que perdurou no Brasil na segunda metade do século passado. Como tratado no capítulo um, durante a ditadura civil-militar houve um forte retraimento das sociedades filiadas à IPA em direção à clínica privada e um afastamento do social e do político, com

¹⁹ Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1j4Y3JD6MwywFkpsTWnm3t7HlzCiriRi4EwUOT7GidNw/edit>. Acesso em: 12 jan. 2024.

²⁰ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/suicidio-nacao-exterminio-povo/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

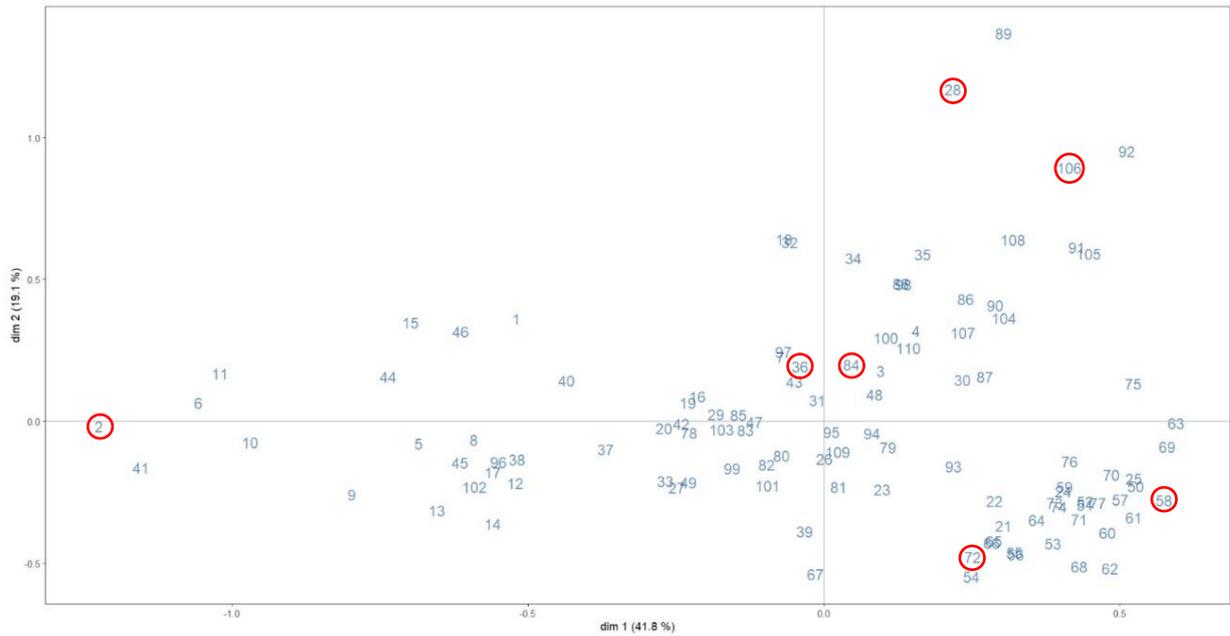
²¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/03/intelectuais-artistas-e-movimentos-assinam-manifesto-contra-genocidio-em-gaza-participe>. Acesso em: 12 jan. 2024.

discursos que buscavam enfatizar a neutralidade da psicanálise e a primazia da realidade interna (Oliveira, 2017). Em contrapartida, os psicanalistas lacanianos e associados às universidades se colocaram contrários à ditadura (Vale, 2003) e buscaram expandir a psicanálise para além da clínica, buscando maior diálogo com a sociedade (Santos, 2019).

Já em termos de propriedades, a partir do quadro construído, a região heterodoxa e está associada a variáveis acadêmicas, midiáticas e não ipeístas, além das variáveis de posicionamento político progressista. Esta junção de fatores parece significar que os psicanalistas localizados nesta região vão provavelmente, como no exemplo empírico dado, tomar posições políticas social e historicamente embasadas, em uma direção progressista. Já a região ortodoxa está ligada a variáveis de formação e filiação internas ao campo, com menor capital acadêmico e midiático e a ausência de variáveis de posicionamento político. Isto parece significar que os psicanalistas localizados nesta região do espaço social estarão mais associados à ausência de posicionamento político; mas, quando visto como relevante o posicionamento, estarão provavelmente associados a tomadas de posição que enfatizam a dimensão psíquica e moral dos episódios e que são menos social e historicamente informadas.

No próximo capítulo exploraremos com mais detalhes as disposições dos agentes. A partir da nuvem de indivíduos gerada pela ACM, selecionamos alguns indivíduos das quatro regiões do espaço criado a fim de aprofundar a análise das disposições e observar a relação do campo psicanalítico e das disposições dos agentes.

Figura 3.4 – Nuvem de indivíduos e agentes selecionados



Fonte: Elaboração própria (2023).

No total, sete psicanalistas foram selecionados para a realização da próxima etapa da pesquisa. Na Figura 4 é possível localizar os agentes selecionados na nuvem de indivíduos.

4 O campo psicanalítico brasileiro a partir das disposições dos psicanalistas

Como dito no capítulo anterior, neste capítulo trataremos sobre as disposições dos psicanalistas selecionados. Assim, a partir dos 7 casos selecionados aprofundaremos a compreensão do espaço social psicanalítico e dos seus agentes. Os casos selecionados levam em consideração as oposições encontradas e buscam representar cada região delineada no campo. Nesse sentido, para essa etapa da pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa justamente por ela permitir a construção de uma representação mais detalhada a partir do estudo aprofundado dos fenômenos sociais (Ragin, 2007). Inicialmente, o procedimento utilizado para a apreensão da trajetória dos indivíduos selecionados foi a entrevista, a partir dela fomos capazes de ter acesso às narrativas e percepções pessoais dos psicanalistas.

A entrevistas foram conduzidas utilizando um guia predefinido, seguindo a seguinte ordem: uma apresentação inicial, esclarecimentos pertinentes sobre a pesquisa, obtenção de autorização para gravação e formulação de perguntas abrangentes relacionadas a blocos temáticos diferentes. O roteiro²² elaborado para as entrevistas contou com sete blocos temáticos tratando sobre temas pertinentes ao problema de pesquisa. Sendo assim, passamos pelos seguintes blocos: sobre a família, sobre a trajetória escolar, sobre a formação acadêmica, sobre a trajetória e formação psicanalítica, sobre o posicionamento psicanalítico, sobre o posicionamento político e sobre o trabalho. Cada bloco possuía uma questão gerativa criada para iniciar o bloco e guiar os entrevistados na narração de suas trajetórias. Ainda, cada bloco possuía uma seção com outros questionamentos, utilizados em momentos em que pontos importantes para a pesquisa não foram abordados. A duração das entrevistas variou entre 45 minutos a 2 horas. Todas foram realizadas virtualmente através da plataforma Google Meet.

Além das entrevistas, foi necessário recorrer a outros meios de acesso aos dados devido a inacessibilidade ou recusa de alguns psicanalistas. Sendo assim, a proposta inicial era entrevistar dois psicanalistas de cada região do campo, porém, de oito psicanalistas que deveriam ser entrevistados,

²² Disponível no Apêndice A.

conseguimos acessar e entrevistar seis psicanalistas. Assim, foram entrevistadas duas psicanalistas ortodoxas, dois psicanalistas heterodoxos não estabelecidos e dois psicanalistas heterodoxos estabelecidos intermediários em relação ao capital acadêmico e midiático. Apesar de todas as tentativas de entrevistar os psicanalistas heterodoxos com maior capital acadêmico e midiático, recebemos apenas dois retornos, negativos. Acreditamos que a inacessibilidade dos psicanalistas desta região por si só já é relevante para a pesquisa. O elevado capital acadêmico e midiático faz com que eles sejam mais requisitados e se tornem de difícil acesso, refletindo o prestígio a eles reservado.

Enfim, devido a inacessibilidade de tais psicanalistas, decidimos reconstruir a trajetória de um dos psicanalistas dessa região a partir de dados obtidos em fontes públicas, disponíveis justamente pela visibilidade do psicanalista. Apesar de não ter sido nossa primeira opção e sabendo dos limites dessa escolha, acreditamos que as informações obtidas permitem construir um esboço da trajetória e posicionamento do psicanalista, o que contribuirá para a discussão.

A seguir, apresentamos a Tabela 4.3 com as características gerais dos psicanalistas indicados na Figura 3.4 para, em seguida, focarmos em cada região do espaço social estudado e em seus respectivos representantes. Ademais, cabe ressaltar que a apresentação dos dados não seguiu necessariamente a ordem em que foram narrados, mas eles foram organizados para melhor compreensão e clareza. Por fim, optamos por utilizar o número do indivíduo na nuvem de indivíduos, anteriormente apresentada e também presente na Tabela 4.3, junto a um pseudônimo, para preservar a identidade dos psicanalistas e, ao mesmo tempo, não os reduzir apenas aos números da nuvem.

Tabela 4.3 – Características gerais dos psicanalistas selecionados

Nº	Pseudônimo	Estado	Idade	Raça/ Cor	Estado Civil	Nº filhos	Graduação	Formação Psicanalítica	Entrevista
2	Christian Dunker*	SP	57	Branco	Casado	2	Psicologia	Lacaniana	Não
28	Lucas	RR	42	Preto	Divorciado	1	-	Cristã	Sim

36	Felipe	MG	30	Branco	Solteiro	0	Psicologia	Lacaniana	Sim
58	Carla	RS	52	Branca	Casada	2	Psicologia	IPA	Sim
72	Ana	SC	68	Branca	Casada	2	Psicologia	IPA	Sim
84	Camila	TO	33	Branca	Casada	1	Psicologia	Universidade	Sim
106	Larissa	SP	42	Preta	Divorciada	0	Processos Gerenciais	Integrativa	Sim

Fonte: Elaboração própria (2023).

*Optamos por deixar o nome verdadeiro do psicanalista, levando em conta o caráter público das informações obtidas.

A partir da Tabela 4.3 conseguimos ter uma visão geral acerca dos indivíduos selecionados, suas semelhanças e diferenças. Apesar de três psicanalistas serem do Estado de São Paulo, o que reflete a importância do Estado na constituição da Psicanálise no Brasil, temos certa variedade de Estados: Roraima, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins. Em relação à idade, também temos uma variedade, com psicanalista de 30 anos até 68 anos. Por outro lado, o grupo de psicanalistas apresenta uma notável falta de diversidade racial, sendo predominantemente composto por profissionais identificados como brancos. Apenas dois membros, Lucas e Camila, são categorizados como pretos, isto parece refletir, de fato, uma carência significativa de representatividade étnica na Psicanálise brasileira.

Ao analisarmos o estado civil e o número de filhos dos psicanalistas, observamos uma diversidade de situações. Há profissionais casados, divorciados e solteiros, demonstrando uma variedade de experiências de vida. Além disso, a quantidade de filhos também varia, desde indivíduos sem filhos até aqueles com dois filhos. Essa diversidade reflete a multiplicidade de trajetórias pessoais entre os psicanalistas selecionados.

Já em relação à graduação dos psicanalistas, observamos uma predominância da graduação em Psicologia, o que parece se conectar com a história do campo e, talvez, reflita certa afinidade entre os campos. O outro curso é de Processos Gerenciais, demonstrando que, apesar da predominância da Psicologia, indivíduos formados em outras áreas também estão no campo, inclusive indivíduos sem formação superior. Quanto às formações psicanalíticas especificamente, observamos indivíduos formados nas sociedades filiadas à

IPA, nas escolas lacanianas, ligados à universidade, além de indivíduos formados em instituições cristãs e integrativas. Essa variedade de formações destaca a riqueza e complexidade do cenário psicanalítico, onde diferentes linhas teóricas coexistem.

Enfim, este é apenas um panorama acerca das características gerais da amostra selecionada para a segunda etapa da pesquisa. Assim sendo, nas próximas páginas iremos aprofundar caso a caso a fim de enriquecer nosso quadro acerca do espaço social psicanalítico e das disposições dos psicanalistas.

4.1 A psicanálise ortodoxa

A região ortodoxa do campo psicanalítico, como discutido anteriormente, parece valorizar a pureza e a tradição. Dentro dessa perspectiva, a IPA é considerada uma instância mais autônoma e afastada de influências externas, delineando uma hierarquia na qual ser um "psicanalista puro" é destacado como um padrão superior. Em outras palavras, nessa região encontramos mais provavelmente psicanalistas com menor capital acadêmico e midiático, justamente por ser uma região mais fechada em si, em torno das instituições filiadas à IPA.

Antes de partirmos para a análise dos indivíduos selecionados, cabe detalharmos como foi o contato e a dinâmica estabelecida com os psicanalistas desta área do campo. Primeiramente, listamos todos os psicanalistas filiados à IPA e selecionamos aqueles que possuíam todas, ou quase todas, as propriedades características dessa região do campo, isto é, poucos recursos acadêmicos e midiáticos, bem como ausência de posicionamento político. Com os indivíduos selecionados, entramos em contato por e-mail, a princípio, e logo em seguida, quando não obtivemos respostas, também pelo *whatsapp*²³. Na primeira tentativa, apenas uma psicanalista, dos sete que entramos em contato, respondeu e aceitou participar da pesquisa. Porém, alguns dias depois, após sua

²³ A Federação Brasileira de Psicanálise disponibiliza o contato de todos os psicanalistas filiados, incluindo endereço, e-mail e, em alguns casos, número de telefone. Disponível em: <https://febrapsi.org/quem-somos/membros/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

preocupação quanto ao sigilo da sua identidade²⁴ e a duração da entrevista, optou por não participar mais. Em uma segunda tentativa, entramos em contato com mais um grupo de psicanalistas, outros se mostraram preocupados com o sigilo da pesquisa, porém, conseguimos uma resposta afirmativa. A psicanalista que aceitou participar parece ter recebido com entusiasmo a pesquisa e se voluntariou para participar. Como o objetivo era entrevistar ao menos duas pessoas de cada região do campo, continuamos os convites, mas foi necessário afastar-nos do núcleo duro da região e entrar em contato com psicanalistas com maiores recursos e posicionamentos políticos declarados. Nesse sentido, ao entrarmos em contato com mais psicanalistas, além de alguns indivíduos que nunca responderam, conseguimos, enfim, a resposta positiva de que precisávamos. Nesse caso, foi de uma psicanalista com mestrado e posicionamento político progressista. Assim, no total, entramos em contato com dezenove psicanalistas da região e obtivemos duas respostas afirmativas.

Acreditamos que narrar esta experiência com os psicanalistas da IPA é relevante para a pesquisa por revelar alguns aspectos dessa região do campo. A suspeita com a qual alguns psicanalistas receberam o convite e a dificuldade em conseguirmos entrevistas com psicanalistas com as propriedades características da região, parecem refletir o fechamento da psicanálise ortodoxa em si, em torno de suas próprias instituições. Principalmente, quando comparamos esta experiência com a dinâmica estabelecida com outros psicanalistas das demais regiões do espaço social, que serão abordadas em suas respectivas seções. Em suma, adentrar na região ortodoxa do campo e aprofundar nossos conhecimentos acerca dos psicanalistas ortodoxos foi uma tarefa difícil e demorada.

Após observarmos as particularidades que envolveram o processo de contato e interação com os psicanalistas da região, passamos para as entrevistas e análises.

4.1.2 A psicanalista ortodoxa com experiência acadêmica

²⁴ Nota-se que foi comunicado sobre o sigilo da pesquisa e também foi fornecido um termo de livre consentimento que pode ser encontrado no Apêndice B.

A primeira entrevistada da região foi Ana²⁵. No momento da entrevista tinha 68 anos de idade, casada, mãe de uma filha e um filho já adultos e avó de três netas, se autodeclarou branca. O pai foi empresário do ramo de transporte de passageiros e a mãe foi professora normalista, juntos tiveram dez filhos: cinco mulheres e cinco homens. Ana cresceu no interior do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. Apesar de ajudar o pai desde criança na empresa da família, sempre foi incentivada a estudar, assim como todos os seus irmãos e irmãs. Por um lado, pela mãe ser professora (“uma excelente professora”, como disse Ana) e, por outro, pelo pouco estudo do pai, que estudou até a quinta série (“Mas ele era um homem muito inteligente. E, bom, se fez, né?”). Assim, mesmo que ele tenha conquistado sucesso na área de trabalho, a ausência de uma formação sempre foi uma questão passada para os filhos.

Ana concluiu o primário, o que hoje corresponde às séries iniciais do ensino fundamental, em um grupo escolar na cidade de Santa Maria. Na passagem para o ginásio, anos finais do ensino fundamental, fez o exame admissional, necessário na época, para um colégio estadual em Santa Maria, cidade na qual ainda residia. Ana passou no exame admissional para o conceituado colégio estadual Manoel Ribas, em contraste com as instituições privadas da época com menor qualidade de ensino. No entanto, como ela e a família moravam ao lado de um colégio particular de freiras, o pai preferiu que a filha estudasse ali, mais próximo de casa. Foi no colegial que Ana conseguiu estudar no Manoel Ribas, no qual concluiu seu ensino médio, como chamamos hoje, após optar pela modalidade “científico”. Ela nos explicou que na época existia duas opções no colegial: o colegial clássico ou o científico. Ela optou pelo científico porque dava mais ênfase à matemática, ciências e exatas, em contraposição ao clássico que focava em filosofia e línguas.

Após concluir o colegial, Ana prestou o vestibular para Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Santa Maria, no qual foi aprovada e ficou até concluir a graduação. Apesar da graduação, ela nunca trabalhou na área. Na faculdade, conheceu o atual marido, eles se casaram e após a graduação foram morar em Charqueadas por conta do trabalho dele. Questionada sobre a escolha pelo curso de Engenharia Elétrica, Ana contou que sempre gostou muito de exatas,

²⁵ Lembramos que este e os outros nomes utilizados são pseudônimos.

de matemática, de física, e não sabia muito bem o que fazer na época, que precisou de um tempo para perceber que não era o que queria.

Já morando em Charqueadas com o marido, começou a ler sobre Psicologia e tinha amigas que cursavam a graduação, o que despertou o interesse pela área. Decidiu prestar vestibular para Psicologia na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), que ficava em uma cidade próxima a Charqueadas. De acordo com Ana, o vestibular não era tão concorrido como para as Universidades Federais. Ela acabou entrando na ULBRA e cursou Psicologia por um tempo. Porém, o marido foi transferido para Florianópolis e eles precisaram se mudar. A transferência da ULBRA para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) não foi aceita e Ana precisou fazer o vestibular novamente. Aprovada mais uma vez, Ana cursou e concluiu a graduação em Psicologia.

Foi durante a graduação em Psicologia que entrou em contato com a Psicanálise. De todas as linhas teóricas da Psicologia, a Psicanálise foi a que mais se identificou. Porém, poucos anos após concluir a graduação, ingressou no mestrado em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), onde pesquisou sobre bebês prematuros e as reações emocionais maternas, se afastando um pouco da Psicanálise. Após concluir o mestrado com louvor, lecionou no curso de Psicologia da ULBRA por um período. Mas não se interessou pela carreira acadêmica. Ana acredita que a tentativa de seguir na carreira acadêmica e lecionar foi uma influência de sua mãe professora. No entanto, a experiência não agradou a Ana, que optou por deixar a universidade.

Então, conversando com amigas que já faziam a formação em Psicanálise, Ana decidiu que era o que queria. Participou da seleção para a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e começou sua formação. Como residia em Florianópolis, e a análise online ainda não era uma opção, precisava se deslocar para Porto Alegre todas as semanas. As sessões de análise ocorriam quatro vezes na semana, com um analista didata da sociedade, além de seminários teóricos e clínicos exigidos na formação. Então durante cinco anos, Ana se deslocou semanalmente de Florianópolis a Porto Alegre para fazer sua formação psicanalítica. Toda a formação foi custeada pelo marido e a família. Não existia nenhuma bolsa de estudos para auxiliar com os gastos.

Segundo Ana, a formação, além de ter um custo financeiro alto, ainda exigia muito estudo. Todo ano era necessário realizar um trabalho teórico na sociedade, abordando os conceitos psicanalíticos. Além disso, para que o candidato (pessoa em formação na sociedade) se torne analista da sociedade, é necessário a apresentação de um trabalho clínico, a partir de casos atendidos durante a formação. Após a apresentação do trabalho e aprovação, o candidato se torna, oficialmente, um membro associado da sociedade. Passando por todas essas etapas, Ana concluiu a formação. Depois de um tempo formada, junto com outros analistas da sociedade de Porto Alegre, formou um centro de estudos em Florianópolis, onde estudavam a teoria psicanalítica e atendiam pacientes através de psicoterapia. Nesse ponto, Ana fez questão de diferenciar a psicoterapia da análise. Segundo ela, a análise ocorre em sessões frequentes durante a semana, enquanto a psicoterapia não. A realização da análise pessoal pelo analista, durante a formação e depois, foi muito enfatizada. Ana contou que mesmo após concluir a formação, continuou sua análise, parando apenas por um breve momento. Atualmente, Ana segue sua análise pessoal, segue se “tratando”, como disse.

Depois de formada e com anos de experiência, Ana se tornou analista didata, ou analista com funções didatas, na sociedade de Porto Alegre. Isso significa que ela se tornou apta a analisar outros candidatos em formação na sociedade. Assim, Ana seguiu suas atividades na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e no centro de estudos em Florianópolis. O centro se tornou, em 2019, um Grupo de Estudos Psicanalíticos reconhecido pela IPA, ou seja, capacitado para formar outros psicanalistas de acordo com os moldes da associação internacional. Atualmente, Ana exerce atividades principalmente no Grupo de Estudos, apesar de ainda ser associada à SPPA. No grupo, junto com os outros membros, realiza atividades de formação, seminários e participa de congressos e jornadas nacionais promovidos pela Federação Brasileira de Psicanálise.

Ao ser questionada sobre o seu posicionamento psicanalítico, Ana destacou que a base de sua formação é Freud, embora na sociedade e grupo estudem outros autores como Melanie Klein e Bion. Mas ela reconhece a existência de diferentes correntes teóricas dentro da psicanálise, como a lacaniana, que tem outros modelos de formação. Quanto à criação de uma

graduação em psicanálise pela Uninter, Ana enfatizou a diferença entre a abordagem teórica na universidade e a formação analítica, que envolve análise quatro vezes por semana, por exemplo. Para ela, a psicanálise na universidade é mais teórica e não constitui uma formação analítica completa. Além disso, quando questionada sobre outros tipos de formação, Ana se declarou contrária à mistura entre psicanálise e espiritualidade/religião e terapias complementares. Ela acredita que cada pessoa pode ter sua fé, mas que misturar religião com psicanálise como função analítica “não faz sentido”.

Como já tratamos anteriormente, as sociedades filiadas à IPA são instituições fechadas em si, com poucas relações externas e visibilidade na mídia, portanto, buscamos compreender como Ana via essa questão. Para ela, de fato existe uma diferença entre aqueles psicanalistas ligados à IPA, que tendem a não se envolver tanto na mídia e focam em atividades internas como jornadas e congressos, e os psicanalistas mais visíveis que estão nas redes sociais e mídias. Ana expressou que não vê problema em dar entrevistas sobre questões políticas e atuais ou situações relacionadas à psicanálise, desde que não envolvam detalhes dos seus pacientes. No entanto, ela destacou a importância de um posicionamento adequado. Para ela, essa decisão depende de cada pessoa, indicando que algumas têm motivação para se posicionar por meio da mídia, enquanto outras não.

Quando questionada sobre seu posicionamento político, Ana disse: “Eu vou te dizer uma coisa: não ter posicionamento político é algo político”. Assim, para ela, não existe neutralidade política. Justamente por isso, ela afirmou ter suas próprias convicções políticas e disse ter se posicionado nas últimas eleições, por exemplo, apoiando o então candidato à presidência Lula. Ao mesmo tempo, Ana não deixou de enfatizar que isso não influencia seu trabalho terapêutico, porque ela não faz doutrinação na clínica. Ainda, quando questionada sobre as notas das sociedades psicanalíticas durante as eleições, Ana defendeu a legitimidade do posicionamento das sociedades, visto que não era uma tomada de posição partidária, mas uma expressão contra o negacionismo e em defesa da democracia. Nesse ponto, Ana criticou o ex-presidente Bolsonaro, alegando seu despreparo e criticando suas atitudes questionáveis: “Além de todas as barbaridades que ele disse, também tem as

questões até de honestidade, né?”. Para ela, o período em que ele esteve no poder foi difícil para a história do país.

4.1.2.1 Análise

Alguns pontos se destacam na trajetória de Ana, na sua relação com os estudos e, posteriormente, no seu ingresso na psicanálise. Primeiramente, a condição econômica de sua família é um aspecto que precisa ser levado em conta. O capital econômico de sua família possibilitou que ela e seus irmãos e irmãs tivessem a possibilidade de dedicação quase que exclusiva, com exceção da ajuda ao pai na empresa, aos estudos e de acesso a escolas públicas e particulares. Isto parece ter sido crucial para que ela visse como uma possibilidade a formação em uma sociedade filiada à IPA e todos os gastos de locomoção. Além das condições econômicas favoráveis, também encontramos a educação formal como um bem valorizado pelos pais. Enquanto o pai possuía apenas a quinta série completa, o que fazia com que existisse a expectativa de que os filhos fossem além e conquistassem o que o pai não conquistou em termos educacionais; a mãe era professora primária, normalista, responsável pela educação e formação de outras crianças. A formação e profissão da mãe foi vista como uma referência, afinal, ela era “uma excelente professora”. Aliás, futuramente, Ana se sentiu impelida à docência pela figura da mãe, até perceber que não era o que fazia sentido para si. De qualquer forma, a junção de condições econômicas favoráveis e a importância dada à educação formal, parecem ter gerado em Ana disposições favoráveis ao estudo.

Ana passou por diversos processos seletivos, no começo de sua trajetória escolar, nos vestibulares para a faculdade e no processo seletivo para a formação psicanalítica. Em todos eles, sempre obteve êxito. Teve suas intenções frustradas quando o pai preferiu que ela estudasse perto de casa ao colégio melhor conceituado, ou quando precisou mudar-se para outro Estado e não conseguiu a transferência do curso de Psicologia. De qualquer forma, Ana foi aprovada nos processos seletivos em que participou e parecia ter forte apetência em relação aos estudos.

No começo de sua vida acadêmica e profissional, foi influenciada pelo seu gosto por matemática, física e afins, concluindo o curso de Engenharia Elétrica

e percebendo que não era o que queria fazer. Ao ir para a Psicologia e, após, para a Psicanálise, parece ter encontrado o que fazia sentido para si. A formação psicanalítica exigiu muita dedicação e exclusividade. Como a formação foi feita em outro estado, o deslocamento semanal até a SPPA para os seminários e para a análise pessoal, bem como os custos dessas atividades, só foram possíveis devido ao apoio econômica da família e do marido, reforçando o peso do capital econômico na trajetória trilhada por Ana. Além do custo econômico, Ana também frisou a exigência das tarefas da SPPA, que parecem ter sido encaradas sem muitas dificuldades devido às disposições inculcadas durante a infância e trajetória escolar.

Durante a entrevista, podemos notar como os aspectos da formação psicanalítica nos moldes da IPA foram ressaltados: a necessidade da alta frequência de sessões de análise por semana, a separação entre psicoterapia e análise, e a afirmação de que a universidade abarca apenas aspectos teóricos. Tudo isto parece refletir a inculcação, durante a formação, da visão ipeísta sobre a teoria e a prática da Psicanálise. Apesar do reconhecimento de outras vertentes psicanalíticas, a possibilidade de um psicanalista formado na universidade ou em instituições religiosas/integrativas, parece ser visto como incoerente e ilegítimo.

Ademais, os posicionamentos políticos de Ana parecem destoar um pouco dessa posição mais tradicional e ortodoxa. Nesse sentido, Ana não acredita na neutralidade política e é favorável ao posicionamento das sociedades em favor da democracia e contra o negacionismo. Isto parece estar calcado na separação que Ana faz entre o que acontece fora e dentro da clínica. Para ela, em situações relevantes, alguns posicionamentos são necessários, o que não significa doutrinação política dos pacientes. Além disso, sua trajetória na academia, após cursar duas graduações completas, concluir o mestrado com louvor e ministrar aulas por um período, pode ter influenciado em suas disposições políticas progressistas. Como sabemos a partir do quadro elaborado do campo psicanalítico, as formações universitárias possuem proximidade com posicionamentos políticos progressistas.

Sendo assim, podemos afirmar que devido às disposições previamente inculcadas, Ana não teve muita dificuldade para adentrar na região ortodoxa do campo. Ela possuía uma família com capital econômico suficiente para custear

sua formação – primária, secundária, universitária e psicanalítica -, bem como a disposição e apetência ao estudo, inculcadas pelos pais desde sua infância. Ao mesmo tempo, seu posicionamento político, apesar de destoar do núcleo mais duro da psicanálise ortodoxa, é semelhante ao posicionamento de instituições ipeístas defensoras da democracia. Além disso, seu posicionamento faz uma separação entre o contexto interno e externo à clínica, preservando a ideia de que o analista não deve doutrinar o analisando.

4.1.3 A psicanalista ortodoxa com formação internacional

A segunda e última entrevistada dessa região do campo foi Carla. No momento da entrevista tinha 52 anos de idade, casada, mãe de uma filha e um filho, se autodeclarou branca. Nasceu e cresceu no interior do Rio Grande do Sul. Seu pai, hoje já falecido, era médico ginecologista e obstetra, desempenhava funções em clínica privada e também na universidade. Além disso, ele foi um dos fundadores de um curso de medicina na cidade de Pelotas e também teve papel no desenvolvimento da residência em medicina na mesma Universidade. Além de sua carreira médica, ele também se dedicava a atividades rurais, especialmente ligadas a terras e animais. Assim, o pai se dedicava muito à medicina, possuía um ritmo de trabalho bem intenso, mas em paralelo nutria e realizava seu desejo de ter propriedades rurais. Ao longo de sua vida, comprou e vendeu algumas propriedades. A mãe de Carla desempenhava um papel importante na organização e contabilidade dessas atividades paralelas do pai. Então, apesar de não ter uma profissão, a mãe estava sempre envolvida na administração das propriedades.

Como nos contou Carla, seu pai fez sua formação em medicina na Argentina e seu período de residência em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Quando ele retornou para Pelotas, conheceu a mãe de Carla e eles se casaram em seis meses. A mãe de Carla, naquela época, havia concluído o ensino médio, sendo 15 anos mais nova que ele, e após o casamento não continuou a estudar. Assim, as atividades da mãe foram voltadas para as atividades de seu pai. Além

da medicina e das propriedades rurais, o pai fazia parte do Rotary Club²⁶ e sua mãe era muito envolvida em alguns grupos de trabalho de mulheres, voltados a ações sociais. Carla conta que até hoje a mãe organiza um grupo de mulheres no clube.

Essa configuração familiar de Carla foi muito importante em sua trajetória escolar e depois profissional. A mãe sempre ressaltou a importância de ter uma profissão: “E era uma coisa que ela tinha muito forte com as três filhas: ela dizia que nós poderíamos casar e tal, mas que cada uma tinha que ter a sua profissão, que nós não poderíamos depender de ninguém”. Carla acredita que sua mãe é uma veterinária frustrada. A partir de suas memórias de infância, Carla lembra de ver a mãe estudando em um cursinho para prestar vestibular para veterinária. No entanto, a mãe engravidou, de maneira não planejada, e acabou abandonando o curso e não tentou novamente. Assim, apesar de estar muito envolvida nas atividades do marido, a mãe de Carla dava muita importância para a vida profissional e à independência, aconselhando as filhas a fazer o que ela não conseguiu (“mas ter uma profissão e uma vida profissional assim, ela nunca teve. Então, isso é uma coisa que ela passava muito pra gente, né? Passava para as três. E as três seguiram o conselho, eu e as minhas irmãs”).

A trajetória escolar de Carla ocorreu ao longo das décadas de 1970 e 1980. Carla conta que frequentou tanto instituições públicas quanto privadas, pois, segundo ela, após uma grande greve em meados da década de 1980 a qualidade do ensino público começou a declinar. Assim, o início de seus estudos foi em uma pré-escola estadual perto de sua casa de infância. Posteriormente, ela estudou até a oitava série na escola estadual Assis Brasil, muito conceituada na época. No entanto, devido ao declínio na qualidade do ensino estadual, os pais de Carla optaram por transferi-la para uma escola privada para a conclusão do ensino médio. Suas irmãs seguiram caminhos diferentes, com a irmã mais nova ingressando diretamente em uma escola particular, enquanto a irmã do meio fez a transição da escola pública para a privada mais cedo, ainda no ensino fundamental. Carla foi a que permaneceu por mais tempo na escola pública em comparação às suas irmãs.

²⁶ Um Rotary Club é uma unidade fundamental do Rotary International, uma organização global dedicada a serviços humanitários, promoção de valores éticos e busca pela paz. Disponível em: <https://www.rotary.org/pt>. Acesso em: 12 jan. 2024.

Embora não tenha sido a melhor aluna da turma, destacou-se nas disciplinas que mais gostava, especialmente aquelas relacionadas às áreas humanas. Nesse sentido, Carla teve muita dificuldade em matemática, ficando em recuperação várias vezes. Segundo ela, os professores a marcavam profundamente. No caso do professor de matemática, ele era muito rígido, uma grande figura de autoridade, o que fazia com que Carla sentisse medo (“E eu tinha um professor de matemática na sexta série, que até hoje eu vejo ele na rua e eu tenho medo dele”). Na hora das provas de matemática, ela ficava em pânico e não conseguia fazer as questões corretamente, fazendo com que sempre ficasse em recuperação. Até que sua mãe foi na escola conversar com o professor e contar o que estava acontecendo. O professor reagiu amigavelmente e Carla passou a ver ele de outra forma, diminuindo seu medo e dificuldade na disciplina.

É muito interessante a relação que Carla estabelecia com os professores. Eles eram vistos como grandes figuras. Como ela disse: “Só que eu estudei numa escola pública na época em que os professores davam aula, o professor era uma autoridade na sala de aula. Nós admirávamos e odiávamos os professores”. Além de matemática, Carla também tinha dificuldade em Educação Física. Ela nunca gostou de atividades físicas por ser “uma criança gordinha” e ter “uma coordenação motora péssima”, então sempre que possível “fugia” da aula de Educação Física. Além dos professores que marcaram negativamente, Carla lembra de sua professora da terceira série, de quem gostava muito. Durante uma licença de saúde, Carla ficou muito triste com sua ausência e insistiu para a mãe levá-la para visitar a professora. A mãe conseguiu o endereço na escola e levou Carla, que levou um presente para a professora.

Após terminar o ensino fundamental e médio, Carla prestou o vestibular e entrou direto no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Durante a graduação, sua relação com as disciplinas e os professores foi semelhante. Nesse caso, ela não teve grande dificuldade em nenhuma disciplina, mas se dedicava mais às que tinha mais interesse (“Então, eu não era uma aluna assim exemplar. Até era exemplar, mas nas disciplinas que eu gostava”). Sua escolha por Psicologia foi influenciada pelas experiências que viveu com a psicoterapia enquanto paciente.

Desde os quinze anos de idade fez terapia de orientação psicanalítica e gostou muito do processo. Isso fez com que decidisse seguir para a área. Assim, desde jovem estava decidida a cursar Psicologia e, após, cursar a formação em Psicanálise na Argentina, seguindo os passos do pai (“E eu, então, na verdade queria ir para Buenos Aires. Então, eu tinha uma ideia de que eu tinha de fazer isso”). Durante a graduação, Carla teve uma formação muito voltada para a clínica, diferente da formação atual, que é voltada para a carreira acadêmica, segundo ela. Dessa forma, os professores que mais a marcaram eram justamente aqueles com perfil clínico, que atendiam, faziam supervisão. Além disso, alguns tinham formação psicanalítica, o que foi uma inspiração para Carla.

Após concluir a graduação, Carla foi para a Argentina fazer as provas de seleção para a formação psicanalítica e enfrentou um desafiador processo para entrar na Associação Psicanalítica Argentina (APA) em Buenos Aires. Na época, sua juventude e falta de experiência clínica eram vistas com ressalvas. As entrevistas de admissão eram rigorosas, e muitos candidatos não eram aprovados, sendo orientados a esperar até estarem mais maduros para a formação. Embora tenha sido considerada jovem para iniciar a formação, Carla conseguiu convencer os avaliadores de que aquele era o momento certo para ela. Ela destacou a importância de aproveitar o tempo disponível para ir a Buenos Aires, pois seria mais difícil fazê-lo posteriormente. Carla foi aprovada e passou cinco anos na Argentina, atendendo pacientes na clínica social da APA, já que seu diploma estrangeiro não era reconhecido. Durante esse período, Carla viveu sozinha em Buenos Aires, mas fez amizades e descreveu a experiência como muito enriquecedora.

Após concluir sua formação psicanalítica em Buenos Aires, Carla retornou ao Brasil conforme seu plano inicial. Ela tinha ciência de que ficar morando permanentemente na Argentina seria financeiramente desafiador, considerando a complexidade da legalidade de seu trabalho como estrangeira. Durante o período em que viveu em Buenos Aires, seus pais a apoiaram financeiramente, pois seu trabalho na clínica social não proporcionava recursos suficientes para cobrir todos os custos, incluindo análise e seminários.

Ao retornar ao Brasil, Carla iniciou sua prática clínica trabalhando com um grupo de estudos composto por colegas da formação em Buenos Aires. Nesse período inicial, enfrentou desafios, mas gradualmente foi conseguindo novos

pacientes, até receber um convite para participar da Sociedade Psicanalítica de Pelotas, que já existia na época. Ao se filiar, começou a se envolver mais profundamente na área clínica, além de se dedicar à parte docente. Carla passou a ministrar seminários, participar da administração da sociedade e ocupar diversos cargos de diretoria.

Atualmente, Carla dedica-se à prática clínica e desempenha funções na Sociedade Psicanalítica de Pelotas, na qual já ocupou a presidência. Nos últimos quatro anos, enfrentou desafios organizacionais devido à pandemia, reformulando e reorganizando a sociedade. Seus planos futuros incluem intensificar seu comprometimento com a prática clínica. Carla planeja oferecer mais cursos, especialmente no recém-criado núcleo da sociedade voltado para a psicanálise aplicada.

Ao ser questionada sobre seu posicionamento psicanalítico, Carla levantou um questionamento que considera importante ao tratar sobre o tema: “Na verdade, agora a gente chega num ponto bem interessante que é o seguinte, existe uma questão muito complicada em relação à psicanálise, que é a questão de: a quem pertence a psicanálise? Isso é um assunto de muito debate”. Após pontuar esse debate, Carla foca em explicar como é a formação nos moldes da IPA. A IPA estipula um tripé para a formação, incluindo análise pessoal, supervisão e seminários. Apesar da autonomia das sociedades filiadas em áreas teóricas específicas, a base da formação deve ser freudiana, enquanto os pós-freudianos são considerados posteriormente, assim como Ana havia comentado sobre sua formação.

Quanto à graduação em Psicanálise criada pela Uninter nos últimos anos, Carla expressou uma visão crítica, considerando a graduação um “absurdo”. Ela destacou a importância do tripé na formação psicanalítica, composto por análise pessoal, supervisão e seminários, e argumentou que simplesmente estudar a teoria psicanalítica não é suficiente para se tornar um psicanalista. Para ela, a experiência prática e vivencial desse tripé é fundamental para o desenvolvimento adequado de um profissional nesse campo. Por outro lado, Carla expressou uma visão positiva sobre a presença da psicanálise nas universidades como teoria. Ela destacou a importância da psicanálise aplicada, especialmente em contextos acadêmicos, como mestrado e doutorado, onde a teoria psicanalítica pode ser valiosa para a comunidade. No entanto, ela mantém uma posição crítica em

relação à ideia de uma graduação em psicanálise sem o devido "tripé" em uma instituição apropriada.

Ainda, sobre outras experiências psicanalíticas heterodoxas, como a Psicanálise na rua ou as Clínicas Abertas de Psicanálise, Carla tem uma visão cautelosa e crítica. Ela reconheceu que essas iniciativas surgiram em resposta a demandas específicas e à necessidade de comprometimento social com a comunidade, especialmente em tempos de pandemia. No entanto, Carla destacou a importância de diferenciar esses contextos do *setting* tradicional de uma prática psicanalítica privada. Ela apontou para a necessidade de considerar a natureza específica desses trabalhos, que muitas vezes envolvem psicoterapia ou atividades em grupo, e destacou que são métodos diferentes de trabalho e estudo. Para ela não é possível comparar diretamente o *setting* privado do consultório tradicional com essas propostas mais recentes. Além disso, ela expressou uma preocupação com a falta de pesquisa e comprovação científica sobre os resultados dessas práticas, destacando a necessidade de estudos mais aprofundados para entender melhor o impacto e a eficácia dessas abordagens.

Carla também tem uma visão crítica e até cautelosa sobre psicanalistas que se tornam conhecidos na mídia, especialmente nas plataformas online, como o caso de Christian Dunker e outros que atuam como ele. Ela considera essa exposição midiática como potencialmente perigosa para a prática da psicanálise. Sua preocupação está centrada na ideia de que a psicanálise demanda uma certa intimidade e confiabilidade, e a exposição midiática pode interferir nesse aspecto. Para ela, existem questões transferenciais fortes que surgem no trabalho psicanalítico e a exposição midiática pode influenciar e complicar essa dinâmica. Por isso, ela questionou como os pacientes lidam com essa exposição e como isso pode impactar a relação terapêutica. Carla reconheceu que essa é uma perspectiva pessoal dela e que outras pessoas podem ter opiniões diferentes, visto que isso também está relacionado ao estilo individual de cada profissional.

Esse posicionamento de Carla quanto à exposição midiática também se estende para questões de posicionamento político. Para ela, é uma "temeridade" a exposição de psicanalistas a respeito de questões políticas e, em especial, político-partidárias. Ela considera a política como algo pessoal, comparável à religião, onde cada indivíduo possui suas próprias crenças e posições. Pela sua

fala (“A FEBRAPSI começava a cobrar das sociedades algum tipo de... por exemplo, o que aconteceu, a questão da democracia, tá?”), somos levados a supor que existe uma pressão da FEBRAPSI para que as sociedades filiadas se posicionem em determinadas ocasiões. Após mencionar isso, Carla começou a discorrer sobre o tema da democracia que, para ela, inclui valores como a liberdade de expressão e o respeito pelos outros, valores também importantes para a psicanálise. Nesse sentido, Carla acha justificável o posicionamento das sociedades, pois se trata da defesa de um valor alinhado às bases da psicanálise. Um dos grandes problemas parece ser a mistura de questões partidárias com a prática psicanalítica, ela acredita que tomar posições partidárias específicas ou apoiar certos grupos políticos pode ser arriscado. Carla enfatizou que a política atual, não apenas no Brasil, mas também na América Latina, muitas vezes parece estar em desacordo com os princípios fundamentais da democracia.

Aprofundando seu posicionamento acerca de questões políticas, Carla acredita que, do ponto de vista teórico-clínico, debates políticos nem deveriam ser uma questão. Nesse ponto, ela traz o exemplo de uma série de TV, na qual um paciente negro está em um processo terapêutico com uma terapeuta branca e esta pergunta a ele por que escolheu uma terapeuta branca ao invés de uma negra. Para Carla, “isso psicanaliticamente é um absurdo, tá? Por que eu te digo que seria um absurdo? Porque se tu tá tratando uma pessoa, a pessoa não tem cor, o analista. A pessoa não pode... não tem cor, não tem posicionamento político, eu não sei se tu tá entendendo... a nível de inconsciente, tá? Digamos assim, não tem cor, não tem posicionamento político a nível de inconsciente, entendesse, e ela vai trabalhar”.

Cabe ressaltar que Carla reconhece a histórica dívida do Brasil em relação à escravidão e destacou a importância de trabalhar para fortalecer e auxiliar as pessoas que foram historicamente marginalizadas. Para ela, embora o racismo seja uma realidade, seu sonho é de um futuro onde as pessoas se enxerguem além das diferenças de cor, promovendo um ambiente de igualdade e respeito mútuo. Porém, ao mesmo tempo, ela destacou a importância da neutralidade política no papel do psicanalista, enfatizando que a busca por pacientes deve transcender afinidades ideológicas e diferenças de cor. Ela argumentou que limitar a escolha de pacientes com base em semelhanças políticas pode impedir

o crescimento e a diversidade de perspectivas no processo terapêutico. Carla reconhece que, embora os psicanalistas possam ter posicionamentos políticos pessoais, é crucial separar isso do trabalho clínico, garantindo empatia e compreensão diante das experiências individuais dos pacientes. Aliás, quanto ao seu posicionamento político pessoal, Carla expressa desencanto com a política partidária, caracterizando os políticos como corruptos, mentirosos e desumanos, independentemente de sua orientação política. Ela destacou a falta de respeito ao próximo na atualidade, enfatizando a necessidade de preservar o direito do cidadão de exercer sua cidadania. Carla criticou a postura narcísica na política, onde apenas o que beneficia individualmente é valorizado. Sua visão sobre os últimos presidentes, tanto de direita quanto de esquerda, é de que representam faces semelhantes da mesma moeda, e ela anseia por um líder “empático” e dedicado ao bem comum.

4.1.3.1 Análise

O caso de Carla parece ter bastante semelhança com o de Ana. Assim como Ana, Carla nasceu em uma família com elevado capital econômico, o que possibilitou uma formação de qualidade durante todo o seu percurso formativo. Além disso, Carla também pôde se dedicar exclusivamente aos estudos, tendo sua primeira experiência laboral apenas após a conclusão da faculdade. Suas condições econômicas de existência parecem ter gerado disposições que permitiram vislumbrar a formação em outro país, como o seu pai. Porém, cabe ressaltar que não só o capital econômico deve ser levado em conta.

A formação acadêmica de seu pai em outros países e sua importância na Universidade da cidade, bem como o incentivo pelos estudos de Carla, contribuíram para que ela se dedicasse aos estudos e vislumbrasse uma carreira. Somado a isso, temos a mãe de Carla, que sempre reforçou a importância de as filhas terem uma profissão e serem independentes, já que ela não pôde. A mãe parece ter visto nas filhas a possibilidade de realizar seus desejos. Tudo isso contribuiu para o desenvolvimento em Carla de disposições para o trabalho e para a independência.

Também, não podemos esquecer dos professores que Carla teve ao longo de sua formação. Vistos como figuras de autoridade, de medo e de admiração,

os professores eram respeitados e alguns serviam como figuras de inspiração. O que nos faz pensar no desenvolvimento de disposições para a docência, que encontraram lugar para ativação quando Carla passou a integrar a Sociedade Psicanalítica de Pelotas.

Ademais, sua dificuldade em matemática e inaptidão para os esportes parecem ter reforçado a apetência de Carla pelas Ciências Humanas, o que a aproximou da Psicologia. Junto a isso, a relação estabelecida com terapeutas de orientação psicanalítica foi muito importante para a escolha de carreira de Carla. Desde adolescente, ela sabia o que fazer profissionalmente, planejou sua graduação, sua formação na Argentina e depois seu retorno para o Brasil, demonstrando ter uma capacidade de organização e de disciplina elevada para alcançar os objetivos almejados, como de fato ocorreu.

Na sua formação psicanalítica parece ter inculcado um conjunto de disposições psicanalíticas ortodoxas. Além da defesa do tripé psicanalítico, da formação nos moldes da IPA e da base formativa freudiana, Carla vê como um absurdo uma graduação em Psicanálise. Já as experiências de clínicas abertas são vistas com cautela e certa preocupação, por se distanciarem do *setting* tradicional e não existir comprovação científica de sua efetividade.

Ainda, suas disposições ortodoxas aparecem em seus posicionamentos acerca da exposição do psicanalista e das questões políticas. Isto é, para Carla a presença dos psicanalistas em meios digitais e midiáticos é vista de forma crítica, devido à influência que pode haver na transferência com os pacientes. Este posicionamento reflete a visão ortodoxa de que o psicanalista deve ser como um espelho para o paciente, sem deixar que algo de sua própria subjetividade entre na dinâmica analítica. Quanto ao posicionamento político, diferentemente de Ana, Carla parece defender a neutralidade do psicanalista. Para ela, questões políticas não são pautas do ponto de vista teórico-clínico da psicanálise. O analista, como dito, não tem cor nem ideologia política, ele trabalha quase que de forma técnica, estabelecendo uma dinâmica com o inconsciente do paciente que está fora desse jogo de diferenças.

Ao mesmo tempo, Carla concorda com posicionamentos políticos de defesa da democracia por acreditar que estão de acordo com os princípios psicanalíticos. A liberdade de expressão e os direitos individuais são valores caros a ela. O grande problema parece ser o apoio político-partidário. Seu

posicionamento político pessoal parece refletir disposições moralistas, ao classificar todos os políticos como corruptos, mentirosos e desumanos. Criticando políticos de esquerda e de direita, Carla anseia por um líder empático e dedicado ao bem comum, características individualistas que apagam o caráter político do posicionamento.

Nesse sentido, o conjunto de disposições introjetado previamente ao campo psicanalítico parece ter possibilitado a entrada e a adaptação de Carla à região ortodoxa do campo. O capital econômico de sua família foi um fator importante para suas formações. Junto a isso, sua apetência por disciplinas ligadas à área de humanas e o incentivo de seus pais pelo estudo e profissão, contribuíram para o êxito de seu percurso de formação e profissionalização. Ademais, seu posicionamento político parece estar em consonância com a Psicanálise ortodoxa. Sua postura voltada para a clínica desde o início da graduação e a entrada na APA logo após a faculdade, sem a experiência de uma pós-graduação, podem ter contribuído para que Carla adquirisse uma visão social conformista e de não engajamento político, de julgamento moral, e de psicologização diante de questões políticas.

4.2 A psicanálise heterodoxa estabelecida com capital acadêmico intermediário e pouco capital midiático

A região heterodoxa estabelecida do campo psicanalítico, com capital acadêmico intermediário e pouco capital midiático, está associada às formações lacanianas, não-ipeístas e universitárias. Nessa região, também encontramos propriedades de posicionamento político progressista. Nesse sentido, os indivíduos selecionados têm um perfil de propriedades semelhantes ao que é característico da região.

A dinâmica estabelecida com os psicanalistas desta área do campo foi bem diferente de como ocorreu com a região ortodoxa. Os primeiros contatos estabelecidos foram bem recebidos e logo dois psicanalistas aceitaram participar da pesquisa. No total, entramos em contato com quatro psicanalistas, enquanto na região ortodoxa foram quase vinte psicanalistas contatados. Em relação ao sigilo da entrevista, concordaram em assinar o termo de livre consentimento,

mas não se mostraram preocupados com estas questões. Assim, em contraste com a ortodoxa, sentimos maior facilidade para adentrar nessa região.

Estas experiências nos fizeram refletir acerca da posição social da investigadora em relação ao objeto estudado. Isto é, parece existir uma homologia entre a investigadora, acadêmica e não midiática, e os psicanalistas da região heterodoxa estabelecida com capital acadêmico intermediário e sem capital midiático. Nesse sentido, estas similaridades podem estar por trás da maior facilidade para acessar esta região, em contraposição às outras. Enfim, a seguir, detalharemos o perfil dos indivíduos entrevistados.

4.2.1 O psicanalista lacaniano de esquerda

O primeiro entrevistado dessa região foi Felipe. No momento da entrevista tinha 30 anos de idade, solteiro, sem filhos, se autodeclarou branco. Natural de Belo Horizonte, nascido e criado lá, Felipe cresceu na companhia de seus pais, sendo filho único. Sua mãe é formada em Administração e seu pai é engenheiro mecânico. Quanto à educação, Felipe estudou em instituições particulares, frequentando a mesma escola até aproximadamente os 10 anos. Durante esse período, estabeleceu vínculos significativos com a instituição, onde cursou o pré-primário até a quarta série (atualmente o quinto ano). Essa escola desempenhou um papel crucial em sua formação, proporcionando suas primeiras amizades, muitas das quais perduram até hoje, e estabelecendo uma forte conexão afetiva. Após deixar a escola inicial, mudou-se para uma instituição diferente, maior, completando o ensino médio lá.

Felipe descreve seu percurso escolar como relativamente tranquilo. Ele tinha uma afinidade especial pela disciplina de Língua Portuguesa e, de modo geral, não enfrentou muitas dificuldades na escola. Era um aluno dedicado, cobrando-se para realizar suas tarefas com excelência. Matemática e biologia eram as disciplinas que, ocasionalmente, apresentavam mais desafios, muitas vezes relacionados à dinâmica com os professores. Mas, no geral, Felipe ia bem na escola e concluiu o ensino fundamental e médio sem problemas.

Questionado sobre o incentivo dos pais em relação aos estudos, Felipe enfatizou a importância que os pais davam aos estudos, além dos dois terem ensino superior completo. Então Felipe se cobrava muito e buscava ser “bem

certinho” com as tarefas da escola. Quanto ao ensino superior, para Felipe, a decisão de entrar na faculdade foi algo bastante natural e não foi muito questionada. Ele não sentiu que havia muitas outras opções e, por desejo, via o caminho da formação superior como uma escolha óbvia. A ideia de percorrer outro caminho que não envolvesse uma formação profissional de ensino superior não surgiu como uma consideração significativa para ele na época de sua decisão.

Sua escolha por Psicologia foi muito influenciada pela sua experiência como paciente de psicólogo, desde uma idade precoce, por volta dos oito ou nove anos. A influência de conhecer de perto o trabalho de um psicólogo, mesmo que inicialmente na perspectiva do paciente, foi significativa para ele. Essa pessoa tornou-se uma referência importante ao longo de muitos anos de terapia. Além disso, Felipe tinha interesse em áreas mais voltadas para humanas, gostava de escrever e considerou outros cursos, como Jornalismo e Direito. Ele ingressou simultaneamente nos cursos de Direito e Psicologia, mas optou por se dedicar à formação em Psicologia, abandonando o curso de Direito ao final do primeiro período. A escolha foi influenciada por uma combinação de afinidade pessoal, interesse acadêmico e uma relação significativa com um profissional de psicologia. Além disso, cabe ressaltar o papel dos pais nessa escolha: Felipe contou que sua escolha por Psicologia e Psicanálise foi apoiada, pois os pais sempre o apoiaram em tudo e o deixaram livre para escolher a profissão. No entanto, é interessante notar que a mãe de Felipe já havia demonstrado interesse pela área de Psicologia, como outra profissão a seguir.

Durante a graduação de Psicologia, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Felipe entrou em contato com a Psicanálise através de uma professora muito querida por ele. A partir da experiência tida com a professora em uma disciplina, Felipe tomou conhecimento de um grupo de pesquisa coordenado por ela. A pesquisa chamou a sua atenção e logo ele conseguiu se tornar bolsista de iniciação científica da professora e participar do grupo. Assim, o contato de Felipe com a pesquisa ocorreu muito cedo, aproximadamente no segundo ou terceiro período. Algo interessante de frisar é que Felipe destacou a importância da relação tida com a professora, ressaltando que além do interesse pelo tema do grupo, a forma como a professora transmitia o conhecimento e conduzia o trabalho foi crucial. A identificação pessoal com a

professora, sua maneira de ensinar e a valorização do que ela oferecia como educadora foram aspectos significativos que fortaleceram a vinculação de Felipe ao grupo de pesquisa.

No grupo de pesquisa eram abordados temas relacionados à interseção entre psicanálise e política. Seu interesse particular estava em discutir e estudar essa conexão. O grupo se envolvia com um trabalho que lidava com adolescentes autores de atos infracionais em Belo Horizonte, proporcionando a Felipe uma perspectiva ampla para pensar questões clínicas pela ótica da Psicanálise e, ao mesmo tempo, explorar dimensões sociais e jurídicas desses temas. Essa abordagem multidisciplinar e interseccional foi um elemento chave para atrair Felipe ao grupo. Assim, dada essa relação com o grupo de pesquisa e a Psicanálise já no início da graduação, a partir daí Felipe passou a orientar sua formação para a Psicanálise, escolhendo disciplinas e atividades ligadas à área e, para além da universidade, também buscou participar de grupos de estudos em escolas de Psicanálise. Atualmente, no momento da entrevista, Felipe faz uma formação na Escola Brasileira de Psicanálise da Seção Minas Gerais, escola de psicanálise lacaniana. Além disso, Felipe continua suas atividades no grupo de pesquisa, mas agora como voluntário.

Após concluir sua graduação em Psicologia, Felipe realizou um mestrado em Filosofia, com tema voltado para a Psicanálise. Sua escolha pela pós-graduação não foi tão naturalizada quanto sua escolha pela graduação. Segundo Felipe, esta decisão surgiu mais tardiamente, até por não ser algo comum em sua família (“Em certos termos, foi menos naturalizada, né? Porque essa não era de forma alguma uma... Não é uma coisa que meus pais têm, por exemplo”). Para ele, o interesse pela pesquisa e sua experiência no grupo foram importantes para a decisão. Assim, ingressar na pós-graduação foi uma perspectiva que se abriu eventualmente ao longo de suas experiências na graduação.

Atualmente, Felipe divide seu tempo entre dois vínculos profissionais. Ele atua como psicanalista em consultório particular, e também trabalha 20 horas semanais como psicólogo na prefeitura de Belo Horizonte. Além disso, ele se dedica a outras atividades profissionais, algumas remuneradas, como ministrar cursos e aulas de Psicanálise, e outras relacionadas à formação, incluindo sua participação na escola de psicanálise. Na prefeitura, Felipe exerce a função de

coordenador em um programa chamado "Arte da Saúde e Ateliê de Cidadania". Este programa oferece oficinas de arte para crianças e adolescentes encaminhados pelos centros de saúde da cidade. Felipe coordena a Regional Leste, onde ocorrem sete oficinas. Seu papel é predominantemente de gestão do programa, que não é especializado em saúde, mas está vinculado a contextos de saúde mental. Ele supervisiona monitores de arte, sendo um programa que envolve aspectos clínicos e requer um diálogo constante com profissionais de saúde, embora ele mesmo não realize atendimentos clínicos diretos.

Questionado sobre o futuro, ele reconheceu a possibilidade de explorar outras formas de aplicação da psicanálise em diferentes contextos ou dialogar com outras abordagens profissionais. Sua experiência na prefeitura, por exemplo, foi uma oportunidade que ele não imaginava existir. Ele valoriza a adaptabilidade e a aprendizagem contínua no âmbito profissional, sempre mantendo uma intersecção com a psicanálise. Ainda, ele considera a possibilidade de estar mais envolvido na universidade no futuro, talvez como docente. Ele vê isso como uma mudança, mantendo seu compromisso com a clínica, mas explorando diferentes formas de inserção profissional e social na psicanálise.

Como já mencionado antes, quando tratamos sobre a escola de psicanálise que ele frequenta atualmente, Felipe se identifica como psicanalista de orientação lacaniana. Ele diz ter encontrado na abordagem lacaniana instrumentos e conceitos que considerou valiosos para o trabalho clínico, que ofereceram uma compreensão mais profunda e uma maneira de abordar as questões que surgiam em sua prática. Além disso, Felipe ressaltou a relação estabelecida com a professora coordenadora do grupo de pesquisa que ele passou a fazer parte como um dos fatores de influência ("Acho que a primeira é uma boa relação com a pessoa com a qual te apresentou esse tipo de psicanálise, né? Querendo ou não, mesmo quando a gente gosta ou não de uma disciplina na escola, eu acho que sempre está atravessada por uma relação pessoal com o professor ou com a professora, né? Então, tem uma coisa muito particular ali que está presente, para além da disciplina em si. Eu acho que, sei lá, a pessoa pode gostar de matemática em um determinado tempo da vida porque teve um bom professor, e não gostar de matemática em outro momento

da vida porque teve um outro professor, né? Acho que tem essa questão que a gente nunca sabe muito bem colocar nome nela”).

Quanto ao seu posicionamento acerca da criação de uma graduação em Psicanálise, Felipe não acredita que uma graduação em psicanálise seja o caminho adequado para a formação de um psicanalista. Ele enfatiza que a formação de um analista ocorre em espaços diferentes, e a obtenção de um certificado de graduação não garante automaticamente o status de psicanalista. Ele também expressa uma visão crítica em relação à ideia de psicanálise cristã e integrativa. Ele não vê positivamente a proposta de incorporar uma abordagem religiosa ou espiritual e complementar na formação e atuação em psicanálise. Felipe destaca que, embora questões religiosas possam estar presentes na clínica a partir dos conteúdos dos pacientes, a integração direta da religião como uma orientação de trabalho na psicanálise parece contraditória e não alinhada com a abordagem psicanalítica. Ele ressalta a importância de separar leituras possíveis da psicanálise para o trabalho clínico daquelas que misturam outros campos de saber, como as práticas integrativas que utilizam terapias complementares.

Por outro lado, diferentemente da última psicanalista entrevistada, Felipe elogia as experiências de Psicanálise na rua ou as Clínicas Abertas (“eu acho que a psicanálise, como outras propostas de tratamento de saúde mental, tem mesmo que estar abertas, em muitos sentidos, principalmente para atender quem mais precisa”). Ele enfatizou a importância de romper com a tradicionalidade da psicanálise e reconheceu que existem barreiras de acesso a tratamentos psicanalíticos devido a questões como transporte, financeiras e sociais. Ele expressou entusiasmo pela oportunidade de levar propostas de tratamento a espaços mais abertos e acessíveis, alcançando assim pessoas que poderiam enfrentar dificuldades em acessar serviços tradicionais de saúde mental. Esse seu posicionamento se estende, de certa forma, à psicanálise nas mídias e a psicanalistas conhecidos.

Para ele, atualmente existem muitas experiências de levar a psicanálise para o espaço público, utilizando o Instagram, Tiktok e outros meios de comunicação. Seu posicionamento é de que ocorrem várias apropriações, de formas mais ou menos éticas, e isso deve ser levado em conta. Assim, de forma geral, ele destacou a importância de transmitir a Psicanálise de maneira rigorosa

e comprometida, tomando cuidados éticos na exposição pública da psicanálise. Para ele, a divulgação deve ser guiada por um conteúdo bem estudado e pesquisado. Ele acredita que, com esses cuidados, é possível manter um diálogo aberto sobre a Psicanálise em diferentes meios, contribuindo para sua vitalidade e possibilitando debates e discussões críticas.

Questionado sobre o seu posicionamento político, Felipe se posicionou como uma pessoa de esquerda, alinhada com partidos e ideias progressistas que enfatizam a justiça social. Ele acredita em um compromisso ético com responsabilidade social, democracia, liberdade e justiça (“Entendo que há uma relação muito importante, inclusive em termos de atuação da psicanálise, que só é possível em um ambiente com um amplo e bom debate democrático, acho que tem a ver com a pergunta que a gente estava colocando antes, que isso não seja tão elitizado, que possa estar disseminado para várias pessoas que têm interesse em estudar psicanálise, que seja aberto, que seja acessível”). Para ele, é vital que psicanalistas falem de política, posicionando-se abertamente, destacando a importância de um amplo debate democrático e o acesso disseminado ao estudo da psicanálise. Ele vê isso como parte do compromisso profissional, onde a ética envolve considerar o outro, a liberdade e a participação política e social (“Então isso implica um compromisso político e acho que é uma responsabilidade de psicanalistas também se comprometerem a lutarem por isso, a exporem suas posições de forma aberta, de forma pública em alinhamento com esse compromisso profissional de uma ética que leva em conta o outro, que leva em conta as possibilidades de escuta do outro, que leva em conta a liberdade do outro, as questões de participação política do outro, de participação social...Então acho que isso é muito importante, que a gente possa se posicionar enquanto psicanalistas e psicólogos clínicos abertamente, politicamente quando necessário”).

Felipe associa seu posicionamento às formações que teve, na universidade, principalmente no grupo de pesquisa, nas escolas de psicanálise, e também aos psicanalistas e às psicanalistas com quem fez laço ao longo do seu percurso. Assim, sua formação e experiências moldaram seu entendimento político desde o início de sua trajetória como psicanalista, fornecendo uma base clara para suas posições profissionais e políticas. Além disso, Felipe acredita que, ultimamente, a questão social e política tem ganhado mais espaço e

discussão em sua escola de formação. Ele percebe uma presença mais marcante dessas temáticas no ambiente educacional em que está inserido, considerando isso uma evolução positiva, embora reconheça que ainda há espaço para avanços nesse aspecto.

4.2.1.1 Análise

Ao analisarmos a trajetória e narrativa de Felipe, notamos algumas semelhanças e diferenças em relação às psicanalistas ortodoxas analisadas anteriormente. Felipe cresceu em uma família com condições econômicas que possibilitaram que ele estudasse durante todo seu ensino fundamental e ensino médio em escolas particulares. Além disso, sua mãe e seu pai possuíam formação superior e o incentivaram nos estudos, o que nos remete à formação de disposições favoráveis ao estudo. Ainda, outro indicativo do capital econômico da família é que, desde a infância, Felipe teve acesso à psicoterapia. Assim, as condições econômicas permitiram que Felipe tivesse acesso à educação privada e à experiência com um psicólogo, este muito importante para sua escolha profissional.

Na escola, Felipe se cobrava demais e buscava ser um bom aluno, não tendo grandes dificuldades. Apesar de, às vezes, ter dificuldade em matemática e biologia, nunca foi o suficiente para reprovar. Em compensação, Felipe gostava muito de língua portuguesa e das Ciências Humanas no geral, o que o aproximou ainda mais da Psicologia e, posteriormente, da Psicanálise.

Algo que marca sua aproximação com a Psicologia e com a Psicanálise, e com a Psicanálise lacaniana em especial, são as relações estabelecidas com professores e profissionais da Psicologia. Como dito antes, a relação de Felipe desde sua infância com um psicólogo, foi crucial para que, a partir de disposições emocionais fortes, ele desenvolvesse uma relação afetiva e de apetência com a área. A mesma situação parece ter ocorrido na universidade, onde conheceu a professora que marcou sua trajetória. Suas escolhas acadêmicas e profissionais parecem ser marcadas por aspectos afetivos importantes.

Ademais, sua família também tem um papel nisso. Devido à formação superior e do capital cultural dos pais, para Felipe sempre pareceu “natural” ingressar em algum curso superior e exercer sua profissão a partir disso. Parece

que já existia um mínimo esperado e suas escolhas foram guiadas levando em conta esse parâmetro, além de serem influenciadas pelas relações afetivas que desenvolveu ao longo do tempo.

Quanto ao seu percurso psicanalítico, notamos a diferença em relação às psicanalistas anteriores. Por um lado, lembramos que nos anos 2000 a Psicanálise lacaniana já estava bem consolidada no Brasil e as sociedades ligadas à IPA haviam perdido a hegemonia inicial, possibilitando outras formações psicanalíticas para além da IPA, situação diferente na época de formação de Ana e Carla, ainda no século XX. Por outro lado, as experiências vividas por Felipe na universidade parecem ter sido cruciais na escolha pela Psicanálise lacaniana. Além do interesse de Felipe pela pesquisa - lembramos da proximidade dos lacanianos e a universidade -, também havia o interesse pela política e questões de justiça social, também presentes no grupo de pesquisa lacaniano do qual ele fez/faz parte. Assim, sua formação universitária, tanto na graduação quanto na pós-graduação, e sua formação lacaniana parecem ter influenciado a geração de disposições críticas e progressistas em Felipe.

Ao mesmo tempo, Felipe converge com Ana e Carla ao se posicionar sobre a graduação em Psicanálise. Para ele, a formação não ocorre na universidade e não depende de um diploma, mas envolve outras experiências. Porém, ele diverge de Carla quanto ao posicionamento político. Para Felipe, é crucial que os psicanalistas se posicionem e possibilitem uma Psicanálise mais democrática e socialmente responsável. Para além de uma defesa formal da democracia, Felipe defende experiências e atividades que visam levar a Psicanálise para além dos moldes tradicionais, chegando a pessoas que normalmente não teriam acesso. Ou seja, ele defende o fim de uma elitização da Psicanálise.

Com isso, Felipe parece ter adquirido um conjunto de disposições ao longo de sua infância e juventude constituído pela apetência ao estudo formal e universitário, voltado para a área das Ciências Humanas e Linguagens, além de disposições emocionais fortes em relação ao seu psicoterapeuta de infância e em relação aos seus professores universitários. Tudo isto influenciou sua entrada no campo psicanalítico. Ademais, suas experiências na universidade e, em especial, no grupo de pesquisa, o aproximaram de pautas políticas e sociais progressistas, gerando disposições progressistas em Felipe. Seus

posicionamentos e formação psicanalítica parecem estar em consonância com a região heterodoxa estabelecida do campo.

4.2.2 A psicanalista socialista ou a “ovelha arco-íris” da família

Camila foi a próxima entrevistada da região. No momento da entrevista, tinha 33 anos de idade, casada, com uma filha de 15 anos, se autodeclarou branca. Nasceu e cresceu em Florianópolis, Santa Catarina. Sua mãe era do interior do Rio Grande do Sul e seu pai de Santa Catarina, de família polonesa. Os dois se conheceram e foram morar juntos em Florianópolis, onde tiveram Camila. A mãe não possuía o ensino fundamental completo e não exercia nenhuma atividade remunerada, enquanto o pai havia concluído o ensino médio e sua família era do agronegócio. Então o pai possuía elevadas condições econômicas, trabalhando no negócio da família. Até os seis anos de idade, Camila teve uma vida de classe alta, ela não lembra muito dessa época, mas diz que ouviu falar sobre. Porém, quando Camila estava com seis anos, sua mãe se divorciou do pai, devido ao envolvimento dele com drogas e à violência doméstica.

Após a separação, a vida das duas mudou bastante. A mãe passou a trabalhar como empregada doméstica e Camila não teve mais contato com o pai, apenas com o restante da família dele, como avós e tios/tias. A mãe algum tempo depois entrou em outro relacionamento, que ela mantém até hoje, e Camila passou a ter um padrasto, muito querido por ela. O padrasto era montador de móveis e ajudou a mãe de Camila em sua criação.

Devido às novas condições econômicas da família, e sem o apoio do pai biológico, Camila estudou seu ensino fundamental e médio em escolas públicas. Segundo Camila, ela sempre teve bastante facilidade para aprender, já sabia ler aos quatro anos de idade e sua mãe sempre a incentivou nos estudos. Nesse ponto, Camila destaca a importância do padrasto em sua formação e educação. Ela conta que o padrasto ficava um tempo a mais nos corredores do supermercado, quando iam fazer compras, para que Camila pudesse treinar a leitura nos rótulos dos produtos. Então, apesar do padrasto também não ter o ensino fundamental completo, ele fazia questão de ajudar Camila nas tarefas e sempre buscava atividades para estimular seu aprendizado.

Além disso, pela “fragilidade econômica”, como disse Camila, ela teve muitas experiências de trabalho. Aos 13 anos, começou a ajudar na venda de roupas doadas pelas filhas da família para a qual a mãe trabalhava. Camila também trabalhou em uma padaria, no McDonald’s e como secretária em um escritório de advocacia.

Após concluir o ensino médio, seu padrasto a incentivou a prestar o vestibular. Como Camila tinha mais afinidade com as disciplinas de Ciências Humanas cogitou cursar Psicologia, Jornalismo e Direito, este último principalmente por ter sido secretária em um escritório de advocacia. No final, sua curiosidade por questões de saúde mental a levaram a escolher a Psicologia. Com um dinheiro guardado dos seus períodos trabalhando, com apenas 16 anos, Camila foi para São Paulo ficar na casa dos tios e prestar vestibular para Psicologia na Universidade de São Paulo (USP). Lá, Camila conseguiu ser aprovada no vestibular e cursou o primeiro período do curso. Entretanto, seu tio faleceu e sua tia decidiu voltar para Santa Catarina. Como a mãe de Camila não permitiu e nem havia condições econômicas para ela se manter sozinha em São Paulo, ela precisou sair da universidade e retornar para casa.

Camila conta que foi um período bem difícil. Ter sido aprovada no vestibular da USP havia sido algo muito significativo para ela, levando em conta o prestígio da instituição. Mas, como não havia outra alternativa, Camila voltou para Santa Catarina. Estando lá, ela prestou o vestibular para a Universidade do Vale do Itajaí (Univali) através do Programa Universidade para Todos (Prouni), conseguindo bolsa de 100% do valor.

Foi durante sua graduação que entrou em contato com a Psicanálise. Apesar de a Univali, segundo Camila, naquela época focar muito na abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental, parte da Psicologia que ela não gosta, ela teve algumas disciplinas de Psicanálise e optou por realizar seu estágio obrigatório em Psicanálise, com professores supervisores psicanalistas. Foi esse contato durante as disciplinas e o estágio que fez com que Camila se interessasse por Psicanálise e decidisse seguir na área posteriormente. Durante sua graduação, não teve dificuldade em nada em particular, conseguindo concluir a graduação no tempo esperado. Camila contou que seu trabalho de conclusão de curso tratou sobre questões de gênero em intersecção com a Psicanálise. Para ela, esse tema era muito relevante, principalmente porque

durante a graduação se declarou lésbica, o que, inclusive, foi um problema para a família.

Após a graduação, não conseguiu trabalho na área e precisou trabalhar de assistente administrativo em uma farmácia. Dada essa situação e pela relação estabelecida com um professor na faculdade, decidiu ingressar na residência em Saúde, onde passou a ter mais experiência em ambulatórios de saúde mental. Nos ambulatórios, além do atendimento, também realizava tarefas de gestão, o que influenciou bastante na sua trajetória futura.

Sendo assim, quando terminou a residência, recebeu uma indicação do mesmo professor da residência, para ir trabalhar em um ambulatório em Palmas, Tocantins. Em um primeiro momento, Camila imaginou que seria em Palmas, Paraná, não muito longe de onde morava. Porém, depois ela descobriu que seria, de fato, em Tocantins. Foi uma decisão difícil, devido à distância e diferença do local onde ela estava. De qualquer forma, Camila acabou aceitando, porque era uma proposta boa, para trabalhar em algo que ela já tinha certo conhecimento. Nesse período todo, Camila disse que a Psicanálise ficou em “dormência”. Ela não tinha tempo para atender em consultório particular e as atividades do ambulatório não permitiam uma atuação psicanalítica, principalmente em Tocantins, onde ela passou a exercer atividades exclusivamente de gestão.

Em Tocantins, Camila trabalhou no ambulatório por um período e por alguns anos atuou como Gerente de Saúde Mental na Secretaria da Saúde de Palmas, com apenas 26 anos. Camila comentou que no município não havia pessoas muito qualificadas, e que ela ser do Sul do Brasil, contribuiu para chegar em um cargo alto tão cedo. Durante sua atuação, desenvolveu um projeto assistencial para a criação de um ambulatório para transsexuais no município, o que acabou gerando algumas polêmicas e ela perdeu o cargo.

Durante todo esse percurso, Camila tentou fazer diversas formações em Psicanálise, mas não chegou a concluir nenhuma. Ela continuou com sua análise pessoal e estudando a teoria psicanalítica, de maneira independente. Atualmente, ela faz uma especialização na PUC/RS, chamada “Psicanálise e análise do contemporâneo”. Depois de sair da Secretaria de Saúde, Camila já havia construído uma significativa rede de contatos e passou a viver da clínica

privada. Nesse momento, Camila disse que pôde finalmente se dedicar exclusivamente à Psicanálise.

No momento, Camila tem uma clínica com uma sócia. Nessa clínica, além dos atendimentos, elas sublocam salas para outros psicoterapeutas. Ela nos conta que futuramente quer expandir o negócio para conseguir auxiliar outros analistas e psicólogos que estão começando, já que ela não teve nenhuma ajuda nesse sentido. Para ela, é um “privilégio” poder unir seu sustento econômico e o que ela gosta de fazer. Além do seu núcleo familiar atual, esposa e filha, Camila também sustenta sua mãe e padrasto. Apesar de achar cansativo atender vinte pessoas por semana, além de ter que manter sua análise pessoal, supervisão e estudos, Camila diz estar feliz com sua situação atual. Ela só espera conseguir passar a atender apenas pacientes do seu interesse, que para ela são os psicóticos, ela disse não gostar muito de atender neuróticos.

Quanto ao seu posicionamento psicanalítico, Camila considera sua base freudiana, mas diz ter se aproximado da psicanálise lacaniana também. Seu posicionamento em relação à graduação em psicanálise diverge de todos os psicanalistas apresentados até o momento. Para ela, se existe mestrado e doutorado em Psicanálise, “por que não uma graduação?”. Claro, ela enfatiza o tripé psicanalítico, mas ela acredita que é algo que poderia existir na grade curricular da graduação. Anteriormente ela tinha uma posição contrária à graduação, mas depois de estudar mais sobre e de algumas discussões, ela disse ter mudado de opinião. Ademais, se existisse uma graduação em psicanálise, isso possibilitaria que as pessoas tivessem acesso à formação de forma gratuita, em alguma universidade pública.

Já em relação à Psicanálise e religião, Camila acredita que é um contrassenso esta junção. Para ela, são coisas que não fazem sentido juntas, porque vão contra princípios básicos da psicanálise. Nesse sentido, Camila até expressou um posicionamento favorável à regulamentação da Psicanálise no Brasil, para impedir que esse tipo de prática aconteça e para garantir uma formação básica para aqueles que desejam se tornar psicanalistas. Para ela, a Psicanálise é ainda muito elitista e uma graduação e regulamentação poderiam contribuir para diminuir isso.

Ademais, Camila se mostrou favorável às experiências de Psicanálise na rua ou das Clínicas Abertas, bem como de psicanalistas ativos e reconhecidos

nas redes sociais. No entanto, assim como Felipe, Camila enfatizou a importância de rigor e ética nessas práticas. Para ela, não é uma questão de “onde” a psicanálise pode estar, mas de “como” ela vai estar, como vai ser apresentada e tratada.

Sobre seu posicionamento político, Camila se declarou socialista e antimanicomial. Interessante notar que ao expressar seu posicionamento, Camila mencionou seu professor de faculdade e de residência, figura muito importante na sua trajetória e com quem compartilha esses ideais políticos. Além disso, Camila sublinhou sua mudança para Palmas e o impacto que teve em sua visão de mundo. Segundo ela, ainda em Santa Catarina, ela tinha muitas divergências com a família paterna, eles tinham um histórico de escravização de pessoas na década de 1960, em ligação com as terras que possuíam e aos negócios da família, além de posicionamentos conservadores e racistas. Isto tudo gerava muito incômodo em Camila. Ela buscava constantemente se diferenciar deles, disse que sempre se viu como a “ovelha arco-íris” da família, por divergir. Ir para o Tocantins fez com que ela se distanciasse ainda mais e ficasse ainda mais crítica. Para ela, a experiência de vida em Tocantins é muito diferente da que ela teve em Santa Catarina, ela disse ter percebido “melhor o fascismo no Sul”. Camila chegou a mencionar que ficava com vergonha de falar seu próprio sobrenome, por ele ser de origem europeia.

Enfim, juntando suas experiências familiares, a universidade e a relação que estabeleceu com o professor, Camila foi caminhando cada vez mais à esquerda. Além do seu posicionamento político pessoal, Camila acredita que os psicanalistas devem se posicionar politicamente. Ela defende uma politização da psicanálise. Para Camila, é muito problemática a prática de importação de autores europeus para a realidade brasileira sem levar em conta as especificidades do Brasil. Ela defende que sempre seja feito um recorte cultural, social, econômico, racial, etc. Nesse sentido, para ela, a Psicanálise não pode ser neutra.

4.2.2.1 Análise

De todos os psicanalistas analisados até o momento, Camila parece ser a que mais se diferencia. Embora até os seis anos de idade, quando sua mãe

ainda estava casada com seu pai, Camila tenha vivido em uma família com elevado capital econômico, o divórcio dos pais modificou tudo. Camila precisou trabalhar desde cedo, tendo várias experiências de trabalho. Sua condição material e o exemplo da mãe, que trabalhava muito, parecem ter gerado disposições para o trabalho em Camila. Antes mesmo da graduação, ela já havia trabalhado em diferentes lugares e após a graduação precisou trabalhar em uma área diferente de sua formação.

Em relação ao ensino formal, mesmo a mãe e o padrasto não tendo ensino fundamental completo, sempre foi reforçado a importância dos estudos. Quando Camila relata que seu padrasto ficava um tempo a mais no supermercado para que ela pudesse ler, podemos ver que existia ali uma integração simbólica da experiência escolar de Camila. Mesmo com pouco capital escolar, o padrasto buscava reforçar a importância da escola, contribuindo para o desenvolvimento de disposições favoráveis ao estudo em Camila. Notamos que Camila nunca teve dificuldade e foi aprovada no vestibular para Psicologia na USP, instituição concorrida. No entanto, apesar do seu sucesso escolar, novamente suas condições econômicas foram decisivas para que Camila deixasse o curso de Psicologia da USP.

Seu retorno para a universidade, dessa vez particular, marca seu contato inicial com a Psicanálise. Dessa forma, como Felipe, para Camila as relações estabelecidas durante a graduação foram muito importantes para sua profissão e para seus posicionamentos futuros. Além disso, a universidade parece ter reforçado disposições contestadoras em Camila. Desde jovem, ela já sentia desconforto com a família paterna e sua história, considerando-se a “ovelha arco-íris” da família. Na graduação, Camila se percebeu e se declarou lésbica, se aproximou de ideais socialistas e de esquerda no geral, se afastando de modelos conservadores. Tudo isto foi reforçado em sua residência em Saúde e em sua mudança para Tocantins.

As experiências vividas em Tocantins parecem ter reforçado ainda mais as disposições contestadoras de Camila. Ela passou a ter outros referenciais para analisar sua vida em Santa Catarina e ficou ainda mais incomodada com o que sua família paterna representava socialmente. Sendo assim, seus posicionamentos em relação à Psicanálise parecem refletir sua trajetória de vida. Com uma visão crítica, Camila se aproxima de uma psicanálise heterodoxa que

questiona o papel da Psicanálise na sociedade e aponta o seu caráter político, sem a possibilidade de uma neutralidade teórico-clínica. Camila enfatiza a problemática de importação de autores europeus para a realidade brasileira e se mostra crítica a isso. Ainda, ela aponta uma elitização da Psicanálise e indica algumas alternativas para um maior acesso a este saber.

Em suma, é interessante notar como o contato e relação com a Psicanálise são muito marcados pelas condições econômicas e familiares de Camila. Sua necessidade de trabalhar, inclusive a fazendo deixar a Psicanálise de lado por um tempo para poder ter um sustento, e a relação crítica estabelecida com a família paterna, parecem ter construído apetências e um conjunto de disposições em Camila que a levaram para a região heterodoxa do campo. Ao mesmo tempo, cabe notar, Camila não subverte alguns princípios psicanalíticos, o que a mantém na região heterodoxa estabelecida do campo. Com isso, assim como Felipe, Camila desenvolveu disposições progressistas que levam a posicionamentos que estão em consonância com a região heterodoxa estabelecida do campo.

4.3 A psicanálise heterodoxa não estabelecida

A região heterodoxa não estabelecida do campo psicanalítico, com pouco capital acadêmico e midiático, está associada às formações cristãs e integrativas. Nesta região também encontramos propriedades de posicionamento político conservador. O contato e a dinâmica com os psicanalistas dessa região, assim como da região anterior, foram bem diferentes do ocorrido com a região ortodoxa.

Já nos primeiros contatos recebemos respostas positivas e não precisamos entrar em contato com muitos indivíduos. No total, entramos em contato com quatro psicanalistas e conseguimos duas respostas positivas. Os convites foram aceitos com entusiasmo e as entrevistas foram marcadas rapidamente. Em relação ao sigilo, os psicanalistas assinaram o termo de livre consentimento, mas não demonstraram preocupação nesse quesito.

Aliás, um psicanalista, o primeiro a ser apresentado a seguir, expressou explicitamente não precisar do anonimato, demonstrando não ter muita preocupação com as informações que estava fornecendo e a ligação com sua

imagem. Mesmo assim, cabe lembrar que seu nome não será mencionado e utilizaremos pseudônimos, mas achamos importante compartilhar a despreocupação dele em relação a isso. Enfim, a seguir apresentamos os psicanalistas entrevistados.

4.3.1 O psicanalista ex-pastor ou o “erro na matrix”

Lucas foi o primeiro da região a ser entrevistado. No momento da entrevista tinha 42 anos de idade, divorciado, pai de um filho de 22 anos, se autodeclarou “humano”. Sua autodeclaração nos chamou a atenção, porque várias vezes durante a entrevista Lucas mencionou causas antirracistas, inclusive ele já foi coordenador geral de um projeto social que trabalhava com pautas afrodescendentes. Além disso, a partir de suas características fenotípicas, poderíamos, por meio da heteroidentificação, considerá-lo preto. De qualquer forma, sua autodeclaração veio junto com a explicação de que ele nunca havia pensado sobre isso, que sempre se viu como humano simplesmente.

Voltando ao início de sua trajetória, Lucas nasceu em Minas Gerais, possui dois irmãos e nunca conheceu o pai. Quando estava com cinco anos de idade, sua mãe se mudou para Campinas, São Paulo. Lá conheceu seu companheiro atual, se casou e Lucas passou a conviver com o padrasto desde a infância. Sua mãe não concluiu o ensino fundamental e trabalhou/trabalha como empregada doméstica, Lucas sempre viu a mãe como um exemplo em relação ao trabalho (“Então no que ela faz sempre foi muito respeitada. Então a minha mãe é um orgulho de trabalho, nos ensinou isso”). Seu padrasto também não concluiu o ensino fundamental e trabalhou como pedreiro até se aposentar. As condições econômicas da família eram muito precárias, como disse Lucas: “era uma família muito... não é nem simples nem humilde, uma família bem, bem necessitada mesmo”.

Por volta dos 12 anos, Lucas começou a participar de uma ONG em Campinas, voltada para áreas carentes e periferias, financiada pela prefeitura. A ONG desenvolvia trabalhos sociais e Lucas se envolveu em um projeto, onde tinha a oportunidade de jogar bola e receber uma refeição por dia (“Eu participava de uma ONG e uma das coisas mais fantásticas que eu tinha

participando naquela ONG era comida, era hora de comer, a hora da refeição. Lá tinha uma refeição digna que eu poderia dizer que era refeição”). Inclusive, foi na ONG que ele teve contato com uma psicóloga muito querida e que despertou nele o interesse pela Psicologia.

Em relação à sua trajetória escolar, Lucas sempre teve muita dificuldade. Sua mãe sempre foi muito religiosa e dava prioridade para a participação de Lucas na igreja ao invés da escola. Assim, além da mãe e do padrasto terem pouco capital escolar, também não incentivaram Lucas a adquiri-lo. Soma-se a isso a relação difícil enfrentada por Lucas na escola. Segundo ele, os professores rasgavam seus cadernos e o chamavam de burro. Então todo o processo de aprendizado foi muito difícil.

Como mencionado, a mãe de Lucas era/é bastante religiosa, com isso ela via de forma muito negativa o divórcio e decidia manter o relacionamento com o padrasto de Lucas mesmo com todas as dificuldades enfrentadas. Para Lucas, o relacionamento dela foi extremamente tumultuado, crítico, “uma verdadeira desgraça”, “um inferno existencial”. Como resultado, Lucas e seus irmãos experimentaram consideráveis dificuldades econômicas, abusos físicos e emocionais.

As coisas começaram a mudar um pouco quando Lucas aos 16 anos, em uma dinâmica na igreja da qual fazia parte, descobriu que cantava (“E aí quando eu abri a boca foi um espanto para todo mundo, porque ninguém imaginava que eu tinha aquela voz e nem eu imaginava que eu tinha aquela voz”). A partir disso, Lucas passou a cantar regularmente na igreja e isso lhe permitiu ascender socialmente. Ele ficou conhecido na comunidade religiosa que frequentava e passou a ganhar dinheiro cantando na igreja.

Através da igreja, após ter concluído o ensino médio, Lucas teve a oportunidade de fazer cursos de teologia. Formado no curso de teologia da igreja, Lucas passou a dar aulas de teologia no curso em que se formou. Além do curso de teologia, Lucas fez cursos de gestão de pessoas, de coach, de programação neurolinguística, de mentoria, de psicologia pastoral e de psicanálise através da igreja. Assim, ele passou a ocupar cargos importantes na instituição, além de se tornar pastor, Lucas também fazia atendimentos individuais e de casais.

Lucas relata que durante os cursos que realizou encontrou um caminho para seguir, algo que gostava de fazer, e naquele momento sentiu arrependimento por não ter aproveitado a escola (“poxa, se eu soubesse disso eu tinha aproveitado melhor a minha formação escolar”). Ao realizar os cursos, Lucas percebeu os déficits de sua formação escolar e até hoje percebe e tem dificuldades (“Português até hoje eu tenho dificuldade com português. Hoje eu tenho uma profissional que cuida dos meus textos. Se você olhar minhas redes sociais, tem textos lá, mas tem uma profissional que cuida dos textos”). Hoje, nas atividades profissionais que desenvolve em algumas escolas, Lucas procura enfatizar a importância do envolvimento familiar na formação dos filhos (“Então hoje quando eu converso com os pais, eu procuro passar de forma mais simples e, ao mesmo tempo, pedagógica a importância do envolvimento familiar na formação dos filhos, porque poderia ter sido diferente, mas não foi, foi muito difícil”).

Questionado sobre seu contato com a Psicanálise e sua trajetória no campo, Lucas contou que nas diversas formações que fez na igreja, foi na Psicologia que ele se encontrou. E dentro da Psicologia, foi a Psicanálise que mais fez sentido para ele, principalmente a Psicanálise Junguiana. Assim, Lucas fez uma formação livre em Psicologia Analítica e em Psicanálise Clínica. Após muitos anos como pastor e realizando atendimentos psicanalíticos na igreja, Lucas decidiu deixar a igreja.

Ao sair da igreja, Lucas se mudou para Rondônia, passou a se dedicar ao seu consultório particular e criou uma empresa de consultoria. Em sua empresa, Lucas trabalha com outros profissionais, de diversas áreas, e oferece mentorias, cursos, workshops e palestras para empresas, instituições de ensino e para o primeiro setor. Lucas também fundou um Centro Terapêutico, associado à empresa, que visa ser uma iniciativa sem fins lucrativos para a promoção de cuidados à saúde mental e para a conscientização sobre a importância do desenvolvimento humano em suas diversas fases. Cabe ressaltar que a saída de Lucas da igreja foi acompanhada por uma ruptura com o cristianismo como um todo. Lucas vê sua participação na igreja e toda sua trajetória como fruto de um contexto familiar muito religioso. Para ele, a influência de sua mãe foi crucial nisso. Ao ascender na igreja, entrar em contato com outros conhecimentos e

passar a ter condições econômicas melhores, Lucas pôde vislumbrar outros caminhos.

Atualmente, Lucas faz parte do movimento denominado “Conscienciologia”, continua com seus atendimentos particulares, com sua empresa de consultoria e com o Centro Terapêutico sem fins lucrativos. Ele espera poder expandir seu Centro Terapêutico e chegar em mais pessoas em situação de vulnerabilidade que não têm condições de ir em busca de atendimentos particulares. Futuramente, pensa em se mudar para Brasília e também em viver por um período no Rio de Janeiro. Ainda, Lucas conta que a relação com sua família melhorou muito ao longo do tempo. Conforme Lucas realizava mais formações e aprofundava sua experiência em Psicanálise, ele passou a olhar de outra maneira para sua própria história e para sua família. A partir disso, ele buscou ensinar o que aprendera para a família e deu suporte para os irmãos mais novos. Hoje, um dos seus irmãos está se preparando para cursar Psicologia ou Direito e o outro trabalha na área de segurança e está estabilizado. Seu padrasto, quando Lucas tinha 35 anos, pediu desculpas por tudo o que havia feito. Para Lucas,

isso foi fruto de muita análise familiar. E aí vem uma questão, porque como a minha família não tem muito estrutura... não tinha muita estrutura de saber, eu acabei fazendo este papel, porque eles jamais iriam no psicólogo, jamais iriam fazer uma terapia, porque cresceram na igreja e a igreja não precisa de terapia, quem vai na igreja não precisa de terapia. Afinal de contas, se você não tá bem é porque seu relacionamento com Deus está ruim. E aí eu comecei a fazer esse trabalho dentro da minha família, mas com uma outra linguagem, entendendo o contexto deles, entendendo como eles se comunicavam, aí a pedagogia vai nos dar ferramentas para isso... a pedagogia, psicopedagogia, a neuro e tal, né. E aí a gente foi fazendo um trabalho de psicoeducação. Hoje é um dos assuntos que a gente mais aborda nas *Lives* e a importância da psicoeducação familiar. E realmente nós conseguimos, de alguma forma, mudar o contexto da minha família e mudar as perspectivas também. Então hoje os meus sobrinhos já estão crescendo em um outro contexto intelectual.

Ao relatar esta experiência, Lucas questiona a impossibilidade de um psicólogo ou psicanalista atender alguém da própria família. Ele acredita que depende de cada caso, pois para ele e sua família funcionou. Assim, ele acredita que em alguns casos faz sentido o atendimento de familiares. Toda a sua mudança pessoal e de sua família fizeram com que ele se tornasse uma figura

muito importante e admirada. Seus irmãos têm muito orgulho do que ele faz e o veem como um exemplo.

Ao relatar toda a sua história, Lucas comenta: “bom, eu sou um erro na matrix²⁷. É, se você olhar a nossa obra hoje e a nossa empresa hoje, pelas estatísticas era impossível”. Questionado sobre os motivos desse “erro”, Lucas diz que foi fruto de muita persistência e da noção que ele tinha de que não existia opção, ele precisava “dar certo”. Atrelado a isso, Lucas sempre foi muito curioso e se dedicava a aprender sobre os assuntos do seu interesse. Ele gostava muito de História, Sociologia e Psicologia, quando entrou em contato com a psicóloga e depois com a formação na igreja. Nas palavras de Lucas, “Eu não tinha opção, Amanda. Ou eu me entregava... não tinha. Não tinha Google Drive, não tinha o conhecimento que nós temos hoje. Era biblioteca, livro emprestado e eu pedia os livros emprestados e eu devorava, porque eu tinha que devolver. Não tinha dinheiro para comprar livro. Eu devorava tudo, tudo que eu pegava eu devorava”.

Questionado sobre seu posicionamento psicanalítico, Lucas disse seguir a orientação integrativa, que visa utilizar diversas abordagens, tanto freudiana quanto junguiana por exemplo, e demais terapias complementares para melhor atender o cliente²⁸. Para ele, “pensando de forma integrativa, eu penso que se a gente olha como alguns profissionais fazem apenas pela lente de um teórico, a gente pode deixar alguma coisa passar. Então a gente precisa expandir, né”. Além de sua abordagem integrativa, Lucas defende que os profissionais da área devem ter experiências para além do consultório (“E outra: o profissional da nossa área não pode, essa é a minha opinião ok, ele não pode em nenhuma hipótese, em nenhuma hipótese, ser teórico apenas. Ele precisa ir pro chão da existência, precisa vivenciar, precisa dialogar além do consultório”). Para ele, todas as experiências que teve, na igreja, nas formações, na sua infância, foram muito importantes para sua atuação atualmente. Ter vivido as experiências permite que ele entenda seus pacientes e os ajude.

Quanto à junção de Psicanálise e cristianismo, Lucas destacou a influência significativa de sua formação cristã na prática clínica. Ele salientou que compreender as experiências de pacientes que compartilham a mesma fé, como jovens pastores ou membros devotos de igrejas, é facilitado por sua própria

²⁷ Referência ao filme dirigido pelas irmãs Wachowski.

²⁸ Forma que Lucas usou para se referir às pessoas que atende.

experiência anterior nesse contexto. No entanto, ele enfatizou a importância de não impor dogmas religiosos na prática clínica, destacando o papel fundamental da escuta na Psicanálise. Ainda, Lucas expressou preocupação sobre casos mal resolvidos causados por profissionais cristãos que tentaram incorporar dogmas em sua prática, argumentando que essa abordagem é limitada e prejudicial à comunidade. Ele enfatizou a necessidade de neutralidade do psicanalista, independentemente de suas crenças pessoais, para manter a integridade da escuta no consultório. Ou seja, apesar de sua formação e trajetória cristã, Lucas não concorda com formações que misturam Psicanálise e o cristianismo, pois o psicanalista deve ser neutro em relação às suas próprias crenças.

A temática da Psicanálise cristã nos levou para a regulamentação da Psicanálise e às diversas formações psicanalíticas ofertadas atualmente. Lucas nos contou que aconselha aqueles que ingressam na psicanálise a escolherem escolas sérias com registro, avaliações e proximidade com os conselhos profissionais. Inclusive, Lucas citou a graduação em Psicanálise da Uninter, como um curso que ele indica. Ele expressou a crença de que deveria haver um esforço nacional para regulamentar e estabelecer critérios para os profissionais da psicanálise, pois muitas escolas atualmente não impõem critérios rigorosos para a formação de psicanalistas. Aliás, nesse ponto cabe ressaltar que o próprio Lucas tem registro no Conselho Brasileiro de Psicanálise e Psicoterapias (CONBRAPSI)²⁹, que emite certificado e carteira de registro.

Já em relação à Psicanálise na rua ou às Clínicas Abertas de Psicanálise, Lucas expressou uma posição positiva, porém, parece não ter compreendido o que de fato significa o movimento. Assim, Lucas expressou uma visão favorável sobre a presença de psicanalistas em espaços públicos, como praças, destacando que é melhor ter profissionais da saúde mental nesses locais do que outras pessoas que podem disseminar informações incorretas. Ele inclusive sugere que se todos os profissionais da saúde mental passassem um dia na semana em praças, a frequência nos consultórios aumentaria, com base em sua própria experiência positiva ao interagir com pessoas fora do ambiente clínico. Lucas também compartilhou estratégias para atrair pessoas para seus

²⁹ O site oficial da CONBRAPSI e mais informações sobre o registro podem estar disponíveis em: <https://conbrapsi.blogspot.com/2016/11/o-registro-cbpsi-o-que-e.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

consultórios por meio de interações informais em locais públicos. Ele contou que inicialmente enfrentou críticas, mas ao longo do tempo, seu trabalho cresceu e se consolidou.

Tratando sobre psicanalistas nas universidades, Lucas fez uma crítica à psicanalistas muito teóricos, expressando uma preferência por psicanalistas que se implicam e compartilham suas opiniões pessoais em vez de simplesmente repetir teorias e conceitos. Ele mencionou admirar profissionais como Luiz Felipe Pondé, que expressa suas opiniões de maneira “melancólica e ácida”, enquanto criticou aqueles que, como Christian Dunker, tendem a se apoiar em teorias acadêmicas sem oferecer suas próprias perspectivas. Ele enfatizou a importância de não ter medo de estar errado e acredita que a psicanálise pode se beneficiar de profissionais mais envolvidos e dispostos a expressar suas opiniões pessoais, sem repetir conceitos e teorias.

Lucas não vê problema em psicanalistas ocuparem outros espaços, ele acredita que isso pode trazer mais pessoas para a psicanálise e para os consultórios. A questão são psicanalistas muito teóricos (“Agora o Dunker, que é mais PUC, que é mais acadêmico, eu vejo que ele opina, mas ao mesmo tempo não dá a opinião dele. Ele tá sempre dizendo assim: ‘porque fulano vai dizer... porque ciclano vai dizer’. Quando ele diz ‘eu acho’ eu percebo que ele entra numa zona que é desconfortável para ele, dizer o que ele pensa. Então ele tá sempre repetindo um teórico”).

Sobre o posicionamento político de Lucas, conseguimos perceber uma bricolagem de diversas posições, até mesmo contraditórias entre si. Sobre o posicionamento de psicanalistas: Lucas defende a neutralidade do psicanalista em relação a questões políticas, espirituais e morais, acreditando que o profissional não deve se posicionar publicamente para manter sua autoridade e evitar influenciar negativamente seus clientes (“Isso é tanto se tratando de espiritualidade, quanto de posicionamento político, moral, essas coisas todas. A gente não se mete nisso. Eu penso, né. Eu não tenho isso aqui”). Ele enfatizou sua própria postura neutra, apesar de ter experiência anterior em assuntos políticos, e destacou a importância de separar suas convicções pessoais do trabalho clínico (“Eu tenho o meu posicionamento político, eu não me posiciono. Para tirar de mim é difícil”). Lucas acredita que a neutralidade é essencial, considerando que muitos clientes confiam na figura do psicanalista.

A sua experiência anterior na política partidária ocorreu há aproximadamente oito anos, Lucas teve uma experiência política atuando como coordenador municipal em uma área social voltada para a pauta afrodescendente e a conscientização negra. Ele entrou em contato com a política partidária quando o candidato do PSDB a prefeito, na época, ficou sabendo sobre ele e o convidou para integrar a equipe. Lucas aceitou o convite e trabalhou de forma voluntária por cerca de dois anos, período que ele descreveu como interessante.

Questionado sobre seu posicionamento político pessoal, Lucas diz que não se posiciona nem à direita e nem à esquerda, mas busca um meio termo. Ele fez elogios à Marina Silva: “A Marina foi muito criticada, mas a Marina trazia uma perspectiva que eu gostava, que era... na verdade, não era a nova política que ela se referia, na verdade ela se referia a uma integração daquilo que é bom, daquilo que é preciso. Uma renovação progressista, né”. Já nas eleições de 2023 para a presidência, Lucas disse ter votado em Ciro Gomes, “porque, tecnicamente, intelectualmente, e pensando em currículo, o Ciro era a melhor opção que a gente tinha”. Segundo Lucas, devemos olhar para a formação e a capacidade do candidato. Ele sugere compararmos o Brasil à uma empresa e pensarmos em qual candidato estaria mais preparado para assumi-la.

Lucas mencionou os erros do Partido do Trabalhadores, mas fez a ressalva de que a pauta do partido era mais voltada para o povo, diferentemente de Bolsonaro. Ele afirmou apoiar causas progressistas e se preocupar com a democracia, então se tivesse que escolher entre Lula e Bolsonaro, escolheria Lula. Porém, ele reafirmou seu posicionamento favorável a Ciro Gomes (“Eu não estou falando da pessoa em si, não é problema meu, estou falando do que se tem registrado de fatos. Então olhando pro Brasil rico como é, eu preciso do melhor, mais preparado, mais qualificado. O Ciro tem umas ideias malucas? Tem. É doido de pedra de vez em quando? É. É impulsivo? É, muito impulsivo. Mas, olha o currículo. É lógica, pelo menos na minha visão”).

Pela menção de Lucas ao que seria “ideal para o Brasil”, decidimos questioná-lo sobre o que seria o ideal para ele. Como resposta, Lucas enfatizou a necessidade de um presidente que priorize questões fundamentais, como segurança, saúde e educação. Nesse caso, Lucas citou Cuba como um exemplo a ser seguido (“Ok, Cuba está cheio de embargos, não tá? Mas lá a saúde

funciona, a segurança funciona e a educação funciona. Pronto, respondi sua pergunta. Nós precisamos urgente de um candidato, de um político que faça isso acontecer no Brasil. Segurança, saúde e educação. A educação vai gerar futuramente segurança. A educação automaticamente vai melhorar o nível de profissionais que nós temos na saúde”). Ao mesmo tempo, Lucas acrescentou a ideia de que precisamos de um líder técnico em cada área e propôs que todos os cargos políticos deveriam ser ocupados por profissionais qualificados.

Para finalizar, não podemos deixar de mencionar a visão de Lucas sobre as relações de trabalho atuais e sua visão individualista sobre a questão. Ao tratar sobre as atividades que sua empresa de consultoria desenvolve, Lucas mencionou as experiências vividas em alguns trabalhos efetuados. Assim, ele contou que os relacionamentos familiares são o que mais influenciam no adoecimento dos trabalhadores. Para ele, “quando você vai para uma empresa você entende o porquê que os profissionais estão adoecendo. Por que as síndromes relacionadas ao trabalho, de fadiga mental do trabalho estão acontecendo? Tem bastante hoje, nossa, muito. Em qualquer lugar que for é muita demanda, muita demanda mesmo [...]. Relacionamentos é a bola da vez aqui. Eu fiz um trabalho numa empresa durante 10 meses, só para você ter uma ideia: quatro unidades na região faturavam 3,5 milhões. Em 10 meses, o faturamento foi para 10 milhões e eu nunca falei na empresa de vendas. A provocação lá foi ‘relacionamento’. Depois que você bate o cartão e vai para sua casa, quem é você? E quem é a sua família quando você chega?”. Notamos que além da ênfase dada à produtividade e ao faturamento da empresa, Lucas também localizou alguns dos problemas enfrentados no mundo do trabalho atualmente como um conflito de ordem individual e familiar. Todos os seus posicionamentos juntos parecem reunir elementos de diferentes perspectivas ideológicas.

4.3.1.1 Análise

Talvez Lucas seja o psicanalista com a trajetória mais heterogenia dos entrevistados. As condições econômicas de existência de Lucas e de sua família impuseram muitas dificuldades em sua trajetória. A fome, a violência física e psicológica e a relação conturbada da mãe com o padrasto não permitiam uma

configuração familiar estável, que gerasse segurança e confiança, para o desenvolvimento de disposições favoráveis ao seu êxito escolar. Atrelado a isso, tanto a mãe quanto o padrasto possuíam pouco capital escolar e não incentivaram Lucas e seus irmãos a adquiri-lo.

A inserção de sua mãe na igreja e a importância dada à religião por ela, fez com que Lucas desenvolvesse disposições religiosas que foram reforçadas quando ele encontrou na igreja uma forma de ascender socialmente. A participação como cantor, como aluno nos cursos e depois como pastor, socializaram cada vez mais Lucas nesse contexto religioso. No entanto, sua apetência pelas ciências humanas e pela Psicologia, com a qual havia tido contato inicialmente na ONG e depois nos cursos que fizera, levaram Lucas para um contexto diferente do vivido na igreja.

Seu contato com a Psicanálise o fez entrar em contato com outros conhecimentos que passaram a ser contraditórios, em parte, com a igreja. Apesar de, cabe mencionar, os conhecimentos religiosos ainda serem usados em alguns contextos da prática psicanalítica, quando Lucas encontra pacientes religiosos como ele fora. De qualquer forma, a ruptura de Lucas com a igreja marcou um momento em sua trajetória de distanciamento do contexto em que inicialmente fora socializado. Lucas não vivia mais em condições econômicas de existência precárias, tendo adquirido certo capital econômico. Também já havia adquirido capital escolar e conhecimentos específicos que ultrapassavam o contexto da igreja.

Sem o capital econômico ou escolar para realizar uma formação nas sociedades filiadas à IPA ou em uma universidade, sua relação com a psicanálise ocorreu, inicialmente, dentro de uma igreja e isso parece ter sido decisivo para sua trajetória dentro do campo. Longe dos contextos ortodoxos ou heterodoxos estabelecidos, Lucas usa sua experiência pessoal como um fator importante na prática clínica, tanto nos atendimentos, na sua tentativa de ensinar a importância do envolvimento familiar na educação dos filhos, baseado em sua própria experiência negativa; quanto no Centro Terapêutico que desenvolveu para atender pessoas em vulnerabilidade social.

Além disso, o fator econômico está em jogo. A Psicanálise como uma forma de ganhar dinheiro e como uma forma de auxiliar empresas a faturar mais são características importantes para levarmos em conta. A Psicanálise não entra

em sua vida apenas como uma forma de conhecimento puro ou como uma teoria acadêmica, também entra com fins práticos de sobrevivência.

Ainda em relação à formação, podemos pensar que o contexto em que Lucas viveu até sua idade adulta possibilitou que ele se mantivesse mais aberto às teorias e práticas complementares de tratamento, diferentemente daqueles que fizeram formações ortodoxas, em universidades e em escolas lacanianas. Fazendo com que ele não se preocupe com um purismo teórico, mas sim com os efeitos práticos de suas intervenções. Nesse sentido, podemos compreender melhor seu posicionamento psicanalítico integrativo.

Já o seu posicionamento político parece reunir diversos retalhos de universos diferentes. Ao mesmo tempo em que localiza alguns problemas sociais na ordem do individual e familiar, além de comparar o Brasil à uma empresa e utilizar uma lógica tecnicista para pensar em soluções para o país, Lucas também diz apoiar pautas progressistas, tem grande preocupação com a população mais pobre e seu acesso à saúde, educação e segurança, e utiliza Cuba como um exemplo a ser seguido. As posições adotadas por Lucas parecem refletir sua trajetória heterogênea de socialização, na qual os problemas e desigualdades sociais foram sentidos na pele, ao mesmo tempo em que sua formação na igreja, a partir dos cursos de Coach, de Programação Neurolinguística, de Psicanálise, entre outros, buscavam dar respostas e soluções individualizantes para as questões. Com isso, podemos dizer que Lucas inculcou um conjunto de disposições políticas heterogêneas e contraditórias que, longe de constituírem um conjunto lógico e coerente, são baseadas em suas experiências também heterogêneas e contraditórias.

Por fim, observando as condições atuais de Lucas, podemos dizer que ele é um exemplo de uma trajetória pouco provável, ou como ele mesmo disse: “um erro na matrix”. Seu repertório de disposições o levou a subverter alguns princípios psicanalíticos colocando-o em uma posição heterodoxa não estabelecida, longe da academia, das escolas lacanianas e das sociedades ipeístas.

4.3.2 A psicanalista humilde do interior

A última entrevistada da região foi Larissa. No momento da entrevista, Larissa tinha 42 anos de idade, divorciada, sem filhos, se autodeclarou preta. Ela nasceu em uma pequena cidade do interior de São Paulo, em uma família “humilde”. Irmã mais velha de cinco irmãs, a família imediata foi a principal fonte de suporte e convívio para Larissa, já que a maioria dos parentes morava em outras localidades distantes. Desde muito cedo, devido à sua posição como irmã mais velha, ela assumiu responsabilidades, ajudando na casa e na criação das irmãs. Seu pai trabalhava na roça e sua mãe também começou a trabalhar na roça quando Larissa tinha apenas cinco anos.

Aos seis anos, Larissa começou a frequentar a escola. Em seguida, quando uma de suas irmãs começou a ir para a escola também, elas intercalaram os horários de estudo, enquanto uma estudava pela manhã, a outra estudava à tarde para poderem cuidar das irmãs mais novas (“Então, foi assim na infância, né. Na verdade, eu não tive nem muita infância. Eu assumi a responsabilidade muito cedo, de cuidar das irmãs, de casa e tudo”). Larissa enfatiza sua dedicação à escola, algo muito importante para ela.

Mesmo quando aos doze anos começou a trabalhar na roça com os pais, nunca deixou de se dedicar aos estudos. Segundo ela, sua mãe sempre reforçou a importância dos estudos: “Mas, mesmo eles não tendo estudado, a minha mãe sempre falava: ‘eu quero que vocês estudem. Eu quero que vocês estudem. Eu não tive oportunidade’, ela falava, ‘eu não tive oportunidade, mas eu quero que vocês estudem’). Para a mãe de Larissa, estudar possibilitaria o acesso a trabalhos melhores e à ascensão social. O pai de Larissa estudou até a quarta série e sua mãe até a segunda série, sabendo apenas ler, escrever e calcular operações básicas (“Eles leem, sabem ler, fazer contas. Eles se viram, né”).

Nesse sentido, mesmo precisando trabalhar durante toda sua trajetória escolar, Larissa sempre tirou notas altas e nunca reprovou em nada. Após terminar o ensino médio, Larissa começou a trabalhar em um supermercado e teve que escolher entre trabalhar e estudar, pois as demandas do emprego no supermercado eram incompatíveis com a frequência na faculdade. Optando por manter o emprego, ela continuou trabalhando. Durante esse período, em 2002, aos 21 anos, Larissa se casou e mudou de cidade, passando a residir em uma cidade vizinha àquela em que morava anteriormente.

Ao mudar de cidade após casar, Larissa ingressou no setor administrativo de uma empresa, onde auxiliava o setor de Recursos Humanos (RH). O interesse por trabalhar com pessoas cresceu nesse contexto, e ao planejar cursar Administração, descobriu que a turma não estava disponível, mas havia uma vaga em Recursos Humanos. Larissa aceitou a oferta e se graduou em Recursos Humanos, em uma faculdade particular. Durante o curso de graduação, Larissa ficou ainda mais interessada em trabalhar lidando com pessoas e gostou muito da experiência de voltar a estudar, então decidiu realizar um MBA em Gestão de Pessoas.

Após o MBA, Larissa queria continuar seus estudos e começou uma jornada de busca por cursos e interesses, na qual ela se deparou com a Psicanálise. Inicialmente interessada em Psicologia Organizacional, percebeu que a Psicanálise oferecia a oportunidade de ir além do contexto empresarial. Ela sentia que dentro das organizações, muitas vezes, havia uma ênfase excessiva nos resultados e no aspecto racional, sem considerar plenamente a complexidade do ser humano. A Psicanálise entrou em sua vida como uma revelação significativa, proporcionando-lhe uma compreensão mais profunda e abrangente das questões emocionais e humanas. Ela viu na Psicanálise a oportunidade de ir além dos limites organizacionais e trabalhar de maneira mais completa e integrada com as pessoas.

Além disso, Larissa contou que o contato com a Psicanálise também gerou uma transformação pessoal muito grande. Ela percebeu, com a ajuda da Psicanálise, que a responsabilidade que assumiu quando criança não era dela e aprendeu a ressignificar essa experiência. Embora tenha amadurecido antes do tempo, ela destacou que a relação com seus pais sempre foi boa, sem atritos, conflitos mal resolvidos ou mágoas. A mudança veio na compreensão de que certas responsabilidades eram inadequadas para sua fase de vida na época e na capacidade de lidar e ressignificar essas experiências.

Inclusive, ao falar sobre as responsabilidades de sua infância, Larissa contou que nunca sentiu vontade de ter filhos e que não sente falta agora, por já ter passado pela experiência de cuidar e criar outras crianças (“Tanto é que eu não tenho filhos. Eu não tenho filhos. Eu falo que eu criei os meus filhos lá atrás, já. Já tive filhos lá atrás. Então hoje eu não tenho e não sinto falta disso. Porque eu já passei por essa experiência, né”). Também, além dessas mudanças,

Larissa disse que o processo de divórcio foi muito influenciado pelo o que viveu e aprendeu na Psicanálise. Ela disse ter aprendido a lidar melhor com as emoções e a confiar nas suas capacidades, o que foi significativo para pedir o divórcio há 3 anos.

Sobre sua formação em Psicanálise especificamente, Larissa fez uma formação em Psicanálise Integrativa na cidade onde mora. Além da formação principal, ela fez Hipnoterapia e outros cursos livres que complementam a Psicanálise, segundo Larissa. Atualmente, ela atende em consultório privado e continua no setor de RH da mesma empresa que começou a trabalhar quando se mudou para a cidade, há mais de 20 anos. Dessa forma, após o turno de 8 horas na empresa, Larissa volta para a casa e realiza alguns atendimentos online. Ela contou que faz de dois a três atendimentos e, para evitar sobrecarga, ela estabeleceu uma programação onde atende dia sim, dia não. Já aos sábados, Larissa dedica-se aos atendimentos presenciais em sua cidade natal, reservando de 3 a 4 horas para essa atividade.

Futuramente, Larissa pretende conseguir expandir sua atividade na psicanálise. Ela está considerando projetos, como terapias em grupo, e planeja estabelecer parcerias para desenvolver essas iniciativas, principalmente no próximo ano. Sua visão atual é direcionada para uma transição gradual, eventualmente dedicando-se exclusivamente à psicanálise, apesar de ainda estar vinculada ao seu emprego atual.

Sobre seu posicionamento psicanalítico, já mencionamos sua formação em Psicanálise Integrativa. Para Larissa essa perspectiva oferece ferramentas variadas para lidar com diferentes situações, permitindo uma compreensão mais profunda das particularidades de cada indivíduo. Ao incorporar diversas abordagens psicanalíticas e outras técnicas, como a hipnose, Larissa busca adaptar seu método de acordo com as necessidades específicas de cada paciente. Para ela, essa flexibilidade possibilita uma resposta mais eficaz às demandas apresentadas, sem ficar rigidamente presa a uma única abordagem.

Questionada sobre seu posicionamento em relação à graduação em Psicanálise, Larissa disse não ter conhecimento do curso criado. Porém, ela enfatiza a importância da análise pessoal, formação teórica e supervisão como elementos fundamentais na formação de um psicanalista. Ao mesmo tempo, Larissa não vê problema em uma graduação, desde que o tripé seja seguido. Ela

destaca que já existe uma graduação em Psicologia, ter uma em Psicanálise, seguindo alguns critérios, não seria algo ruim.

Quanto à exposição midiática de psicanalistas, Larissa acredita que pode ser uma forma de despertar o interesse das pessoas pela Psicanálise, então nesse sentido ela considera positivo. Mas ela ressalta que a essência da psicanálise vai além do que é mostrado na mídia, porque as análises feitas e os conteúdos compartilhados costumam fazer uma generalização das situações, até pelo formato em que são produzidos. Na clínica, no tratamento com o paciente, é algo mais profundo.

No que diz respeito ao posicionamento político, Larissa se posiciona como de direita, mas opta por não se envolver publicamente em debates políticos. Ela destacou a importância da neutralidade na atuação como psicanalista, enfatizando que, nesse contexto, não expressa qualquer posicionamento político. Para ela, a psicanálise deve manter a neutralidade como um de seus princípios fundamentais (“Psicanalista é neutro em qualquer sentido. Um dos princípios da psicanálise é a neutralidade. Você não pode ter nenhum lado dentro da psicanálise”).

Aprofundando sobre seu posicionamento pessoal, Larissa se identifica como de direita desde os 12 anos, quando começou a participar ativamente em campanhas políticas, inicialmente ligadas ao PSDB. Seu envolvimento inicial foi motivado pelo trabalho nas campanhas, onde ela conseguia fazer algum dinheiro entregando panfletos. Ao longo do tempo, ela desenvolveu uma afinidade com os valores associados à direita, especialmente relacionados a questões de família e da sua religião evangélica. Sua participação política desde então tem sido mais pontual, geralmente durante as eleições, votando e postando algo nas redes sociais.

4.3.2.1 Análise

Oriunda de uma família com pouco capital econômico e escolar, Larissa foi obrigada a assumir responsabilidades bem cedo. Os cuidados que precisou ter com as irmãs mais novas a fizeram “amadurecer” precocemente. Além disso, aos doze anos começou a trabalhar na roça junto com os pais e também trabalhou em campanhas políticas. Estas condições econômicas de existência

parecem ter desenvolvido em Larissa disposições para o trabalho. Lembramos ainda que após concluir o ensino médio, Larissa começou a trabalhar em um supermercado e depois do casamento começou a trabalhar no setor administrativo de uma empresa, na qual já trabalha há mais de vinte anos.

Junto à competência para o trabalho, já presente nos pais, Larissa parece ter desenvolvido disposições e apetência para o estudo. O incentivo dado pelos pais, principalmente pela mãe, parece ter sido crucial para Larissa inculcar estas disposições. Sempre com notas altas, Larissa teve uma trajetória exitosa na escola. O único obstáculo que a impediu de seguir a faculdade após o ensino médio, foi sua condição econômica. Porém, quando teve a oportunidade, Larissa cursou uma graduação, fez uma especialização e outros cursos livres, incluindo o curso de Psicanálise.

Sua trajetória laboral foi muito marcada pelas necessidades econômicas, até encontrar a Psicanálise. Mesmo que Larissa ainda mantenha seu trabalho na empresa, por questões econômicas, sua formação psicanalítica e sua atuação são fontes de transformações pessoais e de forte apetência. Inclusive, lembramos de seu plano de expandir suas atividades psicanalíticas até viver exclusivamente delas.

Seu contato com a Psicanálise ocorreu em uma tentativa de aprofundar os conhecimentos obtidos na graduação e em sua prática laboral. Larissa viu na Psicanálise uma forma de transformar a própria vida e de lidar com as emoções e complexidades dos seres humanos. Em sua formação e posicionamento integrativo, Larissa parece ter inculcado a ideia de que as teorias, os conceitos e as terapias complementares são diferentes ferramentas para auxiliar os pacientes, sem a preocupação de manter um purismo teórico ou uma coerência epistemológica.

Seu posicionamento político parece ter sido influenciado pelas condições econômicas que a levaram a participar de campanhas eleitorais. Estabelecendo esse contato ainda na adolescência, Larissa sempre manteve alguma ligação com pautas mais conservadoras. Junto a isso, sua religião evangélica e seu apreço pelos valores da família, parecem ter gerado disposições políticas conservadoras em Larissa.

Em suma, suas disposições e sua trajetória psicanalítica parecem reunir uma série de disposições heterogêneas em relação ao seu posicionamento

psicanalítico. Ao mesmo tempo em que defende o tripé psicanalítico, um dos princípios da Psicanálise, Larissa subverte outros, como quando utiliza técnicas como a hipnose. Assim, Larissa reúne a visão ortodoxa de neutralidade do psicanalista e a defesa do tripé, ao mesmo tempo em que atua utilizando práticas não estabelecidas no campo.

4.4 A psicanálise heterodoxa estabelecida com elevado capital acadêmico e midiático

A região heterodoxa estabelecida do campo, com capital acadêmico e midiático elevado, assim como a região heterodoxa estabelecida com capital acadêmico intermediário e sem capital midiático, está associada a formações lacanianas, não-ipeístas e universitárias, bem como a um posicionamento político progressistas. A diferença entre as regiões está justamente no capital acadêmico e midiático: nesta região encontramos propriedades como a titulação de doutorado e livre-docência, docentes do nível superior, além de propriedades de reconhecimento e visibilidade: como mais de 23 livros publicados, prêmios e muitos seguidores nas redes sociais. Ou seja, nessa região encontramos psicanalistas com maior visibilidade e prestígio.

Muito provavelmente por causa dessas características não conseguimos estabelecer contato e realizar entrevistas com nenhum psicanalista dessa região, como já dito. Apesar de todos os esforços, de termos entrado em contato com todos os psicanalistas da região, recebemos apenas dois retornos, negativos. Acreditamos que essas informações reforçam o que viemos construindo acerca do perfil desses psicanalistas. Pela posição que ocupam no campo, são indivíduos que, além das atividades desenvolvidas em universidades, são muito requisitados para entrevistas, participações em jornais, podcasts, vídeos, etc.

De qualquer forma, para que possamos ter uma breve aproximação dos indivíduos dessa região, decidimos selecionar um dos psicanalistas para explorar um pouco de sua trajetória. Nossa escolha foi baseada, principalmente, na quantidade de informações públicas disponíveis acerca do psicanalista. Nesse sentido, por ter muita visibilidade e mais dados disponíveis publicamente, selecionamos o psicanalista Christian Dunker para fazer parte dessa etapa. A

seguir, apresentamos as informações encontradas acerca de sua vida e trajetória psicanalítica.

4.4.1 O psicanalista da USP

O psicanalista Christian Dunker nasceu em São Paulo no ano de 1966. Descendente de alemães, fez seu ensino fundamental e médio em uma tradicional escola alemã privada de São Paulo³⁰. Recentemente, em um levantamento realizado pela Revista Forbes sobre as escolas mais caras do Brasil, o Colégio Visconde de Porto Seguro, no qual Dunker estudou, foi considerada a décima quinta instituição mais cara do Brasil³¹.

Após concluir o ensino médio, Christian Dunker ingressou no curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Concluindo a graduação, Dunker passou a atender em consultório particular. Durante o período de sua graduação, foi politicamente ativo. O Brasil passava pela redemocratização após a ditadura e Dunker fez parte da reconstrução democrática da USP, bem como da fundação do Centro Acadêmico do curso de Psicologia, este que foi nomeado em homenagem à uma aluna de Psicologia morta durante a ditadura, Iara Iavelberg³².

Além de atender em consultório, Dunker continuou na USP, cursando o mestrado em Psicologia Experimental, concluído em 1991. Já no ano seguinte, em 1992, Dunker ingressou no doutorado também em Psicologia Experimental, concluído em 1996. Nesse meio tempo, Christian lecionou em algumas universidades paulistas, como a Universidade de Mogi das Cruzes, a Universidade Paulista e as Faculdades Metropolitanas Unidas.

Seu pós-doutorado foi feito entre 2000 e 2003, na Manchester Metropolitan University, na Inglaterra. Ao retornar para o Brasil, se tornou professor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da

³⁰ Informações retiradas e disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Christian_Dunker#cite_ref-Ex_Aluno_em_Destaque_7-1. Acesso em: 10 jan. 2024.

³¹ Informações retiradas e disponíveis em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/11/quanto-custa-estudar-em-31-das-escolas-mais-caras-do-brasil-em-2022/#foto16>. Acesso em: 10 jan. 2024.

³² Mais sobre o Centro Acadêmico disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/centro-academico-iara-iavelberg/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Universidade de São Paulo. Onde, em 2007, defendeu tese de Livre-docência. Atualmente, aos 57 anos, Dunker é professor titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP e coordena o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP (Latesfip-USP), este fundado em conjunto com Vladimir Safatle e Nelson da Silva Jr. Sua trajetória universitária é longa e seu Currículo Lattes extenso, com mais de 237 artigos completos publicados e mais de 45 livros publicados ou organizados. Além disso, Dunker recebeu dois prêmios Jabutis pelos seus livros “Estrutura e Constituição na Clínica Psicanalítica – Uma Arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento” e “Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros”.

Sua formação psicanalítica, além das experiências obtidas na universidade, parece ter começado em 1989, na Biblioteca Freudiana Brasileira. Após, Dunker passou por várias instituições psicanalíticas, como a Escrita Freudiana Associação Psicanalítica, o Fórum de Psicanálise de São Paulo, a Associação Paulista de Estudos Psicanalíticos e o Fórum do Campo Lacaniano. Todas instituições lacanianas. No momento, Christian é Analista Membro de Escola (A.M.E.) do Fórum do Campo Lacaniano.

Muito ativo nas redes sociais, Dunker se posiciona sobre diversos assuntos que envolvam a Psicanálise. Em seu canal no Youtube, Dunker fez críticas à criação de uma graduação em Psicanálise, considerando o curso uma “piada de mau gosto”. Para ele, o curso foi “feito por pessoas que desconhecem completamente a matéria e que estão querendo explorar a boa-fé de pessoas que acham que vão fazer um curso de graduação em Psicanálise e daí elas vão se formar nesse curso, concluir esse curso, e vão ser o quê? Psicanalistas?”³³. Dunker nega a possibilidade de uma formação psicanalítica universitária e enfatiza o tripé psicanalítico e a regulação da Psicanálise pelos próprios psicanalistas e instituições psicanalíticas. Além disso, em sua fala, Dunker cita e concorda com trechos do manifesto feito pelo Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas, citado no capítulo anterior.

Comentando sobre terapias complementares e a relação com a Psicanálise, Dunker também vê de forma crítica essa junção e cita o texto de

³³ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R_gfQHxr838&t=172s. Acesso em: 12 jan. 2024.

Freud sobre a Psicanálise Selvagem, no qual ele faz críticas a indivíduos que não fizeram uma formação apropriada em Psicanálise e fazem o uso incorreto dos conceitos e das técnicas psicanalíticas³⁴.

Sobre o seu posicionamento político, encontramos diversos vídeos e textos de Christian Dunker em que suas preferências políticas são explicitadas. Como no vídeo em que Dunker afirma que psicanalistas não podem ser de extrema direita, associando-a ao fascismo, que para ele é contraditório aos princípios psicanalíticos³⁵. Dunker, no mesmo vídeo, ainda fala que a Psicanálise pode ser usada como um alibi para o psicanalista se abster de questões políticas e que isso é inadmissível, visto que não se posicionar contra determinadas pautas e a favor de outras, pode ser uma forma de consentir com a violência. Nas palavras de Dunker, “eu tento mostrar que há uma afinidade entre Psicanálise e democracia. São duas práticas que tem a ver com o uso livre da palavra e do espaço público. Essa é a minha opinião, mas eu não falo aqui só como cidadão, não. Eu falo aqui como psicanalista”³⁶. Além disso, Christian Dunker também defende uma aproximação entre a Psicanálise e o marxismo, apoiando lutas como o feminismo, o movimento antirracista, o movimento de direitos humanos, de direitos LGBTQIA+³⁷. Em suma, podemos considerá-lo como de esquerda e como um defensor de pautas progressistas.

Como as informações obtidas são superficiais e ainda um esboço da trajetória de Dunker, acreditamos não ter material suficiente para fazer uma análise como as demais. A partir do que temos, nos limitamos a fazer apenas alguns comentários acerca do que foi apresentado sobre o psicanalista. Sendo assim, levando em conta sua formação escolar, em uma tradicional escola alemã de São Paulo, privada, Dunker parece ter crescido com boas condições econômicas. Além disso, a relação de Dunker com os estudos foi muito longa, refletindo disposições e apetência para o estudo. Além disso, em sua trajetória formativa, também desenvolveu disposições para a docência, a qual exerce há muitos anos. Sobre seu posicionamento psicanalítico, este parece muito

³⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RGqqFaOJ5SQ>. Acesso em: 12 jan. 2024.

³⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JVQ1Ni22qfl>. Acesso em: 12 jan. 2024.

³⁶ Cf. nota anterior.

³⁷ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UzxzhJ3ZWWQ>. Acesso em: 12 jan. 2024.

marcado pela experiência de Dunker na universidade e em escolas lacanianas. Sua passagem por estas instituições parece contribuir para sua heterodoxia no campo. Junto a isso, vem o posicionamento político de Christian, que pelo menos desde a graduação já se fazia presente, em sua atuação na redemocratização da USP e na fundação do Centro Acadêmico de Psicologia. Suas experiências na universidade e em sua trajetória e práticas psicanalíticas refletem disposições políticas progressistas, que também corroboram para o seu posicionamento heterodoxo no campo.

4.5 Semelhanças e diferenças: uma breve comparação

À medida que as narrativas se desdobram sobre a trajetória de vida dos psicanalistas, observamos como cada entrevistado viveu uma história particular que influenciou seus posicionamentos e práticas. Embora todos os entrevistados tenham eventualmente escolhido a Psicanálise, suas formações, histórias de vida e, conseqüentemente, seus processos de socialização, revelam consideráveis disparidades. Ao mesmo tempo, também conseguimos observar semelhanças entre eles. Nesse sentido, separamos este espaço para analisar algumas das diferenças e semelhanças encontradas. Na Tabela 4.4 é possível encontrar uma síntese das disposições encontradas em cada região, base para as comparações.

Tabela 4.4 – Disposições dos psicanalistas de acordo com as regiões do campo

Região ortodoxa	Região heterodoxa estabelecida
Ana - A psicanalista ortodoxa com experiência acadêmica	Felipe - O psicanalista laciano de esquerda
Elevado capital econômico familiar	Elevado capital econômico familiar
Disposições favoráveis ao estudo	Capital cultural familiar
Disposições psicanalíticas ortodoxas	Disposições favoráveis ao estudo
Disposições políticas progressistas	Disposições psicanalíticas heterodoxas
Carla - A psicanalista ortodoxa com formação internacional	Disposições políticas progressistas
Elevado capital econômico familiar	Camila - A psicanalista socialista ou a "ovelha arco-íris" da família
Disposições favoráveis ao estudo	Baixo capital econômico familiar
Disposições psicanalíticas ortodoxas	Disposições favoráveis ao estudo e ao trabalho
Disposições políticas conservadoras	Disposições contestadoras
	Capital cultural
	Disposições psicanalíticas heterodoxas

	Disposições políticas progressistas
Região heterodoxa não estabelecida	Região heterodoxa estabelecida com elevados recursos
Lucas - O psicanalista ex-pastor ou o "erro na matrix"	Christian Dunker - O psicanalista da USP
Condições materiais de existência precárias	Formação em escola alemã tradicional de SP
Baixo capital escolar dos cuidadores	Elevado capital econômico familiar
Contexto e disposições religiosas	Disposições favoráveis ao estudo
Disposições psicanalíticas integrativas	Disposições psicanalíticas heterodoxas
Disposições políticas contraditórias	Disposições políticas progressistas
Larissa - A psicanalista humilde do interior	
Baixo capital econômico familiar	
Disposições favoráveis ao estudo e ao trabalho	
Disposições psicanalíticas integrativas	
Disposições políticas conservadoras	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Começamos apontando as semelhanças e diferenças internas às regiões. Na região ortodoxa do campo encontramos Ana e Carla, ambas com elevado capital econômico familiar, além de forte apetência para os estudos. A trajetória das duas parece revelar a importância, principalmente, do capital econômico para a inserção na região ortodoxa. As diferenças mais relevantes entre as duas parecem começar na trajetória acadêmica. Enquanto Carla concluiu sua graduação em Psicologia em uma universidade privada, Ana concluiu sua graduação também em Psicologia em uma universidade pública, após já ter feito uma primeira graduação em Engenharia Elétrica. Além disso, Ana ficou mais tempo na universidade, para cursar mestrado em Psicologia, enquanto Carla teve sua formação superior toda voltada para a clínica e não fez nenhuma pós-graduação. Assim, Ana teve mais contato com o contexto universitário, já Carla focou em sua formação psicanalítica e em sua atuação clínica. Essas diferenças entre as duas podem auxiliar a entendermos a diferença política entre seus posicionamentos.

Com disposições políticas progressistas, Ana declarou seu apoio ao posicionamento político de psicanalistas e enfatizou que não existe neutralidade política. Carla, com um posicionamento de não engajamento político e disposições moralistas, viu com temeridade o posicionamento de psicanalistas, mas concordou com a defesa da democracia. Talvez essas sutis diferenças possam ser melhor compreendidas se olharmos para as trajetórias acadêmicas

de cada uma. Sabemos que, a partir do espaço social construído, propriedades progressistas e de posicionamento político estão associadas às universidades. Assim, Ana por ter vivido uma trajetória mais longa em uma universidade pública, pode ter desenvolvido ou fortalecido disposições progressistas.

Apesar disso, não podemos deixar de notar o posicionamento moderado de Ana. Mesmo que se posicione mais expressivamente, ela ainda, assim como Carla, defende a ideia de uma separação entre o contexto clínico e o contexto político. Ambas enfatizam a questão da defesa de uma política partidária como um problema.

Na região heterodoxa estabelecida do campo, com capital acadêmico intermediário e pouco capital midiático, apresentamos dois psicanalistas com trajetórias bem distintas. Com pais formados em cursos superiores e formação escolar privada, Felipe possui um capital econômico consideravelmente maior do que Camila. Além disso, pelas condições econômicas e por morar em uma capital, Felipe teve a oportunidade de estudar em uma universidade pública, enquanto Camila precisou desistir da USP e terminar sua graduação em Psicologia em uma instituição privada, com o auxílio de programas do governo. Camila precisou trabalhar desde cedo, passando por diversas experiências laborais, enquanto Felipe começou sua trajetória apenas após formado em Psicologia.

Apesar disso, ambos tiveram um contato mais prolongado com a universidade, ele enquanto mestrando e ela enquanto residente em Saúde. Junto a isso, os dois tiveram figuras marcantes em suas trajetórias. Felipe conheceu a professora que foi sua orientadora de pesquisa no grupo sobre Psicanálise e Política. Lacaniana, a professora influenciou suas escolhas dentro da Psicanálise. Camila conheceu o professor que a acompanhou durante a graduação e a residência e que possibilitou sua ida para Tocantins. Além dos posicionamentos socialistas e antimanicomiais do professor e sua influência, a ida de Camila para Tocantins foi muito importante para reforçar seu incômodo com a família e o que ela representava. Embora com certas diferenças, Felipe e Camila tiveram forte influência da universidade e de professores em seus posicionamentos, que se assemelham. Os dois defendem uma politização da Psicanálise e são críticos à uma Psicanálise elitizada. Eles também se identificam como de esquerda e lacanianos.

Já na região heterodoxa não estabelecida do campo, temos dois psicanalistas que desafiam alguns pressupostos colocados pelos ortodoxos e heterodoxos estabelecidos. Suas trajetórias também possuem semelhanças: Lucas e Larissa são de origem pobre, têm a mesma idade, suas formações iniciais ocorreram em escolas públicas, se identificam como integrativos e fazem uso de práticas complementares. Uma das grandes diferenças está no contexto fortemente religioso em que Lucas cresceu e que foi muito influente em sua trajetória. A formação de Larissa não ocorreu a partir da igreja, ela concluiu o ensino superior e foi em busca de novas formações, chegando na Psicanálise.

Embora tenham essas diferenças de formação, ambos tiveram suas trajetórias longe de centros intelectuais e de universidades públicas. Suas formações não passaram pela graduação em Psicologia e aconteceram em contextos pouco progressistas e pouco críticos. Pois, enquanto Lucas teve sua formação através da igreja, Larissa se graduou em Processos Gerenciais em uma faculdade particular do interior. Talvez tudo isso ajude a entender a posição que ocupam no campo: defensores de uma ideia ortodoxa de neutralidade do psicanalista em todos os aspectos, e ao mesmo tempo integrativos, pouco preocupados com a coerência teórica e epistemológica da Psicanálise e focados na obtenção prática de resultados terapêuticos.

Pensando em uma comparação entre regiões, podemos destacar alguns pontos. Primeiramente, a divisão racial observada: os psicanalistas entrevistados da região ortodoxa e das duas regiões heterodoxas estabelecidas (embora Dunker não tenha sido entrevistado) são brancos, ao passo que os psicanalistas entrevistados da região heterodoxa não estabelecida são pretos, o que parece refletir as possibilidades de acesso em cada região, na qual a região heterodoxa não estabelecida permite mais fácil acesso, levando em conta os capitais econômicos, escolares e culturais. Pois, além da diferença racial, também existe uma forte diferença nas condições de existência entre as regiões mencionadas. A única exceção, de certa forma, é a de Camila, que mesmo com pouco capital econômico conseguiu se estabelecer na região heterodoxa estabelecida. Porém, mesmo sem muito capital econômico, Camila teve contato com sua família paterna de classe alta e sua formação passou fortemente pela universidade, onde adquiriu capital cultural. Ainda, salientamos uma característica em comum a maioria dos psicanalistas: a afinidade e apetência

por disciplinas das Ciências Humanas. Com exceção de Ana, que gostava muito de Física e Matemática e que inclusive fez graduação em Engenharia Elétrica, os outros possuem essa similaridade que os aproximou do campo da Psicanálise.

Em suma, através das entrevistas e da investigação acerca das disposições dos psicanalistas, ficou mais evidente que existem barreiras extremamente elevadas em termos econômicos para o ingresso na Psicanálise ortodoxa. Já no caso da Psicanálise heterodoxa estabelecida, o capital econômico familiar desempenha um papel relevante, porém, como ilustrado pelo exemplo da "ovelha arco-íris", existem outros caminhos possíveis baseados na aquisição de capital cultural por meio da participação em cursos universitários. A condição social de produção da heterodoxia não estabelecida parece estar associada à precariedade econômica nas origens sociais: sem o capital econômico necessário para a formação tradicional ipeísta e sem o reconhecimento do capital cultural adquirido na universidade, os entrevistados optaram pela Psicanálise selvagem oferecida de forma mais acessível pelo mundo exterior, fora das instituições ipeístas, universitárias ou lacanianas. É interessante notar que esse mundo inclui a igreja e a empresa. Em última análise, os não estabelecidos praticam algo semelhante a "feiticeiros", em comparação com os sacerdotes e profetas das regiões mais legítimas.

5 Considerações finais

A pesquisa realizada teve como objeto o campo psicanalítico brasileiro nos últimos anos do século XXI e os psicanalistas que a ele pertencem. Como esperamos ter demonstrado, a Psicanálise está presente no Brasil há mais de um século e exerce influência em diferentes esferas do social, como na saúde, na política e na cultura. Assim, sua presença e as práticas exercidas pelos psicanalistas se tornam relevantes para a investigação sociológica.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar as propriedades e a estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo, bem como as disposições dos psicanalistas brasileiros. Portanto, o intuito foi utilizar o modelo bourdieusiano de campo e de disposições para apreender e investigar a Psicanálise no Brasil. Para tal, combinamos abordagens metodológicas qualitativas e quantitativas, para que alcançássemos uma compreensão mais abrangente acerca do objeto de estudo.

Sendo assim, em um primeiro momento, utilizamos a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) para construir um quadro do espaço social dos psicanalistas. Em seguida, a partir dos resultados obtidos na ACM, investigamos de forma aprofundada a trajetória de sete psicanalistas selecionados, utilizando entrevistas semiestruturadas e dados disponíveis em fontes públicas.

Ainda, cabe lembrar, realizamos a pesquisa a partir das seguintes hipóteses: conjecturamos que as instituições de formação psicanalítica teriam forte papel na estruturação do campo. Nesse sentido, partimos da hipótese de que poderíamos encontrar uma divisão tripolar no campo, baseada na separação das instituições mais tradicionais e antigas, das instituições mais ligadas às escolas lacanianas e à Universidade, e das instituições religiosas e integrativas. Ademais, também conjecturamos que o posicionamento político dos psicanalistas estaria relacionado ao lugar ocupado nessa divisão tripolar, podendo variar de conservador a progressista em função do tipo de formação realizada.

Diante do exposto, chegamos aos seguintes resultados. A partir da ACM, chegamos às principais oposições do campo e em sua estruturação, portanto, os resultados apontaram a divisão em duas dimensões principais: por um lado,

na primeira dimensão, as principais oposições emergiram em relação a propriedades acadêmicas e midiáticas; por outro, na segunda dimensão, as oposições se manifestaram em termos de trajetória e filiação psicanalítica, distinguindo instituições mais ortodoxas das heterodoxas.

Dessa forma, podemos afirmar que parte da nossa hipótese se confirmou, pois as instituições de formação, de fato, tiveram um papel importante na estruturação do campo e dividiram o espaço em torno das instituições mais tradicionais ou ortodoxas, das instituições lacanianas e universitárias e das instituições religiosas e integrativas, isto é, indo de um polo ortodoxo a um polo heterodoxo. Porém, ao mesmo tempo, as propriedades acadêmicas e midiáticas também tiveram forte contribuição nas oposições criadas, fazendo com que, ao invés de uma divisão do campo em três regiões, tenhamos uma divisão em quatro regiões.

Portanto, as oposições permitiram a identificação de diferentes perfis de psicanalistas, incluindo o ortodoxo com recursos limitados, o heterodoxo estabelecido com amplos recursos acadêmicos e midiáticos, o heterodoxo estabelecido com recursos acadêmicos intermediários e poucos recursos midiáticos, e o heterodoxo extremo e não estabelecido, compartilhando características limitadas em termos acadêmicos e midiáticos, semelhantes aos ortodoxos. As oposições e os perfis identificados parecem, de fato, representar oposições significativas no espaço social, refletindo a história do campo e as disputas em torno dos diferentes capitais envolvidos.

Ademais, em relação ao posicionamento político dos psicanalistas, a partir da ACM encontramos uma relação entre os heterodoxos estabelecidos e posicionamentos progressistas, entre os heterodoxos não estabelecidos e posicionamentos conservadores, e entre os ortodoxos e a ausência de posicionamento político. Assim, em um primeiro momento, estes resultados parecem ir ao encontro do que conjecturamos.

Ainda, no capítulo sobre a configuração do campo psicanalítico brasileiro, trouxemos alguns conflitos que ocorreram e o posicionamento de psicanalistas e instituições das diferentes regiões do campo para tornar mais palpável o resultado da ACM e, assim, utilizar o modelo resultado para auxiliar no entendimento de eventos concretos que ocorrem no campo.

No quarto e último capítulo, aprofundamos nossa investigação acerca dos psicanalistas brasileiros nos baseando nas diferentes regiões e nos diferentes perfis encontrados. Sendo assim, conseguimos realizar entrevistas com seis psicanalistas de três regiões diferentes e precisamos partir para dados públicos para investigar um psicanalista da região heterodoxa com elevado capital acadêmico e midiático.

Através das entrevistas realizadas, conseguimos aprofundar nossa compreensão acerca dos contextos de socialização de cada um dos psicanalistas. Assim, encontramos em psicanalistas pertencentes às mesmas regiões do campo semelhanças e diferenças que refletem a trajetória singular de cada um. Em suma, atestamos a importância do capital econômico familiar para o pertencimento à região ortodoxa do campo, por ser uma região que exige uma formação com altos custos econômicos e também bastante tempo de dedicação. Já na região heterodoxa estabelecida com capital acadêmico intermediário e pouco capital midiático, o capital econômico não parece ser indispensável. Em vez disso, o capital cultural adquirido na universidade e em instituições lacanianas parece ser central. Enquanto isso, na região heterodoxa não estabelecida, encontramos disposições para o trabalho, além de condições econômicas de existência na infância e adolescência muito precárias. Distantes das universidades públicas e de centros intelectualizados, suas formações ocorreram longe de contextos progressistas e críticos, e enfatizaram os resultados terapêuticos obtidos de suas práticas. Apesar dessas diferenças, encontramos em todos os psicanalistas disposições para o estudo e, em cinco dos seis entrevistados, apetências para as disciplinas de Ciências Humanas, o que auxiliou na aproximação com a Psicanálise.

Infelizmente, não conseguimos realizar entrevistas com os psicanalistas da região heterodoxa estabelecida com elevado capital acadêmico e midiático, o que em si parece revelar o prestígio destes psicanalistas. Isto é, muito requisitados, eles são de difícil acesso. Apesar disso, o breve perfil que construímos acerca de Christian Dunker demonstra sua forte relação com a academia e com escolas lacanianas, bem como um forte engajamento político com pautas progressistas.

Aliás, sobre o posicionamento político dos psicanalistas, esta segunda etapa da pesquisa confirmou apenas em parte nossa hipótese. Apesar de existir

afinidades entre as regiões do campo e os posicionamentos políticos sustentados pelos psicanalistas, existem algumas complexidades que fazem parte da trajetória de cada psicanalista que desafiam as propriedades de cada região. Isto é, em cada região existe uma pluralidade de posicionamentos que refletem as condições de existência e de socialização de cada ator e que não se encaixam perfeitamente nos modelos construídos.

Sendo assim, acreditamos que os resultados obtidos com a pesquisa foram coerentes com a proposta inicial, confirmando algumas de nossas hipóteses e questionando os limites de outras. Reconhecemos as limitações de nossa pesquisa, principalmente por não termos conseguido acessar os psicanalistas de todas as regiões propostas, e, portanto, indicamos essa limitação como um guia para a realização de futuras pesquisas. De todo modo, cremos que a pesquisa realizada contribui para a compreensão da Psicanálise no Brasil, pois, até onde podemos afirmar, não tínhamos um quadro geral acerca da Psicanálise brasileira contemporânea. Além disso, também esperamos contribuir para com o conhecimento sociológico, a partir do uso de importantes conceitos de nossa área científica.

Referências

ALARCÃO, Gustavo; MOTA, André. O discurso de Antônio Carlos Pacheco e Silva sobre a psicanálise: São Paulo, 1926-1979. **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 272-285, 2019.

AMENDOEIRA, Wilson. A articulação das entidades psicanalíticas brasileiras. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 52, n. 4, p.187- 192, 2018.

BELEM, Marcela Purini. Bourdieu e a estatística. **Revista Sem Aspas**, v. 11, n. 1, p. 1-18, 2022.

BINKOWSKI, Gabriel. Os evangélicos e a peste: o desejo neopentecostal pela psicanálise como um cavalo de Tróia. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. 8, p. 5, 2019. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-05/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **El sentido práctico**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2010.

_____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994, pp. 46-86.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre; Wacquant, Loic. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

CAMPOS, Iara Bastos; SANTANA, Wendecley Alves. Mídia, memória e acontecimento: discursos sobre a psicanálise nos jornais O Globo e Jornal do Brasil (1980-1981). Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Uberlândia, MG, 2015.

CANTU, Rodrigo. **A ciência dos economistas: entre dissensos científicos e clivagens morais**. 134 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CARVALHO, Cíntia Ávila de. **Os psiconautas do Atlântico Sul: uma etnografia da psicanálise**. Campinas: Editora da UNICAMP; Vitória: EDUFES. 1998.

CASTRO, Rafael Dias de. A recepção da psicanálise no Rio de Janeiro: subsídios para os debates sobre histeria, nervosismo e sexualidade, 1908-1919. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, p. 171-177, 2017.

DUVAL, Julien. O espaço do jornalismo econômico na França. **Plural**, v. 27, n. 2, p. 355-376, 2020.

FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise Modernista no Brasil: um Recorte Histórico. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, v.13, p.115-137, 2003.

FERREIRA, Antônio Honório. Classificação racial no Brasil, por aparência ou por origem. **Encontro Anual Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)**, ed. 36, 2012.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. **Nos bastidores da psicanálise: sobre política, história, estrutura e dinâmica do campo psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

FONTOURA, Luís Fernando de Resende; ALBINO, Araceli; SILVEIRA, Rodrigo Eurípedes da; SANTOS, Álvaro da Silva. A psicanálise diante da pandemia de COVID-19: traumas, desafios e perspectivas. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 10, n. 2, p. 370-387, 2022.

FREUD, Sigmund. Autobiografia. In: **Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

_____. Psicanálise e teoria da libido. In: **Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

GALVÃO, Luiz de Almeida Prado. Pré-história e história da Revista Brasileira de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 50, n. 1, p. 114-118, 2016.

GARCIA, Estevan de Freitas. **Entre disposições práticas e militantes: as trajetórias de jovens jornalistas gaúchos e suas relações com o campo jornalístico**. Orientador: Pedro Alcides Robertt Niz. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

HEY, Ana Paula. Bourdieu epistêmico-prático: o espaço de produção acadêmica em Educação Superior no Brasil. **Educação & Linguagem**, v. 10, n. 16, p. 86-105, 2007.

KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 86, p. 68-97, 2018.

LEROUX, Brigitte; ROUANET, Henry. **Multiple correspondence analysis**. California: SAGE, 2010.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. **Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o sujeito e o indivíduo**. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Iara Maria de Almeida Souza.

2009. 134 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

LIMA, Denise Maria de Oliveria; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Habitus e identificação: uma contribuição da sociologia e da psicanálise para a psicologia social em pesquisa de campo. **Diálogos Possíveis**, v. 17, n. 2, 2019.

LOPES, Anchyses Jobim. A sobrevivência da psicanálise no Brasil: O Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. **Estudos de Psicanálise**, n. 52, p. 161-172, 2019.

MANSANERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília da. A influência das ideias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil. **Psicologia em estudo**, v. 5, p. 115-137, 2000.

NETO, Antonio José Pedroso. O espaço dos jornalistas da economia brasileiros: gerações, origem social e dinâmica profissional. **Repocs**, v.12, n.23, jan/jun. 2015.

NUNES, Silvia Alexim. Da medicina social à Psicanálise. *In*: BIRMAN, Joel (Org.). **Percursos na História da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988, p. 61-122.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. A historiografia sobre o movimento psicanalítico no Brasil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 5, p. 144-153, 2002.

_____. Sob o discurso da “neutralidade”: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, p. 79-90, 2017.

PETERS, Gabriel. A violência da (in) compreensão. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 34, n. 1. p. 5-30, 2022.

PIMENTEL, Déborah. Regulamentação da profissão de psicanalista. **Estudos de Psicanálise**, n. 34, p. 27-30, 2010.

ATO Psicanalistas Pela Sustentação E Apoio Incondicional À Democracia No Brasil. **Psicanalistas pela Democracia**, São Paulo, 7 de abr. 2016. Disponível em: [Ato Psicanalistas pela sustentação e apoio incondicional à democracia no Brasil – PSICANALISTAS PELA DEMOCRACIA \(psicanalisedemocracia.com.br\)](http://ato-psicanalistas-pela-sustentacao-e-apoio-incondicional-a-democracia-no-brasil-PSICANALISTAS-PELA-DEMOCRACIA(psicanalisedemocracia.com.br)). Acesso em: 30 de mai. 2023.

PONTES, Nicole Louise Macedo Teles de. HABITUS E LIBIDO SOCIAL: revisitando Bourdieu através da psicanálise. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 17, 2011.

QUEIROZ, Renata Leal de. **Psicanálise na rua: notas de um encontro**. 2020, 123 f., Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

RAGIN, Charles C. **La construcción de la investigación social: introducción a los métodos y su diversidad**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad de los Andes, 2007.

REVISTA CULT. Como se forma um psicanalista? São Paulo, **Bregantini**, ano 25, n. 283, jul. 2022.

ROUANET, Henry; ACKERMAN, Werner; LE ROUX, Brigitte. A análise geométrica de questionários: a lição de La Distinction de Bourdieu. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 15, 2017.

RUSSO, Jane A. Raça, psiquiatria e medicina-legal: notas sobre a “pré-história” da psicanálise no Brasil. **Horizontes antropológicos**, v. 4, p. 85-102, 1998.

SANTOS, Leandro dos. **A psicanálise no Brasil antes e depois de Lacan: posições do psicanalista nessa história**. São Paulo: Zagodoni, 2019.

TORQUATO, Luciana Cavalcante. História da psicanálise no Brasil: Enlaces entre o discurso freudiano e o projeto nacional. **Revista de Teoria da História**, v. 14, n. 2, p. 47-77, 2015.

VALE, Eliana Araújo Nogueira do. **Os rumos da psicanálise no Brasil: um estudo sobre a transmissão psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 2003.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro utilizado nas entrevistas		
Bloco temático	Questão gerativa	Outras questões
Sobre a família	Podemos começar falando sobre a trajetória da sua família e sua relação com ela? (quem são os pais/avós, o que faziam/fazem, origens etc.)	Alguma figura importante que o inspirou? Como foi a educação?
Sobre a trajetória escolar	Agora eu gostaria de ouvir sobre a sua vida escolar. Como foi a inserção na primeira instituição de ensino e nas diferentes fases do sistema escolar? (infância e adolescência).	Como era sua relação com estudos? Como era seu aprendizado? Frequentou escola pública ou particular? Fez algum curso (técnicos, profissionalizante)? Fez amizades? Possuía algum professor preferido? E matérias favoritas?
Sobre a formação acadêmica	Você pode falar sobre o período da graduação e da pós-graduação (se houver)?	O que fez escolher o curso que escolheu? Por que decidiu fazer faculdade? Teria escolhido outro curso/carreira? Por que decidiu cursar pós-graduação? Quais disciplinas e professores preferidos?
Sobre a trajetória e formação psicanalítica	Agora adentrando na temática sobre psicanálise: qual foi seu primeiro contato com a psicanálise? Fale um pouco sobre o início e o desenrolar do seu contato e formação.	Passado: O que fez você escolher a formação psicanalítica? Você teve apoio ou não? Onde fez a formação? Quanto tempo durou? Quantos anos tinha? Quanto custou? Presente: pensando em todas as atividades que envolve atuar como psicanalista, como você divide o seu tempo? O que a psicanálise significa para você atualmente? E o que significou antes? Algo mudou? Futuro: Você se vê fazendo algo diferente futuramente?
Sobre o posicionamento psicanalítico	Pensando em todas as escolas/correntes psicanalíticas, como você se posiciona em relação a elas? Você segue alguma específica?	Por quê? O que pensa dessas divisões? Em relação a polêmicas envolvendo a formação, qual é a sua opinião? O que você acha de uma graduação em psicanálise? O que você acha de abordagens ligadas à religião/espiritualidade? E sobre as clínicas abertas de psicanálise? E sobre psicanalistas conhecidos na mídia? E psicanalistas atuando em universidades?
Sobre o posicionamento político	Vejo muitos psicanalistas envolvidos em pautas e debates políticos, principalmente durante a última eleição. Como você	Para você o psicanalista deve ou não se posicionar? Por que você se posiciona dessa forma? Desde quando? O que foi ensinado sobre na formação?

	se posiciona politicamente?	
Sobre o trabalho	Para além da experiência psicanalítica, você exerceu/exerce alguma outra atividade remunerada?	Se sim, qual? Por qual motivo? Como foi/é?

Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada (o) participante,

Meu nome é Amanda Albuquerque Peres e sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no qual realizo pesquisa sob orientação do professor Dr. Rodrigo Cantu, com o título provisório de "O campo psicanalítico brasileiro: entre propriedades e disposições". A pesquisa visa mapear o campo psicanalítico brasileiro e compreender os repertórios disposicionais dos psicanalistas nele inseridos.

Sua participação envolve uma entrevista que durará, em média, entre 1h-2h, podendo ser gravada caso você autorize. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na divulgação dos resultados deste estudo, garantimos a mais estrita confidencialidade de sua identidade. Seu nome será substituído, e todas as informações que possam revelar sua identificação serão omitidas. É importante ressaltar que, embora sua participação não conceda benefícios diretos, sua contribuição é de extrema importância para a compreensão aprofundada do tema em análise e para o avanço do conhecimento científico.

Possíveis dúvidas relativas à pesquisa poderão ser solicitadas a qualquer momento.

Atenciosamente,

Amanda Albuquerque Peres

Pelotas, 2023

Declaro que li e consinto em participar deste estudo, sabendo que receberei por e-mail uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do(a) participante

Local e data